



**Contadores,  
Narradores  
e Intérpretes**

*O Bom Pensamento*

**Organizadoras:**  
Maria Aparecida Lopes Nogueira  
Maria do Socorro F. V. Figueirêdo  
Sandra Simone Moraes de Araújo

Maria Aparecida Lopes Nogueira  
Maria do Socorro F. V. Figueiredo  
Sandra Simone Moraes de Araújo

[Organizadoras]

---

---

# O Bom Pensamento: contadores, intérpretes e narradores

---

---

Editora  
Universitária  UFPE

Recife, 2009

UFPE



Catálogo na fonte:  
Bibliotecária Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

B695 O bom pensamento : contadores, intérpretes e narradores / Organizadoras: Maria Aparecida Lopes Nogueira, Maria do Socorro F. V. Figueiredo, Sandra Simone Moraes de Araújo. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2009. 120 p.

Vários autores.  
Inclui bibliografia.  
ISBN 978-85-7315-771-0 (broch.)

1. Pensamento. 2. Contadores de histórias. 3. Crônicas Brasileiras. I. Nogueira, Maria Aparecida Lopes (Org.). II. Figueiredo, Maria do Socorro F. V. (Org.). III. Araújo, Sandra Simone Moraes de. (Org.).

159.955  
153.43

CDU (2.ed.)  
CDD (22.ed.)

UFPE  
BC2010-113

O Bom Pensamento:  
contadores, intérpretes e narradores

# Apresentação

Memórias, encantações, mistérios, confissões, saberes, linguagens, paixões. Lições de vida: solidariedade, ética, estética e o desejo de mudar o mundo.

O Bom Pensamento: contadores, intérpretes e narradores constitui um belo repertório de filigranas, descobertas, certezas, criações, desassossegos. Permite enovelar ciência e arte, ciência e mito, ciência e sociedade.

O bom pensamento é constituído pelos ensinamentos da natureza e da cultura. Segundo Mestre Raimundo, contador de histórias, morador da cidade do Crato no estado do Ceará, “as histórias são como a terra na qual se plantam as músicas. A pessoa pode não ter estudo, mas tem que ter um pensamento bom, porque é pelo pensamento que a gente verifica, presta atenção a tudo, sabe do tempo, do inverno, dos astros”.

Embora cada texto traga consigo as marcas de mansidão e dor que embalam as múltiplas trajetórias dos autores que compõem este livro, todos foram guiados pelo bom pensamento, que possibilita visualizar uma imagem não-perdida: uma roda aquecida pela presença de todos ao redor de uma fogueira abrasadora, onde discutem que a existência é efêmera e reconhecem estupefatos as semelhanças entre seus textos. Afinal, eles - os textos - conversam entre si; como se juntos, formassem uma espécie de mandala repleta de desvios, flutuações, encruzilhadas e labirintos que reafirmam - simultaneamente – o sonho de uma única Via.

No movimento de compor o livro, optou-se pela organização em ordem alfabética dos autores, com o objetivo de propiciar ao leitor a definição de seu próprio percurso.

Como todo e qualquer ordenamento e/ou classificação, esse também é insuficiente para apoiar a leitura. Por isso será necessário apurar os sentidos e lançar mão de reservas cognitivas para que, a inquietação contemporânea suscitada pelos limites da ciência e da condição humana, ecoe nas tonalidades da finitude de um tempo que não cessa de descolorir.

Tais estratégias serão capazes de amenizar essa mania incorrigível de tentar desvendar todos os enigmas? É possível considerar o imponderável? Reconhecer as múltiplas possibilidades do real? Ser mais flexível e criativo? Apostar na aventura da vida e do conhecimento?

Há respostas para essas e outras indagações? Ou elas são apenas indícios, chamadas de vida, anteparos, balizamentos? O fato é que atravessam todos os textos como uma rajada de vento ou uma ordem implicada.

Por fim, resta agradecer a todos que colaboraram para viabilizar este livro: os autores; os integrantes do Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros (NASEB); os alunos da disciplina Projeto de Composição Gráfica, ministrada pela Professora Maria das Graças Vanderlei da Costa, do curso Superior de Design Gráfico do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), ingressos no 2º. Semestre de 2007; a Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco e a Pró-Reitoria de Extensão da mesma universidade, na pessoa da Pró-Reitora Solange Coutinho.

Maria Aparecida Lopes Nogueira  
Maria do Socorro F. V. Figueiredo  
Sandra Simone Moraes de Araújo  
[Organizadoras]

# Prefácio

É com alegria que prefaciamos o livro *O Bom Pensamento: contadores, intérpretes e narradores*, organizado por Maria Aparecida Lopes Nogueira, Maria do Socorro Figueiredo e Sandra Simone Moraes de Araújo, integrantes do Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros – NASEB/UFPE.

Na condição atual de gestora da política extensionista da UFPE, a qual tem como um de seus objetivos o estímulo à publicação do conhecimento que articula o saber popular ao saber erudito, não poderia deixar de compartilhar o contentamento que senti ao descortinar os diferentes percursos de cada um dos textos selecionados.

Este livro nos presenteia com a força e a vitalidade das suas autoras e dos seus autores, e com memórias impregnadas de corpo e de espírito, de natureza e de cultura, de poesias e de nostalgias, sempre regadas pelo bom pensamento.

Com efeito, sem pretender uma análise teórico-cultural de seus termos, suas histórias nos fazem refletir sobre o poder criador da palavra, em sua abrangência. Histórias que possibilitam ao leitor/ouvinte recriá-las e eternizá-las na tecitura da vida, ao interligar o presente ao passado e nos mover para um futuro expandido e aberto. Histórias que envolvem narradores, reinos e ouvintes com poderes de refazer espaços, capturar o tempo, religar o real ao imaginário, o mito à razão. Misturando encantamento e sedução no bordado das palavras, no transcorrer das águas, quase à beira do abismo do fluxo contínuo da imaginação.

As narrativas orais aqui apresentadas com fundamentação, sensibilidade e emoção, em um vasto repertório, característico dos conhecedores das nossas tradições, são um convite a caminhar na rua com a Negritinha do vestido cor de rosa, a chegar perto do cachorro filósofo, a se assombrar com um farol que anda na maré, a rir com um papagaio que late como cachorro, a fugir dos Caretas de Triunfo, e tantas outras aventuras

e personagens que ganham vida nas histórias contadas. Nas histórias decifradas e encantadas dos inúmeros contadores, narradores, pensadores, letrados e não letrados, mantêm-se acesa a nossa Cultura, revitalizando, por meio das palavras, os sonhos e as esperanças do seu povo.

Nessa reserva poética literária, o leitor ouvinte deixa-se levar pela voz de Dona Lourdes e suas histórias de assombração de mil novecentos e antigamente; senta-se na beira da praia com os pescadores, conhecedores de segredos e mistérios; escuta uma velha avó bordando e cantando, delicia-se com as narrativas de Dona Pretinha e com os gestos, a voz, as mãos e as palavras, desde os árabes até os sertanejos, contadas com sentimentos pelos profissionais da voz, homens e mulheres de espetáculos, velhos e novos sabedores de infinitas histórias.

Só nos resta desejar então que a leitura desta produção diferenciada liberte o nosso bom pensamento. Que ele possa transcorrer livre e desnudo ao navegar nas águas do Açude de Apipucos, no rio Capibaribe e no “Velho Chico”; ao voar e chegar a uma Conferência Planetária em Marte, ou ainda, ao adentrar nas ruínas das cidades subterrâneas que se apossam do céu; ao aportar em uma empolgante aula espetáculo do Mestre Ariano Suassuna, narrada em cadeia e sempre seguida de muitos aplausos.

A cada página, o leitor é desafiado a uma nova reflexão a nos ensinar que a narrativa é uma seiva potente para o enfrentamento da lógica individualista, pessoal, utilitária, tão natural ao mundo fragmentado em que vivemos.

Por tudo isso, a PROEXT não só apóia essa bela iniciativa do NASEB, como recomenda a sua leitura e compartilha com as suas autoras e os seus autores da compreensão de que somos, ao mesmo tempo, produtos e produtores da tradição cultural, que aqui se mostra e se revela com o fervor de nossa rica tradição oral.

Parabéns a toda a Equipe do Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros – NASEB/UFPE.

Solange Coutinho

Pró-Reitora de Extensão da UFPE

# Negritinha<sup>1</sup>

---

Joanice Santos Conceição

Numa cidade chamada Mutuípe, lá no recôncavo baiano, morava uma criança negritinha, chamada Virgínia.

Virgínia era a sexta filha de sete irmãos. Na casa via seu pai, seus irmãos e irmãs e sua mãe. Seu pai era um pequeno agricultor, que como tantas outras famílias haviam deixado a zona rural para procurar melhores condições de vida na cidade, exercendo assim, diversos tipos de trabalho, desde limpezas de jardins a pequenas hortas contratadas por moradores da cidade e chácaras próximas a zona urbana.

Sua mãe era uma excelente lavadeira e passadeira, por isso era conhecida por todas as famílias mais abastadas da pequena cidade pelo trabalho que exercia.

A negritinha via na profissão de sua mãe a possibilidade de ir ao centro da cidade todas às vezes que ela ia pegar as roupas das patroas. Nessas ocasiões colocava-se à frente da mãe com seu único vestido de sair. Era um vestido cor de rosa.

Com voz de gente grande dizia: quero ir com você, quero lhe ajudar!

Algumas vezes a mãe permitia que Virgínia a acompanhasse; então ela ficava muito feliz, assim poderia ver as vitrines, ganhar um docinho das patroas e, quem sabe, uma boneca.

A negritinha caminhava atrás da mãe com uma pequenina trouxa de roupas na cabeça.

Quando por algum motivo Virgínia não aparecia junto com a mãe, as patroas perguntavam: a menina do vestidinho cor de rosa não veio lhe ajudar?

Era assim que Virgínia era conhecida, por isso quando passava muita gente dizia: Lá vai a negritinha.

---

<sup>1</sup> Esta história teve sua origem na Faculdade de Educação da Universidade do Estado da Bahia, no ano de 1996, na disciplina de literatura infantil, ministrada pela professora Maria Antonia. Tendo sido indicada para publicação.

Lá vai a negritinha a com sua trouxa na cabeça.

Lá vai a negritinha com seu vestido cor de rosa.

Lá vai a negritinha com suas pernas cinzentas, levando sua pequenina trouxa.

Lá vai a negritinha....

Um dia Virgínia observava sua mãe se arrumar para fazer o que sempre fez às segundas-feiras: buscar roupas para lavar.

Como das outras vezes, procurou seu vestido cor de rosa e não encontrou. Perguntou a irmã mais velha onde estava o vestido e ficou sabendo que a mesma o havia lavado e que estava secando no sol.

Virgínia ficou apreensiva e disse para a mãe: espere só um pouquinho até que o vestido seque que vou também. Neste meio tempo Virgínia passava a todo instante a mão no vestido alertando a mãe que este logo secaria e elas, então, poderiam ir. Mas o vestido estava muito molhado e não secaria a tempo, como desejava a negritinha.

De repente, ouviu a voz da mãe: filha, eu preciso ir, não poderei lhe esperar, tenho que voltar logo para lavar e passar as roupas que já estão secas. Além disso, preciso preparar o almoço.

Virgínia abriu o berreiro e começou a chorar e suplicou a mãe que a esperasse:

Esperem mainha, ele já vai secar, espere, espere.....

Sua mãe ficou triste vendo a menina daquele jeito, mas nada podia fazer, pois Virgínia só tinha aquele vestido, as outras roupas eram velhas demais para ir ao centro. Por alguns instantes suas lágrimas quase rolaram, e disse à negritinha, enquanto se afastava: olha meu bem, outro dia eu a levo, e, quando receber o dinheiro dessa lavagem, compro um doce para você.

Virgínia sentou-se junto ao vestido e começou a chorar e a repetir por minutos a mesma frase: ele já vai secar, ele já vai secar, ele já vai secar!!!

Naquele momento a negritinha se deu conta que só tinha aquele vestido e logo se lembrou das frases que ouvia quando passava com sua mãe:

Lá vai a negritinha com suas pernas cinzentas, com seu vestido cor de rosa.

Vai à rua.

Vai à escola.

Vai ao templo religioso.

Vai à festa.

Vai a todo lugar.

Aquele fato marcou a vida de Virgínia, por isso todas as vezes que caminhava pelas ruas com sua trouxa na cabeça e seu vestido cor de rosa carregava, além de roupa, o sonho, a esperança e o desejo de ter um vestido de uma outra cor.

Entrei na casa pela porta da sala e saí pela porta da cozinha; quem quiser que conte outra historinha.

# Perscrutando os Caminhos de Irena<sup>1</sup>

---

Bárbara Luna de Araújo

A arte de narrar esteve presente em toda a história da humanidade. A figura do narrador muitas vezes foi associada com a do guardião das tradições de um povo. Compartilhar experiências através da oralidade como mecanismo de ordenação do mundo era seu ofício e, através dele, gerações foram formadas encontrando nas narrativas uma espécie de alimento para a alma. Para Clarissa Pinkola Estes (1998) a vida de um guardião de histórias “*é uma combinação de pesquisador, curandeiro, especialista em linguagem simbólica, narrador de histórias, inspirador, interlocutor de Deus e viajante do tempo*” (p. 9-10). Ou seja, o contador de histórias seria tão necessário à sociedade quanto um homem da ciência ou um líder religioso.

Porém, em 1936, Walter Benjamin dera a seus leitores a fatídica previsão: “*a arte de narrar está em vias de extinção*” (1988: 197). É que para o sociólogo da Escola de Frankfurt, a cidade moderna nascera como um monumento à escrita estando a oralidade, portanto, fadada ao esquecimento. Mobilizada por tal premissa e acreditando, como faz Maria Aparecida Lopes Nogueira (1998) que “*a cidade é um livro-texto que se deixa desnudar pelo narrador*” (p. 117), entendo que contadores de histórias e o que suas narrativas são nossos contemporâneos; portanto, têm muito a dizer sobre o Recife.

Entretanto, a narrativa sobre a cidade que me interessa são as histórias de assombração. Eis uma delas, contada por minha avó D. Lourdes, “*histórias de antigamente, de mil novecentos e antigamente*”<sup>2</sup>:

“Essa foi verídica. Eu tenho uma amiga que eu tenho ela como mãe. Quando eu conheci ela, eu tinha dezenove anos. Ela tinha duas filhas, uma da minha idade, que eu tinha dezenove e ela tinha dezenove também. Casada, três filhos e eu era casada também tinha três filhos. A dela

---

<sup>1</sup> Irena é um nome carinhoso que em húngaro se dá a quem conta histórias. (Estes, 1998).

<sup>2</sup> Depoimento colhido por mim em 04 de julho de 2008.

do mês de agosto e eu do mês de agosto também, só que eu sou logo do dia três e ela do dia vinte e seis. Tinha uma filha moça ainda, com quinze anos e a gente era muito amiga, amiga até hoje, amiga até hoje! Uma já faleceu, mas não deixa de ser minha amiga, outra tá numa cadeira de rodas, mas não deixa de ser minha amiga. A mãe tá com oitenta e dois anos, sempre eu vou lá visitar, tomo a benção como se ela fosse minha mãe porque, realmente, uma amizade de cinqüenta e poucos anos não é mole, né? Sem nunca haver um atrito, uma cara feia, nada! A gente era como se fosse três irmãs e ela a mãe da gente. E a dona da casa, na época era nova também. Agora ela tá com oitenta e dois anos, mas ela era nova, as filhas... Dessas pessoas que casa nova como eu, né? Que casei com quinze anos, com dezesseis fui mãe aí tem aí essa turma toda de neto e tudo. E ela tava com uns cinqüenta e poucos anos, trabalhava no Hotel 4 de Outubro e gostava de um rapaz que era da polícia.

Quando foi um dia ele ligou para ela e disse: ' - Nininha vem para cá, para aqui para casa, quando tu largar para eu te contar uma coisa que aconteceu'. Ela disse: ' - O que foi rapaz, o que foi?'. Ele disse: ' - Não, eu atirei aí num cara e tô aqui na casa do meu pai aqui em Santo Amaro na Cruz do Patrão'. Ela já tinha ido lá uma vez, né? Mas, ela muito comodista e só dorme quatro horas por noite ainda hoje é assim, ela não conseguiu dormir. Fica ali em Santo Amaro. Eu não me lembro bem agora o local porque faz muitos anos que eu tive nesse lugar. É um braço de mar. Aí aquelas ondinhas chá, sabe? É um mar, mas é um braço já de mar, como um braço de maré. Aí aquelas ondinhas chá. Não é mar mesmo aberto. Aí ela disse que não conseguiu dormir e disse: ' - Bora lá para beira da praia'. Aí eles foram. Ela se sentou, os três, o sogro e ela no meio e ele. Ela disse que nisso quando olhou no relógio, disse: ' - Cinco para meia-noite, mas eu não vou dormir, vou deixar amanhecer o dia'. Quando ela olha lá vem uma coisa saindo dentro d'água, assim se levantando, longe... Ela disse: ' - Meu Deus do Céu! O que é aquilo? Aquilo é um homem dentro d'água essa hora é?'. Aí os outros ficaram assim... E o cara se levantando, só que o cara era muito grande como que fosse cheio de folha. Veio de dentro do mar e foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo, daqui a pouco veio andando na direção deles. Ele disse: ' - Nininha vamos correr que essa coisa vem para o lado da gente'. Só que eles correram e ela não teve força de sair do canto e lá vem ele. Ela disse que sabia que ele ia conversar com ela, dizer alguma coisa e ela querendo correr, mas não tinha força para se levantar. E ele gritando: ' - Nininha vem-te bora Nininha! Essa coisa tá vindo para teu lado!'. E ele já ia saindo de dentro d'água, cada pé desse tamanho, era um monstro. Ele ia saindo e a água xaco, xaco, xaco, como se fosse cheio de folha xaco, xaco, xaco. Ela disse que quando ele foi saindo de dentro d'água ela teve força de se levantar aí recuou e saiu de costas, de costas, de costas e deu as costas e foi embora. Isso ela diz

a mim, dizia aos outros: ‘ - Nunca vá para praia de meia-noite em ponto’. E eu já fiz tanto isso! Mesmo ela dizendo, cansei de fazer que eu morava na beira da praia ia com tudinho tomar banho de madrugada na praia.” (04/07/2008)

Através desse relato podemos confirmar a tese de Benjamim: “*a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores*” (1988: 198). Para o autor, a faculdade inerente a todo contador é a capacidade de trocar experiências. Praticando o exercício da escuta, D. Lourdes aprendeu a contar. Contando experiências vividas ou escutadas contribui para que tais narrativas não se percam no tempo. Ela é, portanto, uma guardiã das histórias. Além de contar relatos fortemente ligados ao capital cultural de um povo, narra fatos que se confundem com sua própria vida.

Ao iniciar sua narração com a frase “Essa foi verídica” e ao citar outras pessoas que vivenciaram o acontecimento, D. Lourdes lança mão de recursos que garantem veracidade ao fato narrado. Novamente recorrendo a Benjamin: “*os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir*”. (Idem: 205). Daí surge a necessidade de contextualizar sua narrativa, pintar o quadro da situação na qual a história lhe foi passada. Citando o que aconteceu com a amiga, “*que era como se fosse uma mãe*”, D. Lourdes traz elementos importantes de sua própria vida. A idade com a qual se casou, o respeito pela amizade que conquistou há mais de cinquenta anos, a desobediência aos ensinamentos morais trazidos pela história.

Maria de Lourdes Araújo nasceu no coração do Recife, bairro do Derby, em 03 de agosto de 1938. Casou-se, como afirma na narrativa, aos quinze anos de idade e continuou morando na casa de sua mãe até os dezoito anos. Era um sobrado com mais de um século, localizado na Rua Bernardo Vieira de Melo, bairro do Recife, onde funcionava uma pensão e um fabrico de bolo. Além da família, dos inquilinos e dos empregados, residiam também ali fantasmas, espectros que de vez em quando apareciam para assustar os mais desavisados<sup>3</sup>. No local onde passou sua infância, circulavam não só pessoas e mercadorias, mas também, histórias de

---

<sup>3</sup> O fato de existir fantasmas no casarão me foi relatado pela própria contadora em uma das nossas conversas.

assombração, que passaram a integrar seu cotidiano. Até hoje, D. Lourdes faz circular essas histórias como um objeto sem preço. Tem contribuído para um sistema de trocas simbólicas generalizadas por meio do qual são passadas normas, valores e visões de mundo. Como nos contratos de prestação e contra prestação das sociedades tradicionais, também nas narrativas orais há um fim moral, sendo interesse estabelecer a ética da solidariedade. As histórias doadas têm a necessidade de comunicar, estabelecer relações, circulam de um para outro num movimento contínuo. Estão fortemente ligadas à pessoa, ao grupo; são veículo de seu mana, de sua força mágica. Com isso, a contadora segue o princípio da dádiva, segundo o qual não repartir uma história seria matar sua essência, destruí-la para si e para os outros (Mauss, 2001).

Uma das narrativas que costuma repetir trata da aparição de um monstro marinho na famigerada área onde se encontra a Cruz do Patrão. A narradora cita a localidade como próxima ao bairro de Santo Amaro, porém no mapa da cidade tal monumento encontra-se em uma faixa de terra que liga Recife a Olinda, entre as fortalezas do Brum e do Buraco. Com isso, podemos perceber que as fronteiras da cidade imaginada são tênues, fluidas. A cidade vivenciada por D. Lourdes é desenhada pelas marcas de sua memória que se desdobram para além dos traçados oficiais. Segundo Aparecida Nogueira (1998), tal cidade imaginada individual e coletivamente “*é a cidade de nosso desejo, espelho de nossas paixões, experiências e expectativas*” (p. 116); por isso a ela subjaz uma espécie de *topografia móvel*, que a situa no espaço próprio do mito, o *Topos*.

Ainda sobre o monumento, ao recolher relatos para seu livro *Assombrações do Recife Velho*, Gilberto Freyre encontrou diversas histórias ligadas à cruz que muitos acreditavam ter sido construída no século XVII e funcionado como cemitério de escravos:

Outro lugar público com fama de mal-assombrado foi por muito tempo, e é um pouco ainda hoje, a Cruz do Patrão, no istmo que liga o Recife a Olinda. Foi a cruz levantada, não se sabe exatamente quando, entre as fortalezas do Brum e do Buraco. Parece ter sido construída por algum patrão-mor do porto do Recife, cargo que, segundo os cronistas da cidade, é muito antigo: já existia em 1654. Sabe-se que perto da cruz enteravam-se os negros pagãos, de um dos quais a inglesa Maria Graham viu horrorizada pedaços de corpo mal sepultado repontando da terra ou da

lama. (...) Matutos, canoeiros, pescadores, toda a gente simples durante anos evitou no Recife passar perto da cruz mal-assombrada. (...) O que parece ter regalado feiticeiros e negros de xangô que se tornaram senhores dos arredores da cruz nas noites mais escuras e úmidas do Recife. (2000: 39-40).

Estudos recentes da pós-graduação em Arqueologia da UFPE sob a coordenação da Prof<sup>a</sup>. Ana Catarina Ramos<sup>4</sup>, comprovaram que a data mais provável da sua construção seria meados do século XVIII, e também que o local nunca teria servido de cemitério, sendo construído apenas para funcionar de sinalizador às embarcações que chegavam ao Recife. Segundo Ana Catarina, tal mal entendido entre os historiadores e cronistas pode ter se dado devido à existência de uma cruz que aparece em alguns mapas da cidade, elaborados pelos holandeses no início do século XVII, nos quais era apontado um cemitério. A possível existência da cruz citada pelos holandeses já está sendo investigada pela equipe. Porém, esse fato não faz da Cruz do Patrão um local menos assombrado, principalmente porque nele, se não foram enterrados corpos, muitas pessoas vieram a morrer afogadas como relata o Jornal “A Província” em 15 de setembro de 1929:

Na aldeia do Brum, no bairro do Recife, residia Cyriaco de Almeida Catanho, remador da praticagem da barra. Pela manhã de ontem, cerca de seis horas, aquele marítimo deixou a sua residência indo banhar-se na Cruz do Patrão, local onde várias pessoas têm morrido afogadas. Em certa altura do banho, alguns companheiros de Cyriaco Catanho que se encontravam nas proximidades da Cruz do Patrão observaram ele pedir socorro. É que sua vida perigava. Trataram de dar os socorros solicitados. Infelizmente, porém, estes não deram o resultado esperado. Cyriaco Catanho havia se submergido. Comunicado o fato à Polícia Marítima, foram iniciadas as pesquisas para o fim de ser encontrado o cadáver. A polícia do Primeiro Distrito também tomou conhecimento da ocorrência. O morto era casado e deixou um filho de dois meses de idade.

Também ficou comprovado, através das escavações, que o local servia de palco para rituais afro-religiosos conduzidos por negros no final

---

<sup>4</sup> RAMOS, A.C. Globo universidade. Programa 5. Rede Globo de Televisão, 2008.

do século XIX e início do século XX. Impedidos de realizarem seus cultos, dirigiam-se tarde da noite para o local a fim de presentear com oferendas os seus orixás. Portanto, foram encontrados além de ossadas de animais, materiais de ferro e madeira típicos dos rituais de origem negra.

Sendo D. Lourdes não só contadora de histórias, mas também, mãe-de-santo, sacerdotisa primeira do Candomblé, não se pode estranhar que sua história estivesse ligada aos acontecimentos que envolveram a Cruz do Patrão. Contudo, não foi o próprio Exu que aparecera à sua amiga no referido braço de mar, como um dos casos relatados por Gilberto Freyre, mas sim um monstro marinho saído das águas assombradas da cruz. Monstro do tipo dos que assombravam os grandes viajantes do século XVI, seres ameaçadores que viviam na água ou à beira dela prontos para, a qualquer momento, devorarem o marinheiro e sua tripulação. Poderia ser, até mesmo, certo monstro citado por Freyre em seu *Guia Prático Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*:

Mas foi na praia de Santa Rita, perto da igreja de São José de Ribamar, que em 1900 se encontrou um monstro marinho que o Recife inteiro foi ver. 'Há muitos dias – vem no Jornal Pequeno de 30 de maio de 1900 – dizia-se ter aparecido na ilha do Pina um monstro marinho de formato desconhecido. Até ontem o nosso repórter viu na praia de Santa Rita, onde houve grande ajuntamento de curiosos durante todo o dia, um enorme peixe de forma esquisita e muito cabeludo'. (Freyre, 1942: 109)

Na mesma linha das narrativas de assombração ligadas ao mar, tivemos a oportunidade de ouvir de D. Lourdes a seguinte história:

“Um pescador disse a mim, dizem que é história de pescador, né? Mas não é. Eles vivem dentro do mar, eles vêem muitas coisas! Ele disse que uma vez tava na praia ajeitando o bote para o outro dia de manhã. Quando saiu passou um boto pulando, ele disse: ‘ - Oxe, esse boto vai para praia, é?’. A praia seca, né? ‘ - Esse boto vai para praia; ele tá doido, é? Ele vai é morrer!’. Aí ficou olhando, ele pow, pow, pulou. Quando chegou na beira da praia ele deu três viradas e se levantou já um homem de terno, gravata, guarda-chuva, chapéu. Ele disse: ‘ - Oxente, o que é isso meu Deus? Cadê o boto? E esse cara? O boto caiu na areia e esse cara?’. Aí ele disse que seguiu o homem. Ele saiu andando, aí ele seguiu, seguiu, seguiu e ele foi diretamente para a zona dali do Recife Antigo. Aí disse que quando chegou lá... E ele de longe olhando, né? Ele disse que o cara

entrou, chegou assim no cabaré disse que tinha uma moça muito bonita, ele sentou-se junto dela, daqui a pouco saíram os dois para o quarto e ele disse que olhando. Aí ele vai, terminou tudo, ele desceu e o pescador saiu assim e deixou ele sair. Deixou ele sair e foi atrás dele, foi atrás dele e ficou de longe olhando. Quando ele chegou na beira da praia ele deu três pulos, se virou num boto e fuuuuu dentro d'água novamente. Ele disse: ' - Meu Deus que coisa estranha! Eu nunca vi uma coisa dessas!'. Aí ele disse que quando foi na mesma hora ele saiu, foi no cabaré e falou com a mulher que ele saiu com ela que ele viu, ele disse: ' - Olha, aqui teve um senhor de terno preto, de chapéu, de guarda-chuva, ele conversou com você aqui e saiu com você lá para cima para o quarto. Aí ela disse: ' - Foi eu me lembro. Foi quase nesse instante não foi?'. Aí ele disse: ' - Foi, faz umas horinhas'. Aí ela disse: ' - Foi família do senhor?'. Ele disse: ' - Não, eu queria saber se ele foi para o quarto com você, transou e tudo'. Ela disse: ' - Foi'. Ele disse: ' - Ele pagou a você?'. Ela disse: ' - Pagou'. Ela disse até o tanto de dinheiro que ele pagou. Ele disse que nunca mais esqueceu disso e ficou preocupado: ' - Minha Nossa Senhora, não é que essas coisas existem mesmo.' (04/07/2008)

Mais uma vez podemos perceber na narrativa um mecanismo que visa dar legitimidade à narração. Ao afirmar: *“dizem que é história de pescador, né? Mas, não é. Eles vivem dentro do mar, eles vêem muitas coisas!”*, a contadora reitera o fato de que o pescador, indo aonde os outros não chegam, é conhecedor de mistérios e segredos. A história do boto é difundida em todo o país, principalmente na região amazônica onde a mesma ficou célebre, inclusive, funcionando de forma coercitiva para que as moças não saíssem de casa, nem dessem conversa a homens desconhecidos. Carlos Aldemir Silva (2003) escutou história parecida no Pará pela boca do contador Mauriz Nunes Valente:

Uma vez quando eu era ainda menino, com mais ou menos uns oito ou nove anos, estava indo de canoa para a cidade com meu pai. Nós saímos lá do nosso no rio Curupitomba, um afluente do rio Tocantins, próximo de Cametá. A gente pegou um atalho, rio a fora, para poder pegar a maré enchendo, bem na madrugada. Saí com meu pai numa canoa, eu sentado na frente e ele atrás. Chegando lá fora no rio, suspendi a vela para aproveitar bem o vento e chegar mais rápido na cidade. Isso era umas duas horas da madrugada. Com aquele vento começava a enchente e o rio bem baixo, deixava a praia toda fora, com uma onda grande como numa ilha.

No percurso do rio, em direção a cidade de Cametá, nós passamos num

lugar chamado Capumpema e, em seguida avistamos outro povoado, na beira do rio: um tal de Joroça, que tem uma ilha grande bem próximo. Por lá fica melhor viajar devido ser possível pegar um bom vento e ir embora mais rápido para a cidade. Quando nós passamos por lá por perto da ilha, eu vi duas pessoas bem brancas, tamanho de uma pessoa adulta mesmo. Vinha uma atrás da outra, saindo lá de dentro do aningal, correndo, correndo, correndo, tchá, tchá, tchá... Jogaram-se dentro d'água, tchei, tchei, tchei... Num mergulho bem veloz, indo para o fundo do rio e desaparecendo. Daí mais alguns metros na frente, vi um rapaz próximo de uma casa, remando na mesma direção que nós, para pegar o rio grande (o rio Tocantins) e, poder sair próximo a cidade de Cameté. O que nós íamos fazer agora? Nada. Fomos embora. Papai também não falou nada. Quando chegamos lá na cidade papai disse para mim: ' - Tu viste aquele negócio lá?'. Então eu disse: ' - É, eu vi sim! Aquelas duas pessoas correndo na praia que se jogaram dentro d'água, tudo branco, branco, branco, eu vi sim!'. Aí ele falou: ' - Aquilo é o boto!'

Eu não sabia o que era. Também não fiquei com medo, eu não sabia o que era. Aquilo lá eu vi, ninguém me contou. Quando voltamos da cidade, já era quase hora do entardecer. Ao nos aproximarmos daquela mesma ilha tudo voltou na minha cabeça: a maré baixa, a praia, o casal de botos e os mergulhos ligeiros deles na água. De longe percebi vários vultos se movimentando na areia como se fossem alguns garotos da minha idade, jogando futebol. Nesse momento falei para o meu pai: ' - Aquelles garotos ali, são moradores das ilhas próximas que vem jogar bola na maré baixa?'. Bem tranquilo, como na madrugada em que passamos pelo mesmo percurso do rio, ele me disse: ' - Tu ainda não percebeste o que é? São os botos que estão jogando futebol naquela mesma ilha em que estava o casal de manhã cedo'. Quando nossa canoa foi se aproximando um pouco mais da ilha, percebi que eles pularam, um a um, na água e desapareceram todos.

São duas histórias de pescadores. Na narrativa acima a aparição se dá às margens de um rio e não do mar, como nos contou D. Lourdes. Na primeira o boto sai para seduzir uma mulher "*da vida*", mulheres da beira do cais que vendem seu corpo em troca de dinheiro. No Pará os botos saem simplesmente para tomar banho ou jogar futebol. Nas duas versões percebemos semelhanças interessantes, como a repetição de algumas palavras e ações por três vezes consecutivas.

Para Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1997): *o três é um número fundamental universalmente. Exprime uma ordem intelectual e espiritual, em Deus, no cosmo ou no homem*" (p. 899). Os autores afirmam ainda

que, presente em forma de símbolos na maioria das religiões do mundo, o significado da presença trina deve ser buscado, entre outras coisas, em uma visão global do ser humano que se resume em três fases da existência: nascimento, crescimento, morte. Dessa forma, torna-se compreensível os três pulos do boto para tornar-se homem, simboliza nesse caso a transformação/transmutação do animal em homem e vice-versa.

Pode-se perguntar como tal história também é contada no Recife, porém acredito nas palavras de Câmara Cascudo (2004) ao afirmar que não existe história privativa de uma única região; as narrativas vão mi-grando, causando medo aos habitantes dos mais variados locais. Medo semelhante também sentiram diversos moradores diante das águas do Recife, não só da água de seu mar, mas também das águas de seus rios. D. Pretinha residente do bairro de Apipucos há 85 anos, desde que nasceu, me conta sobre as águas do Açude de Apipucos.

D. Pretinha é figura importante nas reuniões da meia-idade promovida pela Fundação Gilberto Freyre<sup>5</sup>. Cheguei até essa senhora negra, católica, de olhos azuis por meio de uma indicação da citada Fundação.

Quem vem andando no Bairro de Casa Forte até o seu vizinho Apipucos pela avenida principal (Avenida 17 de Agosto) depara-se em certo momento, nas imediações do Açude de Apipucos, com a Praça Gilberto Freyre. Bem em frente à estátua do famoso escritor, outrora morador ilustre do bairro, podemos perceber, ao atravessar a avenida, uma rua estreita, quase um beco. Caminhando sempre em frente chega-se, do lado esquerdo da rua, a uma casa rosa, de porta e janela. Em caso de dúvida, pode-se perguntar: ‘ - Onde mora D. Pretinha?’. A comunidade inteira saberá responder.

D. Pretinha nasceu Maria José do Carmo em 10 de junho de 1923, na mesma casinha na qual me recebeu algumas vezes para conversar sobre assombrações. No bairro calmo de Apipucos tão venerado por Freyre (1983): *“suíça do Recife, é também, pela paz que tem reinado entre seus homens. Raríssimo um crime em Apipucos cometido por gente do lugar. Seus moradores vivem numa harmonia que só raríssimas vezes têm sido*

---

<sup>5</sup> O encontro da meia-idade chama-se “Jovens Aprendizizes”. Trata-se de um projeto idealizado por Cristina Freyre, vice-coordenadora da Fundação Gilberto Freyre, que se destina a reunir idosos moradores do bairro de Apipucos. As reuniões não possuem regularidade. Nelas são promovidas diversas atividades, desde contação de histórias até oficinas de artesanato.

*alterada*” (p. 35). Mesmo hoje, diante do grau de violência vivido pelos moradores da cidade, o bairro de Apipucos é reverenciado por D. Pretinha:

“Eu moro aqui já faz oitenta e cinco anos que eu moro aqui, graças a Deus. O que houve de morte aqui foram seis mortes, durante oitenta e cinco anos, seis mortes aqui nessa rua, pronto. Lugar calmo, se aparecer alguma pessoa bulindo numa casa, não é daqui. Aqui é muito bom!” (03/07/2008).

Foi neste bairro que a contadora se criou. Não teve mãe, *“vou te contar: minha mãe me pariu e me deixou aqui com uma tia, eu fui criada com uma tia”*. Começou a trabalhar aos nove anos em algumas casas de famílias tradicionais da região e até hoje lava roupa para sobreviver.

Apesar de todos informarem ser ela a moradora mais antiga da região e grande contadora de histórias, D. Pretinha começou nossa conversa afirmando que nunca tinha visto assombração: *“eu nunca vi assombração não. A assombração daqui sou eu”*. Afirmou categórica e comicamente com sorriso largo e jeito brincalhão. Por mais que perguntasse, a contadora brincava, desconversava e voltava a afirmar que nada sabia. Apesar disso permaneci tranquila, lembrei-me que percorria um terreno delicado, o terreno das grandes histórias no qual, muitas vezes, os contadores negavam a habilidade de contar e lançavam mão desse artifício como estratégia da narração.

Encarei-a assim como um *disclaimer*, conceito defendido por Baumann (1977 apud HARTMANN, 2005) ao analisar aspectos da *performance* do contador. Mesmo não entendendo meus interlocutores como performers, como faz o autor, nem dando ênfase ao caráter performático de cada um deles, pude perceber que lançam mão desse dispositivo em diversas ocasiões narrativas. Acredito também que ao negar a sabedoria de contar, num primeiro momento, D. Pretinha quis saber em qual terreno estava pisando, quis certificar-se de que aqueles ouvintes possuíam o merecimento de ganhar suas narrativas:

“Minha filha, o pessoal contava quando eu era criança, quando eu era pequena, que eu não sei quando... que era, foi... porque eu já tô muito velha. (risos) O pessoal dizia desse açude, né? Que tinha uma noiva que saía ai da... Sabe onde é o sangrador? Saía uma noiva dali, isso o pessoal

dizia, mas eu nunca vi não, eu nunca vi não! Outros diziam que dentro desse açude tinha uma corrente de ouro, que a corrente atravessava a rua depois recolhia, agora também coisa que eu nunca vi, não vou mentir para ser boa.” (03/07/2008).

Mesmo ainda negando que vira assombração e tentando me convencer disso através da repetição da frase “*eu nunca vi não*”, D. Pretinha começou a contar histórias da sua infância. Narrativas passadas no Açude de Apipucos, local bem próximo de onde nasceu e vive até hoje. Provou assim ser um dos tipos de contadores delineados por Benjamin (1988); ou seja, aquele que ganhou sua vida honestamente sem sair do seu local de origem, sendo assim conhecedor de suas histórias e tradições.

D. Pretinha passou sua vida toda em Apipucos, é reconhecida por sua comunidade como grande contadora de histórias, seria possível, de repente, ter desaprendido a contar? Atenta, continuei nossa conversa. Depois de certo tempo meu presente chegou:

“Agora eu vou te dizer, para dizer que eu nunca vi uma coisa, nessa época agora eu não sei que ano era, eu não me lembro. Eu lavava prato no açude, nesse tempo o açude era AÇUDE (ênfase da contadora), limpinho, a gente lavava prato no açude. Aí tava no horário de verão, aí eu disse: ‘ - Meu Deus que horas são?’. Aí eu desci com a bacia de prato quando eu cheguei no açude que eu botei a bacia de prato em cima da tábua e comecei a lavar os pratos. Aí eu vi dali uma luz, como uma vela, descendo assim o pé de coqueiro assim... Aí eu perguntei a um rapaz que passou: ‘ - Que horas tem?’. O rapaz disse assim: ‘ - Duas horas’. Duas horas da madrugada, né? Aí foi descendo aquela luz, quando chegou embaixo a luz desapareceu. Foi a única coisa que eu vi, que eu me lembro que eu vi.” (03/07/2008).

A narrativa trata de tema bastante recorrente na literatura sobre histórias de assombração. Aparições de luzes misteriosas já foram tratadas por Freyre (2000) ao recolher relatos de moradores de Casa Forte, sobre certas luzes que apareciam no Morro do Arraial. Também Silva (2003) recolheu em Belém do Pará história parecida, na qual as luzes vindas do rio eram interpretadas pelos pescadores como os olhos da cobra grande, velha conhecida, que assombra a região pesquisada. Na praia de Ponta de Pedras, em Pernambuco, Maria do Socorro Figueiredo recolheu a seguinte história:

Tem muita história da carochinha, essas são mentirosas. Erros eu não conto que não sei mentir; só conto o que aconteceu de verdade. Do mesmo jeito que tem a caipora na terra, que guarda a mata e faz o caçador se perder; no mar tem o João Gala Foice. É um farol na maré que anda sem ninguém. Ele fica como se fosse um farol na frente, ele muda de lugar e faz o pescador ficar variado no mar; faz não acertar o porto. Dizem que muitos pescadores nunca conseguiram voltar. (2005: 63)

Para Danilo Paiva Ramos<sup>6</sup> (2006): *“se a função social da luz é a orientação, essas luzes, que se multiplicam e tomam distintas direções colocam em risco a própria vida, porque não são controladas pelos vivos”* (s/p). Todos esses relatos tratam de luzes parecidas com a de D. Pretinha, que surgiu e foi sumindo sem que ela tivesse domínio sobre a situação. Mas, interessante notar é que tal aparição se deu às margens do Açude de Apipucos – barragem construída para represar as águas do rio Capibaribe -, onde a contadora passou parte de sua vida lavando pratos e roupas numa relação íntima com a água que, no seu tempo, era *“limpinha”*. Tal afirmação me fez lembrar das palavras de Antônio Paulo Rezende ao tratar sobre o Recife: *“as dificuldades que a cidade enfrenta na sua relação desequilibrada, atualmente, com a natureza, alimentam esses desejos de retorno. Criam-se fantasias, resultado das carências de cada época”*. (2002: 25). Assim, ao enfatizar na sua fala as águas anteriormente limpas do Açude, D. Pretinha denuncia o descaso atual pelas águas dos rios e lagos recifenses.

O Açude de Apipucos, para Freyre (1983), mais parecia um lago tropicalmente suíço. As águas do rio Capibaribe tinham fama de medicinais; nelas, famílias inteiras iam se banhar. Em consonância com isso, a contadora revela aspectos de um tempo em que a relação dos moradores da região com as águas era muito forte:

*“Lavava roupa, tomava banho no Açude, graças a Deus. Que tempo bom! Como eu tô cansada de dizer, antigamente eu trabalhava aí na rua, fogão de lenha, quando eu terminava a cozinha lá, eu vinha embora para casa, caía dentro desse açude, tomava banho, não tinha uma gripe! Depois, inventaram essa tal vacina de velho, mas lascou-me! (risos) Desde que eu tomei essa vacina de velho que eu só vivo gripada!”* (03/07/2008).

---

<sup>6</sup> O autor fez estudo sobre histórias de assombração presentes no acampamento Carlos Lamarca MST na cidade de Itapetininga/SP. Para ele, tais narrativas ajudam a esclarecer as experiências de perda de terra, migração, trabalho e conflitos presentes no assentamento em questão.

Por mais de uma vez, D. Pretinha rememora os tempos nos quais os moradores do local dependiam do açude para fazer os serviços mais simples do dia-a-dia como: lavar pratos, roupas ou tomar banho. A forte presença do referido açude na vida dos moradores do bairro<sup>7</sup>, principalmente se levarmos em conta o número de mortes que ocorreu no local devido ao intenso uso das suas águas, contribui para que essa barragem seja uma fonte inesgotável de assombrações. Uma dessas mortes nos foi relatada por D. Maroca, outra moradora antiga do bairro. Indagada sobre as histórias de assombração, ela afirmou que desconhecia, mas que sabia “*histórias da vida real*”:

“Agora que morre muita gente aí eu sei, aí eu vi. Essa cena eu vi lavando roupa com a minha mãe. Morreu a tia e a sobrinha por causa de uma bacia. Que a bacia saiu e uma saiu atrás da outra, terminou morrendo todas duas, agarrada nem salvou bacia nem salvou nada. Eu tinha uns nove anos quando aconteceu isso aqui nesse açude.” (03/07/2008).

Essas histórias de morte nas águas também foram confirmadas por Freyre (2000) ao falar sobre o Capibaribe: “*também dramático. Rio de afogamentos, de suicídios, de crimes*”. (p. 90). Dentro dessa perspectiva, real e imaginário se misturam formando uma grande teia que une vida e morte, reiterando a importância da dimensão sobrenatural no cotidiano das pessoas. As mortes poderiam ter inspirado as assombrações ou vice-versa. Na fala das contadoras, aspectos da vida pessoal são costurados com fatos históricos, eventos nebulosos. Seus discursos expressam diversos pontos de vista sobre os acontecimentos mais gerais da comunidade, da cidade ou do país onde vivem. As histórias de assombração constituem, por fim, uma linguagem específica que dá sentido à existência dos indivíduos e às coletividades nas quais estão imersos.

---

<sup>7</sup> Ainda hoje diversos pescadores retiram do chamado “espelho d’água” de Apipucos o sustento para sua família. [www.fundaj.gov.br](http://www.fundaj.gov.br) acessado em 07/10/2008.

## Referências Bibliográficas

BENJAMIM, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CASCUDO, C. *Contos Tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

ESTÉS, C. P. *O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FIGUEIREDO, Maria do Socorro F. V. *Contadores de Histórias: tradição e atualidade*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia. Recife, 2005.

FREYRE, G. *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

\_\_\_\_\_. *Apipucos: Que há num nome?* Recife: Massangana, 1983.

\_\_\_\_\_. *Assombrações do Recife Velho: Algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense*. Rio de Janeiro: Univercidade, 2000.

HARTMANN, L. Memória, Mentira e Esquecimento entre contadores de “causos” gaúchos. In: *Revista Vivência*. Nº28. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2005.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2001.

NOGUEIRA, M. A. L. “A cidade imaginada ou o imaginário da cidade”. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 1, 1998.

RAMOS, D. P. *Nervos da Terra: Histórias de Assombração e Política entre os Sem-Terra de Itapetininga – SP*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Antropologia. São Paulo, 2006.

REZENDE, A. P. *O Recife: histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

SILVA, C. A. *Literatura como escola de vida: a propósito das narrativas da tradição*. Natal: Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

# O Papagaio que Tinha Sexo

---

Claúdia Iziqúe

Meu primeiro encontro com Lauro aconteceu em 1974. Entregue em domicílio, ele chegou embalado para presente, sujo e fedido depois de mais de nove horas de viagem, dentro de uma caixa de papelão. Era um papagaio com pouco mais de três meses de vida que meu pai comprara numa viagem a Goiânia. Na época, ninguém estava preocupado com essa coisa de proteção ambiental, ainda não existia o Ibama, Gro Brutland começava a formular suas teses sobre o desenvolvimento sustentável e os papagaios eram vendidos impunemente na beira de estradas. Lauro, portanto, não era um clandestino em São Paulo e nem minha tutela poderia se classificada como ilegal. Ele era apenas uma ave vocacionada para ser de estimação, instalada numa gaiola enorme no quintal de um sobrado na Rua Bagé 60, na Vila Mariana, em São Paulo.

A tarefa de ensiná-lo a falar foi postergada por mais de duas semanas. Não conseguíamos chegar a um consenso sobre o vocabulário básico apropriado a um papagaio abrigado por uma antropóloga e um jornalista. Rejeitamos, desde logo, palavras de baixo calão não por moralismo, mas porque nossa casa era frequentemente utilizada para encontros dos quais participavam representantes da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo. Nada mais constrangedor do que um papagaio gritando palavrões nos ouvidos santos de Dom Pedro Casaldaglia, bispo de São Felix do Araguaia, do reverendo presbiteriano, James Wright, ou de um refugiado da repressão uruguaia. Optamos por palavras com conteúdo mais ideológico que, é claro, nos identificasse com o pensamento de esquerda.

Fizemos incursões na literatura, vasculhamos a obra de Darcy Ribeiro, folheamos alguns textos políticos em moda na época para finalmente chegar a um acordo sobre a primeira palavra que Lauro deveria aprender a pronunciar: *Liberdade*. Venceu o argumento de que esse era o único termo a identificar e opor anseios de dois jovens engajados na luta pela redemocratização do país e de uma ave mantida por eles em cativeiro.

Como se vê, tínhamos aprendido muito com a dialética.

Logo nos primeiros dias de aula, constatamos que tínhamos perdido a parada para o cachorro do vizinho. Lauro latia como um vira-lata desafinado. Ao longo de um ano tentamos conviver com aquela aberração da natureza: um papagaio-cachorro. Cão e ave redundavam em latidos altissonantes e a vida da pacata vizinhança se transformou num inferno. Resolvemos devolver o presente.

Lauro voltou para a caixa de papelão e viajou mais 300 quilômetros até Ribeirão Preto, no interior do Estado de São Paulo. Foi lá que ele cresceu sob os cuidados de meu pai. Ganhou gaiola nova, instalada ao pé de uma pitangueira, e um novo nome: Mulata. Meu pai decidiu que Lauro era fêmea e levou meses tentando insistentemente convencer a ave de sua nova identidade. Por um bom tempo, Lauro ignorou o esforço paterno recolhendo-se no silêncio, numa espécie de ensimesmamento. Às vezes mostrava-se arredio; noutras, mais afável, quando oferecia a cabeça ao carinho de meu pai. Um dia o papagaio capitulou: MULATA!, gritou esgançado. Começava ali um relacionamento que duraria 20 anos.

Meu pai apaixonou-se pelo papagaio. Os dois conversavam todas as manhãs, antes dele sair para o trabalho. Assumido Mulata, Lauro adquiriu um repertório razoável: chamava minha mãe pelo nome, aprendeu a pronunciar a palavra *bom dia* e imitava com perfeição o ruído de vozes que captava no dia-a-dia da casa. Preguiçoso, tinha preferência absoluta por palavras de duas sílabas.

Foi então que meu pai arquitetou seu plano mais ousado: resolveu ensinar o papagaio a assoviar o hino nacional brasileiro. Ninguém nunca soube – e nem perguntou – o que motivara a escolha. Ele era um economista liberal, chefe de família dedicado, rotariano e arenista, e Mulata, com sua penugem verde-amarela vibrante, era um ícone vivo, remanescente do nacional-tropicalismo. Nada mais natural que o símbolo pátrio fosse eleito trilha sonora daquela estreita relação entre o homem e a ave.

Meu pai perseverou mais de um ano, sílaba por sílaba musical. No Natal de 1981, Mulata fez a sua primeira apresentação pública: *Ouviram do Ipiranga às margens plácidas...* Foi um sucesso. As crianças da vizinhança se aglomeravam na porta da casa para ver o papagaio exhibir a habilidade inusitada, embora, verdade seja dita, nunca tenha ido além da primeira estrofe. Mas a relação com meu pai estreitou-se ainda mais e

Mulata, finalmente, foi guindada à condição de ave de estimação.

Um dia meu pai decidiu que o papagaio prodígio merecia viver em liberdade e resolveu abolir a gaiola. Comprou um poleiro. Alguém o advertiu que, por segurança, deveria extrair com alicate um bocado de penas das asas de Mulata. Indignado, ele rejeitou a sugestão. Não deu outra: fora da gaiola, Mulata bateu asas e voou. Meu pai a perseguiu o quanto pode, mas o papagaio desapareceu.

Foi a vez de meu pai ensimesmar-se. Abatido, rejeitado e arrependido por não ter seguido o conselho do amigo, perambulou um bom tempo pelas ruas da cidade na esperança de encontrar a criatura. A tristeza lancinante do genro comoveu minha avó que colocou um anúncio na PRA – 7 Rádio Clube de Ribeirão Preto: “Perdeu-se um papagaio que atende pelo nome de Mulata e assovia o hino nacional. Criança inconsolável. Recompensa-se bem.” O tempo passou e nada. Ninguém dava notícias de Lauro.

Às vésperas do 7 de setembro, dona Maria, empregada da casa de minha mãe, caminhava com o filho pelas ruas da Vila Japão, um bairro pobre na periferia da cidade, quando se deparou com um papagaio arriado ao pé de uma árvore. Sujo, magro e com uma ferida na asa, parecia Mulata. Ela e o filho entoaram o hino nacional. Mulata acompanhou com um assovio fraco e desmilinguido, mas nítido o suficiente para atestar sua identidade. Avisado, meu pai encarregou-se do resgate. O papagaio voltou para a gaiola. Foram três semanas de liberdade, palavra que Lauro nunca aprendeu a pronunciar.

Passaram-se 18 anos e meu pai morreu. Minha mãe mudou-se para um apartamento, dispensando alguns móveis, a gaiola e a ave. Órfã, Mulata foi adotada por minha irmã.

Foi instalada num jardim, entre samambaias, assistindo o entra-e-sai de crianças e de pacientes do consultório de psicologia que minha irmã mantinha numa sala contígua a casa. Os meninos cresceram, foram estudar em São Paulo e Mulata foi abatida pela solidão. Parou de cantar e de assoviar. Vez ou outra chamava pelo nome de minha mãe.

Foi assim que a reencontrei, em março de 2001. Era Semana Santa e, muito provavelmente embalada pelo clima de ressurreição, atendi aos apelos de meu filho: trouxe Mulata de volta para São Paulo. Reconhecemos que tínhamos agora um problema: a legislação ambiental já crimi-

nalizava quem desse abrigo a um papagaio sem a documentação exigida pelo Ibama. Decidimos arriscar.

O papagaio passou a viver numa linda gaiola branca, caríssima, com dois poleiros e equipada com rodinhas. Dormia na área de serviço do apartamento e, todas as manhãs, era transportada para a varanda ensolarada onde passava o dia. Ali, no coração da Vila Madalena, parecia feliz. Gritava o seu próprio nome e, vez ou outra, assoviava o hino nacional. Não tínhamos muito tempo para lhe dar atenção e compensávamos a ausência com presentes: uma espécie de pedra-pomes em que afiava o bico, uma barra semelhante à de cereal e muita semente de girassol. Mulata cobrava carinho de quem se aproximasse da gaiola, oferecendo a cabeça ao cafuné.

Naquele mesmo ano, pouco antes do aniversário de meu filho, um amigo que se dizia entendido de aves nos visitou. Foi apresentado à Mulata e nos surpreendeu com uma revelação: o papagaio era macho. Explicou que a penugem avermelhada que ele escondia sob as asas revelava o sexo. Foi um assombro: era preciso urgentemente rebatizar o papagaio para resgatar-lhe alguma dignidade nos seus últimos anos de vida.

A ideia de voltar a chamá-lo de Lauro – um trocadilho óbvio que eu considerava muito engraçado – foi rechaçada. Iniciou-se um longo debate para a escolha do novo nome. No dia 11 de setembro de 2001, meu filho adolescente teve a ideia de chamá-lo de Osama.

Passaram-se quase quatro anos até o 1º de março de 2005. Acordei às 7 horas da manhã atrasada para uma reunião na Câmara Americana de Comércio onde, coincidentemente, tinha agendada uma entrevista com Marconi Perillo, então governador de Goiás, terra natal de Osama. Antes de sair de casa, corri para cumprir minha tarefa matinal: lavar a sujeira excretada durante a noite e conduzir o papagaio, devidamente alimentado, até a varanda. Encontrei-o morto, estatelado no chão da gaiola. Não tinha tempo para emoções. Chamei o zelador, pedi que ele recolhesse o cadáver e lhe desse um destino. Não precisava ser nobre. Mas tracei um plano de ação: às 9 horas, quando a empregada chegasse, por seu intermédio eu comunicaria ao meu filho o falecimento da ave.

E assim foi. Eu só não contava com o clima de indignação que o meu gesto, qualificado de desnaturado, provocaria na família. Ao meio-dia, quando voltei para compartilhar o luto com meu filho, a revolta estava

instalada na caixa de mensagens do computador: exigia-se que eu resgatasse o cadáver e lhe desse um enterro digno.

Corri até o zelador disposta a revirar lixeiras e salvar minha reputação. Descobri que o papagaio estava na geladeira do restaurante japonês em frente à minha casa, cujo dono, que se apresentava como empalhador, se dispôs a imortalizá-lo. Voltei com a notícia e os ânimos se acalmaram. Não tive dúvidas que o empalhamento de Osama era a única forma de aplacar a ira da família que me via como uma espécie de cúmplice de sua morte.

Alguns amigos trataram de conter meu entusiasmo. Houve até quem aventasse a possibilidade macabra de Osama acabar seus dias esquartejado num prato de yakissoba...

Ressabiada, tratei de advertir a família para os riscos do fracasso da operação de empalhamento. De nada adiantou: o retorno do papagaio se transformou num episódio de caráter sebastianista. Não pude impedir que começassem os preparativos para a cerimônia de entronização do cadáver empalhado, a ser comemorada com uma festa que, espertamente, ajudei a organizar. Já fui logo adiantando que, tendo abrigado o papagaio nos seus últimos anos de vida, não cuidaria dele morto. Temia que minha casa se transformasse num santuário macabro.

A família então optou pelo rodízio da ave empalhada: a cada seis meses, o corpo ficaria exposto à visita pública na casa de um. O itinerário do morto já estava traçado para um período de cinco anos quando fomos informados de que o empalhamento fracassara. O japonês – amador e arrogante - ainda tentou explicar que Osama já tinha mais de 30 anos e que a idade acelerara o processo de decomposição!

O luto novamente se abateu sobre a família. No domingo, convidei a todos para um almoço de 7<sup>a</sup> dia. Caprichei no cardápio com o cuidado de não servir nada que remetesse à lembrança da ave. Optei por um prato neutro: macarrão com linguça, de grande sucesso entre a moçada. No centro da mesa, coloquei um prato com semente de girassol...

Ao final do almoço, meu filho tocou no assunto da mudança de sexo, tema delicado que remetia a um lado obscuro da vida de um papagaio que morreu solteiro e que mudou de sexo duas vezes. Eu não soube explicar a razão pela qual meu pai decidira que Lauro era Mulata, mas lembrei que a penugem vermelha sob a asa o identificara como Osama. Ainda

relutei quando alguém deu a ideia de confirmar a informação na internet. “A cor da íris dos adultos é amarelo-laranja (macho) ou vermelho-laranja (fêmea, destacando-se um fino anel externo vermelho), os imaturos têm íris marrom uniforme,” informou o Wikipedia. Foi um choque.

A constatação de que tínhamos convivido com um ser, durante 30 anos, sem nunca ter sabido realmente o seu sexo foi acachapante. O almoço foi interrompido por trocas de impropérios, de acusações e de responsabilidades. Alguém sugeriu que revirássemos as velhas caixas de fotografias e arquivos digitais na tentativa de encontrar uma foto do papagaio. Achamos várias imagens, mas nenhuma que permitisse enxergar a cor da íris.

Ante o constrangimento coletivo, alguém lembrou que papagaio é uma palavra comum de dois gêneros, que a língua portuguesa, portanto, já pressupõe o equívoco e que, por isso, não importava o sexo daquela ave. Foi um argumento de peso, mas não o suficiente para aplacar o desconforto que veio junto com o reconhecimento de que o papagaio morreria sem sexo porque, ao longo de 30 anos, tínhamos arbitrado a natureza.

A arrogância nos abateu e, desde então, vivemos sob uma espécie de pacto de silêncio sobre o assunto, até que resolvi tornar pública essa história...

# São Paulo do Futuro

---

Edgard de Assis Carvalho

Cidades constituem sempre centros nervosos, mosaicos que movimentam pessoas, aceleram velocidades, condensam utopias, intensificam aspirações, desanuviam tristezas, como se o nomadismo subjetivo fosse a regra básica da convivência urbana. São Paulo não constitui exceção a isso. Esse vaivém nunca é contínuo – as migrações e a preservação são exemplos disso – e é exatamente essa descontinuidade que inviabiliza qualquer distinção entre nativos e estrangeiros. Ambos são cidadãos optaram por um espaço comum, embora carreguem consigo, e para sempre, seus *imprintings* originais. Isolá-los a partir de suas marcas étnicas, tribais, nacionais, sexuais é contribuir para o dilaceramento e a dispersão do todo. Participam da cultura – práxis cognitiva geral – como podem, contribuem para sua decifração, viabilizam ou não seus fazimentos, mantêm intacta e preservada uma zona obscura antropocósmica que permanecerá para sempre indecifrável. São portadores de uma identidade subjetiva simultaneamente endo e exorreferente, assim como de uma identificação coletiva bifurcada. Globais e locais, glocais, hominescentes, incluídos e excluídos, monogâmicos e promíscuos, conformistas e revolucionários, utópicos e resignados, unos e múltiplos, *sapiens* e *demens* vivenciam o inacabamento do humano.

Nas cidades imaginárias propostas por Alberto Manguel e Gianni Guadalupi<sup>1</sup>, assim como nas invisíveis consagradas por Italo Calvino<sup>2</sup>, não sobra espaço para identidades segregadoras, fragmentações culturais, estrangeiridades ambíguas. Acredito que nas cidades reais ocorra o mesmo. Elas são o reservatório de ambivalências e multiplicidades, secretam uma indômita força civilizatória, imantam corações, mentes, subjetividades e corporeidades. Não é porque as pensamos que existimos nelas, mas existimos nelas porque as pensamos.

---

<sup>1</sup> Alberto Manguel e Gianni Guadalupi. Dicionário de Lugares Imaginários. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

<sup>2</sup> Italo Calvino. As Cidades Invisíveis. 2ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

Para os habitantes de Zenóbia, por exemplo, é impossível classificar uma cidade como feliz ou infeliz.

Não faz sentido dividir as cidades em duas categorias, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por ela cancelados.<sup>3</sup>

Na cidade francesa de Morphopolis, exemplo extremo de preservação, um humanista decidiu fazer dela uma cópia em modelo reduzido do centro de Paris, cuja beleza permanecerá intocável por décadas sem fim. Investidos 400 milhões de francos, a obra foi finalizada. O Sena, o Louvre, o Café de la Paix, o Deux Magots, a Champs-Élysées, livrarias, lojas, butikues, tudo estava lá. Por iniciativa própria, seus habitantes dormem desde 1950 porque ingeriram uma droga descoberta por certo doutor Morpho.

Eles jazem agora num sono profundo, como os habitantes do castelo da Bela Adormecida, e só despertarão no dia 28 de junho de 2250.<sup>4</sup>

Em Victoria, cidade-modelo da Inglaterra, optou-se pela temperança, caridade e solidariedade. O custo total do empreendimento foi de 4 milhões de libras.

Os princípios em que se baseia Victoria são a saúde do corpo, a serenidade de espírito, o trabalho agradável em grau moderado e o amor pelos semelhantes.<sup>5</sup>

Em Bersabéia, cuja localização é desconhecida, seus habitantes acreditam na existência de uma outra Bersabéia, celeste, na qual só existem virtudes e sentimentos elevados. Abaixo dela existe uma Bersabéia cônica plena de horrores e desigualdades. No dia que os bersabeianos que habitam em subterrâneos se apossarem do céu, uma única cidade passará a existir, uma cidade existirá.

---

<sup>3</sup> Ibidem, pp. 36-37.

<sup>4</sup> Alberto Manguel e Gianni Guadalupi, op. cit., p. 287.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 456.

Nas crenças de Bersabéia existe uma parte de verdadeiro e uma de falso... Bersabéia acredita ser virtude aquilo que é uma melancólica obsessão de preencher os vazios de sim mesma.<sup>6</sup>

Letônia atualiza os pressupostos da auto-organização, ao combinar experiências de repetição e criatividade.

A cidade... refaz-se a si própria todos os dias: a população acorda todas as manhãs em lençóis frescos, lava-se, veste roupões novíssimos... escuta as últimas lengalengas do último modelo de rádio... Tanto que se pergunta se sua verdadeira paixão é de fato, como dizem, o prazer das coisas novas e diferentes e não o ato de expelir, de afastar de si, expurgar uma impureza recorrente.<sup>7</sup>

Tais exemplos oriundos da imaginação literária não nos eximem de propor cenários futuros mais coerentes com a ambivalência da cultura, tarefa inadiável que a razão aberta impõe a todos: colocar a imaginação a serviço de um nível de realidade simbiótico, co-participante, comandado pela ecoalfabetização, que tem como âncora básica a ideia de sustentabilidade, ou seja, a garantia para as gerações futuras de níveis de vida superiores aos nossos, e pelo ecoplanejamento que redefine o papel das tecnologias optando por alternativas que respeitem a organização evolutiva da vida.<sup>8</sup>

Foi nessa direção que algumas perspectivas de políticas urbanas para o terceiro milênio foram recriadas. Não procuremos nelas nenhum programa político intervencionista a ser posto em prática por prefeitos e governadores ou por partidos políticos. Constituem meta pontos de vista, prospectivas humanistas regeneradoras que põem à prova a solidariedade social, as dimensões de felicidade, assim como as verdadeiras virtudes de emancipação a serem postas em prática nas cidades mundiais do terceiro milênio. Uma dessas perspectivas de política urbana refere-se à Paris e duas, a São Paulo, sendo uma de minha autoria. Minha intenção não foi apresentar meros cenários de ficção científica, mas co-

---

<sup>6</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>7</sup> Ítalo Calvino, op. cit. 105.

<sup>8</sup> As idéias de ecoalfabetização e ecodesenvolvimento foram desenvolvidas por Fritjof Capra. Acredito que sejam cruciais para políticas públicas voltadas para o replanejamento e a preservação dos sistemas urbanos do futuro; Fritjof Capra. *As Conexões Ocultas*. São Paulo, Pensamento/Cultrix, 2002.

locar em operação ideias e propostas com a pretensão de questionar e superar um estilo de vida cuja inumanidade afeta a consciência de todos os humanos da Terra.<sup>9</sup>

### 1. Paris, 26 de outubro de 2032, 11h23

#### *Paris liberada dos automóveis*

Uma semana inteira de festas e manifestações irão celebrar a renovação completa do centro de Paris e a eliminação dos últimos veículos particulares das ruas da capital... Um ambicioso programa de rearranjo, lançado em 2017 em consequência de um referendun organizado pela administração municipal chega hoje ao final... Para circular no Centro *todos os tipos de veículos – elétricos ou não – devem pagar uma taxa elevada, correspondendo à área ocupada. A maior parte das ruas de Paris intra-muros é reservada aos pedestres, às bicicletas e aos veículos elétricos.*<sup>10</sup>

### 2. São Paulo, 25 de janeiro de 2034, 17h15

#### *A conclusão do megaprojeto 2001 marca os 480 anos da cidade.*

Multidões celebram em praças, ruas e avenidas a melhoria das condições de vida e de renovação da cidade... Os conselhos comunitários das sub-prefeituras preparam os festejos que acontecem em vários lugares... Em todos os bairros comemora-se a implantação do sistema integrado de transportes e transmissão mista – térmica e elétrica – que, mesmo antes de ser completado, já vinha trazendo os benefícios às populações locais, reduzindo os níveis de poluição do ar e os ruídos.<sup>11</sup>

### 3. São Paulo-540, 25 de janeiro de 2094, 15h20

#### *São Paulo de todos: sustentabilidade, justiça e ética.*

Neste 540º aniversário da cidade, prefeitura e governo do Estado receberão representantes de todas as cidade do planeta que contam com

---

<sup>9</sup> Inspiro-me aqui nas concepções de Zygmunt Bauman, com obras instigantes para o entendimento da modernidade atual, em especial em seu ensaio “Life in fragments – Essay in postmodern moralities” Londres, Polity Press, 1988. E nas entrevistas: “A sociedade líquida”, in: Folha de São Paulo, Caderno Mais, 19/10/2003; e “Guerras de Reconocimiento em la Frontera Planetaria”, in, Claves de Razón Práctica, nº 120, mar., 2002, pp. 4-11.

<sup>10</sup> Joël de Rosnay. L’ homme symbiotique. Regards sur le Troisième Millénaire. Paris. Editions du Seuil, 1995, p. 340. (Joël de Rosnay. O Homem Simbiótico. Petrópolis, Vozes. 1995.)

<sup>11</sup> Maria Margarida Cavalcanti Limena, op. cit., pp. 274-275.

população de até 25 bilhões. O presidente da República confirmou presença, embora tenha de representar o país em Marte para participar de uma confederação planetária que discutirá a emergência de processos biológicos evolutivos no planeta vermelho. O governo exporá resultados de seu programa de governo fundado na dialogia entre estabilidade econômica e justiça biossocial. Várias iniciativas integrarão o programa das comemorações e, entre elas, algumas merecem destaque:

1) Nas secretarias de cultura estadual e municipal foi homologado o tombamento de todos os bairros da cidade. No decreto, fica garantido que o potencial construtivo do entorno de 400 metros de qualquer edificação tombada não poderá ser alterado, ainda que o bem possa ser passível de outras utilizações, desde que sua estrutura e histórias originais não sejam substancialmente alteradas. Pelo decreto, ficam abolidas quaisquer distinções entre bens materiais e imateriais, isso porque a cultura não permite essa distinção ultrapassada.

2) Os conselhos de cultura e meio ambiente foram unificados em um órgão que passa a ser chamado de Conselho de Defesa do Patrimônio Biocultural do Estado cuja sigla provisória é CDBC. O novo conselho terá composição tripartite com indicações provenientes das 60 subprefeituras, do Estado, e organizações não-governamentais da sociedade civil. Uma cartilha sobre os significados pretéritos e futuros da ação preservacionista com uma primeira edição de 30 bilhões de exemplares será distribuída em toda a rede pública e privada de ensino de 1º, 2º e 3º graus e integrará, em caráter obrigatório, os currículos de todos os níveis. O texto encontra-se disponível também na internet e em CD-ROMs.

3) No plano da educação procedeu-se à unificação das redes pública e privada, com ampliação orçamentária oriunda da alíquota do imposto da sustentabilidade, dedutível do imposto à renda e proporcional ao *quantum* salarial anual e à taxa de contribuição das grandes fortunas, de caráter opcional – 0,2% - que passa a integrar o Fundo Estadual do Mecenato. A grade curricular de todos os níveis de ensino envolve o intercruzamento de saberes e será composta de um nível geral, incumbido de sepultar a ideia da fragmentação do conhecimento em nome de uma ciência geral da vida. Um segundo nível, fundado em núcleos transdisciplinares de ecoalfabetização e ecodesenvolvimento será responsável por uma formação profissional competente aliada à auto-ética, à regeneração do *homo sapiens* e à sustentabilidade ecológica. Fica igualmente abolida a distinção entre ciências e humanidades, paradigma que foi muito dominante no século XX e nas primeiras décadas do atual.

4) Para os transportes, fica vedada a circulação de automóveis em toda a área central, dado que a ampliação do metrô posta em prática a partir de 2044 dotou a rede de 45 linhas que cruzam toda a cidade. Pedestres, ciclistas e urbanautas disporão de amplos espaços de circulação em ruas, praças, parques e bulevares. Por um acordo planetário, toda a indústria automobilística transnacional vem sendo obrigada desde 2055 a produzir veículos não poluentes e recicláveis, o que reduziu sensivelmente os índices de qualidade do ar da cidade. No dia 25, serão finalmente inauguradas oito linhas de TGV para os 10 aeroportos transnacionais, todos interligados ao metrô. A malha ferroviária foi inteiramente recuperada para os deslocamentos intercidades e a frota de ônibus movidos a diesel reduzida em 82%, esperando-se que essa cifra diminua em 100% até 2100.

5) A necessidade de moradia diminuiu para 10 mil, índice que vem reduzindo em cada década, dada a implantação dos 500 Núcleos Transdisciplinares de Cultura – os Nutrans – que se espalharam pela cidade a partir de 2040. A formação propedêutica em tempo integral é complementada pela formação cultural – teatros, cinemas, esportes, ateliês de arte. Com o apoio da iniciativa privada e do mecenato, o encontro dos Nutrans foi inteiramente urbanizado e o financiamento de moradias com energia solar encontra-se em fase de consolidação. Com isso, espera-se que a distância cultural e social entre centro e periferia seja superada.

6) *Resíduos*. Inauguração de mais de 40 unidades de transformação de resíduos sólidos em biogás fornecerá energia para hospitais, residências, parques, universidades. A coleta seletiva foi 100% implantada e constatou-se uma sensível diminuição de 50% do volume domiciliar dos resíduos, dada a intensificação da campanha contra o uso de plásticos, a não ser os que sejam recicláveis. A emissão de CO<sub>2</sub> foi reduzida em 80% em cumprimento à deliberação da Comissão de Preservação do Patrimônio da Terra, instalada em 2040, da qual o Mercosul foi um dos proponentes.

7) *Consumo*. A agricultura orgânica já é responsável por 75% de toda a produção de alimentos. Estimulada por recursos provenientes dos fundos planetários de sustentabilidade, foi reduzida em 85% a produção de alimentos geneticamente modificados e em 90% a utilização de adubos químicos cuja política é traçada, em nível federal, estadual e municipal, pela Comissão Brasileira de Ecologia Planetária.

8) *Eventos*. Neste 540º aniversário, optou-se pela descentralização das comemorações. No lugar de megaespetáculos midiáticos, as comemorações serão coordenadas pela rede das 60 subprefeituras presididas pe-

las secretarias da cultura e da educação que serão fundidas num único órgão, a partir de 2097, com projeto aprovado pela Câmara Setorial da Cidadania e pela Câmara da Representação Municipal. Em suas sedes, serão mostrados os resultados gerais do projeto “Cinema e Teatro na Rua” voltado à produção e representação de espetáculos clássicos e contemporâneos. Miniorquestras de cordas e trombones resgatarão melodias de compositores nacionais e internacionais do século XVI em diante. Ateliês de arte exibirão os resultados dos trabalhos de pintura, escultura e gravura levados a cabo pelo projeto “Arte para Sempre”, cujo propósito é ativar o papel das tradições histórico-culturais. O concurso “Imaginação literária na segunda metade do século XXI” divulgará as premiações nas categorias conto, poesia e romance. O projeto “Ciências e humanidades, uma fronteira extinta” outorgará o Prêmio Ernesto Sábató – uma viagem de 45 dias para Paris – a um antropólogo carioca de 92 anos, que concorrerá com outros 99.999 candidatos de idades as mais variadas.

No Teatro Municipal, as sinfônicas estadual e municipal executarão o novo hino da cidade, resultante de concurso nacional que contou com 100 milhões de participantes. O vencedor, 26 anos – com doutorado em ciências bioculturais – nasceu na cidade do Natal. A transmissão do espetáculo será feita por TV a cabo para todo o planeta em 900 mil telões espalhados por todas as cidades do Estado de São Paulo e do Brasil.

# A Importância Pedagógica do Imaginário das Histórias da Tradição

---

George Michael Alves de Lima

Como se fossem feitas de alguma matéria sutil, atravessam as muralhas invisíveis que nos separam uns dos outros, ignorando o tempo e o espaço, e simplesmente se perpetuam.

Jean-Claude Carrière

O contador de histórias, adquire a dimensão de um conselheiro, um sábio com uma experiência a ser transmitida, seu conteúdo é tecido na própria teia da vida, por isso pode ser denominado de sabedoria.

Maria Aparecida Lopes Nogueira

Vários motivos me levaram a desenvolver essa pesquisa sobre os contadores de histórias. Talvez, o mais forte deles parta do reconhecimento do contador enquanto agente que mantém e transmite o capital cultural. Numa ação estimulante, suas narrativas religam passado e presente debruçando-se sobre o futuro.

caminhante não há caminho, o caminho se faz ao andar <sup>1</sup>

Busquei fazer um estudo sobre o papel das histórias da tradição no universo das escolas, observando o espaço que ocupam nas salas de aula e na grade curricular. A partir delas, procurei verificar como se dá a sutura entre saberes científicos e saberes populares no âmbito escolar, e, como as mesmas possibilitam a recriação da realidade de forma lúdica e prazerosa.

O trabalho de campo foi feito em duas instituições que trabalham com o tema proposto, contação de histórias: o Centro de Cultura Luiz Freire<sup>2</sup> e o

---

<sup>1</sup> Verso do Poeta Antônio Machado.

<sup>2</sup> CCLF - Centro de Cultura Luiz Freire. Rua 27 de Janeiro, 181. Carmo. Olinda / PE . Fundado em 1972, atua nacionalmente; trabalha nas áreas de: educação, crianças, adolescentes, direitos humanos, povos indígenas, arte e cultura, comunicação.

Centro Social da Torre<sup>3</sup>, mais conhecido como “Creche da Tia Zete”. A metodologia adotada foi de caráter investigativo, sob a égide da observação participante, foram realizadas, também, entrevistas semi-estruturadas com os professores-contadores.

Embora as duas instituições trabalhem com *contação de histórias* adotam metodologias diferentes. O Centro de Cultura Luiz Freire desenvolve um trabalho de formação de contadores/leitores, desde 1990. Já o Centro Social da Torre é um espaço no qual a contação acontece continuamente. Lá estão narradores exercendo seu ofício. Mergulhei no universo desses contadores de histórias e surpreendi-me encantado por lendas, mitos, fabulas... Ao mesmo tempo, a leitura de textos como “O Narrador” de Walter Benjamin<sup>4</sup> e de outros textos referenciados na bibliografia, me ajudaram a compreender a teia complexa que envolvia narradores, histórias e ouvintes.

## Percebendo uma realidade

Como as minhocas que, dizem, tornam fértil a terra que atravessam às cegas, as histórias passam das bocas aos ouvidos e vêm dizendo, há muito tempo, o que não pode ser dito de nenhuma outra maneira. (Carrière, 2004:07).

Os educadores que trabalham com a narração de histórias reiteram a sua importância pedagógica. Argumentam que a contação é um estímulo à formação de leitores, isso porque desperta o interesse pela leitura. Reconhecem que, apesar do amplo leque de suportes tecnológicos que viabilizam uma comunicação mais veloz, a força da oralidade se mantém presente. Ao mesmo tempo admitem que nosso sistema educacional ainda não abre espaço suficiente para os contadores em escolas.

Cida Fernandez, coordenadora pedagógica do Centro Luiz Freire, acredita que “Contar histórias é você se transportar”. Informa que o cur-

---

<sup>3</sup> Razão Social: Associação Cristã Feminina (Centro Social da A.C.F. Torre). Rua Floriano Francisco de Oliveira, 96. Torre. Recife / PE. Fundado em 1966. Atua com educação infantil e primeiro ano do primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

<sup>4</sup> Ver Bibliografia.

so de formação de contadores de histórias promovido pelo Centro é oferecido a educadores populares da rede pública municipal, tendo como foco trabalhar as tradições locais, de Pernambuco. Entende que a história da tradição oral é fundamental para a formação da criança.

Antes de o curso ser oferecido, foi feito um mapeamento em escolas, bibliotecas públicas, Centros Sociais; tudo isso para localizar o contador. Mas Cida Fernandez reconhece que existe um movimento de contadores que esta à margem, e que o educador tem uma grade curricular que deve ser seguida, e isso, de certa forma, restringe a contação nas aulas. Para ela, no município do Recife, essa ideia tem mudado (embora lentamente), devido à gerência de formação de leitores da Secretaria de Educação do Município.

Ressalta, ainda, a relação existente entre as habilidades pessoais de cada contador: sua origem, suas ideias a respeito da contação e o conteúdo das histórias. O interessante é trazer a criança para dentro da história, ajudá-la a se relacionar com o mundo. A criança imersa no universo mágico das histórias reelabora seu imaginário e traduz isso para a escrita. Relaciona códigos, vislumbra um novo cotidiano, e cria múltiplos sentidos para as coisas.

No Centro Social da Torre (Creche de Tia Zete), fui conversar com uma Contadora de Histórias, Dona Zete<sup>5</sup>. Logo de início ela falou de sua satisfação em ser contadora: “[...] faz parte de mim, da minha vida”. Assim, sua contação não ocorre apenas na instituição, mas em casa, para a família e amigos. Diz ter pouca instrução, mas se reconhece como amante das palavras. Nasceu na zona da mata sul de Pernambuco; foi criada em engenho, conhecedora de várias histórias, como a do fogo corredor:

“No interior quando falta energia fica tudo escuro, mas escuro mesmo e a gente via. Nossa casa era aqui e tinha uns canaviais que tinha lá em Cateunde e de repente a gente via se levantar aquelas bolas de fogo que começavam a correr de um lado, correr pra outro e depois começaram a se chocar. Essa história do fogo é o seguinte, é quando dois compadres são amantes e o castigo era ficar brigando em cima do verde (do canavial) pra se purificar pelo crime que fez, pois compadre naquela época era um parente, um irmão, não podia faltar com respeito. O fogo corredor eu vi.

---

<sup>5</sup> Gisete de Lima Cabral Barbosa, sessenta e cinco anos, diretora do Centro Social da Torre.

O fogo corredor começava como uma paquera, a bola de fogo vinha, de repente se encontrava e se separava.”

Para Dona Zete o verdadeiro contador “tem que contar com sentimento, viver a história”. Destaca que muitas histórias povoaram seus sonhos de menina: A História de João Grilo, A Moça da Perna Fina, Comadre Fulorzinha, A Mulher da Sombrinha:

“Era uma mulher formosa que encantava os funcionários da Usina quando eles trocavam de turno a Meia-Noite. Ela era alta, loira, usava um vestido comprido com sapato alto e com uma sombrinha de cetim. Aí eles seguiam ela e iam até o cemitério, e acordavam no outro dia em cima de uma cova (jazigo) de uma moça, e saíam gritando.”

Lembrou que as histórias reuniam, à noite, toda a família, recordando com emoção e em um tom poético o período em que não havia energia elétrica em sua casa e que as noites eram iluminadas pelas chamas dos candeeiros.

Em seguida, Dona Zete informou sobre a metodologia utilizada na instituição. Em cada sala há um “cantinho da leitura”, com alguns livros de histórias. O contador/professor escolhe, em conjunto com os alunos, a história a ser lida naquele dia. Não são todos os professores que são contadores, apenas alguns.

É importante ressaltar que a contação de histórias não se restringe a um momento de prazer, pode ser utilizada para passar conteúdos, sociabilizar... “Há todo o momento nasce uma história. (...) Através do conto passamos para as crianças os nossos valores”, dizia ela. O que se aproxima da ideia de Claude Lévi-Strauss, segundo a qual: “só o mito é verdadeiro em qualquer época: a verdade da história está no mito, e não o inverso (..) As narrativas míticas não são histórias que voltam as costas à realidade, mas uma estratégia de ver, pensar e ordenar o mundo” (1997:31).

Karla, filha de Dona Zete, educadora e contadora de histórias do Centro, fez uma crítica ferrenha ao sistema educacional e a alta valorização dos títulos. Reclamou do desprezo do sistema pelos contadores e pelos saberes populares. Falou que muitos educadores se dizem contadores, mas não o são; o que fazem é ler histórias e não contar. Não têm a práti-

ca. Explicou que o poder de manter a atenção da criança é uma técnica que se aprende no dia a dia, na paixão de ver os olhos da criança brilhando, encantadas com o que ouvem.

Despedi-me das contadoras e fui embora com a alma cheia de histórias. Quem sabe, eu mesmo, não estivesse com um brilho no olhar, igual às crianças, ouvindo as histórias de Karla e Dona Zete, pois o sonho não tem idade, não se perdeu; ele está em nós, vivo e pulsante.

Ao estar em uma sala de aula, ou como diz Dona Zete, no “cantinho de leitura”, pude observar o encantamento e a euforia das crianças aguardando para que a história começasse. Quando isso acontece quase nada é capaz de retirar sua atenção, desviar o seu olhar do contador, parecem hipnotizadas, viajam por planetas, castelos, com príncipes e princesas; pois, como afirma Aparecida Nogueira (2000), as histórias transfiguram o real em algo mais prazeroso e sedutor.

Ao longo da pesquisa, várias de minhas inquietações foram apaziguadas; inquietações que diziam respeito a: como estas histórias resistem ao tempo? qual a sua importância? Em um momento de reflexão, perguntei-me: As histórias alimentam o quê? E agora respondo que alimentam a vida, o sonho, a fantasia, fortalecem a identidade cultural de um povo. Pude enxergar, também, que a contação é uma forma de resistência, não deixa o mito se perder. É uma espécie de alimento para o espírito por isso a importância de utilizá-las com estratégia pedagógica. Minha expectativa é de que os contadores continuem semeando as histórias no nosso jardim imaginário, dando lições de vida e de sabedoria.

## **Referências Bibliográficas**

BENJAMIN, W, *O Narrador*. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov In: *Magia e técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras Escolhidas, vol. I)

CARRIÈRE, Jean-Claude, *O círculo dos mentirosos: contos filosóficos do mundo inteiro*. Tradução de Cláudio Figueiredo. – São Paulo: Códex, 2004.

DURAND, G, O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 2ª ed. Rio de Janeiro: Difel. 2001.

\_\_\_\_\_. A Imaginação Simbólica. São Paulo: Cultrix, 1988.

FIGUEIREDO, Maria do Socorro F. V. Contadores de História: tradição e atualidade/ Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2005.

LÉVI-STRAUSS, C, O Pensamento Selvagem. São Paulo: Nacional e USP, 1970.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes, O Cabreiro Tresmalhado: Ariano Suassuna e a Universalidade da Cultura. São Paulo: Palas Athena, 2000.

SILVA, Carlos Aldemir da, Alfabetos da Alma – histórias da tradição na escola. Porto Alegre: Sulina, 2006.

WUNENBURGER, Jean-Jacques, Educação e Imaginário: introdução a uma filosofia do imaginário educacional. São Paulo: Cortez, 2006.

# Por Onde Andam as Crianças?

---

Jarbas Araújo

Todos os encontros com ex-alunos da Escola Viva / Escola da Rua / EMAC (Escola Monsenhor Arruda Câmara)<sup>1</sup> foram de uma alegria inco-mum, talvez na tentativa de não perder o que se desdobra para além da sala de aula EMAC / Escola Viva.

Vale ressaltar que o desejo de preservar o encantamento vivenciado naqueles caminhos de ensino-aprendizagem nos Peixinhos, bairro da pe-riferia de Olinda no estado de Pernambuco, fazia parte daqueles que, por meio de gestos, brilho no olhar, brincadeiras e saberes, foram parceiros nesse sonho escolar.

Estou agora a imaginar o amigo Antônio Montenegro perguntando-me: “por onde andam as crianças da *Escola Viva/EMAC*?”. Vamos, então, informar.

Tudo adquiriu as tinturas miraculosas do tempo. A ponte da Boa Vista, que liga as ruas Nova e Imperatriz, no bairro da Boa Vista/Recife, constitui o *locus* do início da caminhada em busca das crianças e suas his-tórias. Como um *flâneur*, percorro a pé as ruas do Recife – da rua Nova ao Mercado de São José - de segunda a sexta-feira, sempre na parte da tarde.

Meu encontro com Aldézio foi na Ponte da Boa Vista. Era um rapaz alto, aparentando 40 anos de idade. Vinha em direção contrária a minha. Acenando e gesticulando de longe: “Tio Jarbas! O senhor não se lembra de mim... Fui seu aluno na *Escola da Rua* e no EMAC. Faz muito tempo; uns trinta anos. Eu nunca me esquecerei do senhor. Eu era muito adiantado na idade e muito atrasado no saber. O senhor me ensinou a ler e escrever na escolinha da rua. Eu nunca vou esquecer o que o senhor fez por mim”.

---

<sup>1</sup> *Projeto Escola Viva / Escola da Rua*: integrante do *Pró-Memória/Projeto Interação*, financiado e acompanhado pela Secretaria de Cultura do Ministério de Educação e Cultura (SEC/MEC), e depois, pela Secretaria de Ação Cultural do Ministério da Cultura (SEAC/MinC); Coordenador: Jarbas Araújo; período: 1981 a 1987. Contou com o apoio do DERE / Secretaria de Educação de Pernambuco e das instituições “Centro de Pesquisas Josué de Castro” e “Centro de Cultura Luis Freire”.

Foi assim o primeiro dos reencontros com meus alunos-parceiros, em março de 2009. Aldézio me falou que mora no bairro de Rio Doce, em Olinda; tem filhos, é casado e possui um pequeno comércio.

Fernando trabalha como balconista numa farmácia na rua da Praia (centro do Recife); é casado e tem filhos. Seu irmão é soldado da polícia militar. E Fernando continuou informando sobre outros alunos: “Nado é cabeleireiro e está morando na Bahia. Mano trabalha no comércio, no entorno do Mercado de São José. Marcelo que ‘greiava’ quando o senhor usava brinco, hoje é um famoso traficante de São Paulo, o Marcelinho do Pó”.

Na bodega de seu José, em Peixinhos, encontrei Pompeu. Batemos papo, bebemos cachaça e caldinho de feijão. Perguntei-lhe, de súbito: “Estás trabalhando em quê?” “Estou assaltando, tio Jarbas”. “Deve dar um trabalhão...”; comentei, risonho.

Ao fazer minha caminhada obrigatória na Praça do Hipódromo, localizada no bairro recifense de mesmo nome, me deparei com um rapaz que circulava de bicicleta. A essa altura meu coração parecia que ia saltar do peito. Ergui a cabeça e o rapaz gritou: “Tio Jarbas, sou Gílson... Fui seu aluno na escolinha da rua”. Ri alto, aliviado. “Estás trabalhando em quê?” “Sou percussionista da banda Nação Zumbi, conhece?” “Claro Gílson; é a banda do Chico Science”.

Encontrei Idilene, vendedora de uma loja de artigos da China, na rua 7 de setembro, centro do Recife. Casada, mãe de Lucas, me disse: “Vera mora em São Paulo. Os irmãos Gleice, Cleisson e Negão trabalham no comércio. Peta passa jogo de bicho aqui perto”.

Waldir, irmão de Waldemir é um grande marceneiro. E Waldemir é sócio de uma casa de peças para automóveis, segundo o pai deles – ambulante que vende caldinho no centro do Recife.

Fico feliz por rememorar a *Escola Viva* por meio dos alunos que reencontrei ao acaso. Sei muito bem que a vida de cada aluno/pessoa deveria ditar apenas a sua felicidade. Duvido que esse também não seja o projeto deles. Mas deixemos isso; afinal, estamos todos na mão do destino que ajudamos a traçar. Essa aflição existe, inegavelmente. Porque a vida não sabe ser, toda e sempre, uma farsa.

# O Imaginário do Deserto e o Reino das Muitas-Histórias

---

Maria Aparecida Lopes Nogueira

A areia e o vento do deserto constituíram, por longo tempo, o palco no qual os árabes contadores de histórias, poetas da vida, se reuniam. Esse exercício de revitalização da palavra proporcionava a manutenção e a transmissão de um rico capital cultural que permanece vivo até hoje, pois é a palavra que possibilita o enfrentamento das intempéries.

Talvez possa até afirmar que a primeira língua, a mais arcaica, nasceu como resistência ao deserto, concordando com o poeta libanês contemporâneo, Salah Stétié. Nesse sentido, a língua defende e salva, é um talismã, uma magia, ou mesmo, uma espécie de sacramento.

A língua árabe, na condição de uma de nossas línguas maternas, nos remete para tempos imemoriais, míticos, ao mesmo tempo em que reitera a marca profunda do arquétipo da oralidade presente no imaginário árabe. Foi através da palavra que o Profeta Maomé recebeu e transmitiu aos homens o Livro a ele confiado pelo anjo Gabriel, por isso o Corão – que significa leitura – conserva sua raiz de oralidade.

O advento da escrita não conseguiu apagar do mundo árabe o fervor criativo da oralidade, pois seu denso imaginário continua sendo fomentado por um simbolismo prenhe de delírio, sabedoria, desejo, serenidade e esperança.

Do mesmo modo que Jorge Luis Borges, todos nós somos tributários das *Mil e Uma Noites*, que é um fato verbal. Segundo Malba Tahan, “mais do que qualquer outro povo, os árabes revelam verdadeira fascinação pelas histórias. [...] Antes das grandes transformações sociais que vêm sublevando as terras do oriente, não havia aldeia árabe que não tivesse seu contador de histórias” (2001:15). Nas cidades de Cairo, Damasco e Constantinopla havia até uma espécie de sindicato de contadores, que era dirigido pelo denominado “chefe dos contadores do café”.

É o mesmo autor que chama a atenção para a semelhança entre o

contador árabe e o nosso cantador sertanejo. Fomentada por tal similitude, acredito que, tal como Sherazade, que conta, noite após noite, mil e uma histórias ao sultão, Ariano Suassuna emerge como contador de histórias.

Quem já teve a sorte de assistir a uma aula-espetáculo de Ariano, deverá concordar comigo. Seu gesto arrebatado, sua voz rouca, o brilho infantil nos olhos, o rosto expressivo e a solenidade da vestimenta, compõem sua figura de narrador, aquele que deixa os ouvintes extasiados. Consciente desse papel, reconhece a importância dada ao narrador na transmissão e manutenção do capital cultural. Suas narrativas “em cadeia”, nos moldes das *Mil e Uma Noites*, empolgam e são sempre seguidas de aplausos entusiasmados.

Mitos, contos, fábulas e histórias narradas constituem o material de referência que permite uma dialógica discursiva entre os fragmentos emblemáticos da obra de Ariano, que é construída a partir de histórias coletivas, “sem dono”, recriadas por cada grupo cultural, tendo como base suas trajetórias individuais/coletivas, como “A História do Marido e do Papagaio”, contada por Sherazade:

Havia outrora um homem que tinha uma bela mulher a quem amava tanto que só a perdia de vista o estritamente necessário. Um dia em que negócios urgentes o obrigaram a se afastar, dirigiu-se a um lugar onde se vendia toda espécie de aves, e ali comprou um papagaio que não somente falava bem, como também tinha o dom de contar tudo quanto se fazia na sua presença. Levando-o para casa, rogou à mulher que o pusesse no seu quarto e dele cuidasse durante a viagem que o obrigava a afastar-se; depois, partiu.

Ao voltar, não deixou de interrogar o papagaio sobre o que havia se passado durante sua ausência; e imediatamente o papagaio lhe contou coisas que lhe deram motivo para censurar duramente sua mulher. A mulher, julgando ter sido traída por uma das escravas, interrogou-as, mas todas juraram ter sido fiéis, e concordaram em apontar o papagaio como autor da denúncia.

Certa de que assim devia ser realmente, tratou a mulher de arranjar um meio de destruir as suspeitas do marido, e, ao mesmo tempo, de vingar-se do maldito papagaio. Tendo o marido saído para uma viagem de um dia, ordenou a uma escrava que, durante a noite, virasse, sob a gaiola da ave, um moinho de braço, a outra ainda que pegasse um espelho e o voltasse diante dos olhos do papagaio, para a direita e para a esquerda à

luz de uma vela. As escravas empregaram grande parte da noite em fazer o que lhes fora ordenado, e fizeram-no com grande habilidade. No dia seguinte, o marido, de volta, fez ainda umas perguntas ao papagaio sobre o que havia se passado; a ave respondeu-lhe: Meu bom amo, os relâmpagos, os trovões e a chuva de tal forma me incomodaram de noite, que não posso dizer-vos como sofri. O marido, que muito bem sabia não haver nem chovido nem trovejado naquela noite, persuadiu-se de que o papagaio, não dizendo a verdade naquele ponto, tampouco lhe dissera no tocante à sua mulher. Zangado, tirou-o da gaiola e lançou-o por terra com tal violência que o matou. Não obstante, com o tempo, soube pelos vizinhos que o pobrezinho não havia lhe mentido sobre o procedimento de sua mulher, o que fez com que se arrependesse de o ter matado (2001:77-78).

A idéia de Claude Lévi-Strauss de que “só o mito é verdadeiro em qualquer época: a verdade da história está no mito, e não o inverso” (1997:92), foi o fio condutor utilizado para compreender a dimensão de contador de histórias de Ariano Suassuna e, simultaneamente, contar histórias sobre ele, de modo a recuperá-lo como palhaço, seu personagem principal.

No difícil enfrentamento entre a vida e as idéias, vem se forjando um contador de histórias que resgata o palhaço da infância, que assume o riso, como uma possibilidade de *religar* presente e passado e presente e futuro. Às histórias subjazem uma ligação profunda entre a memória e a imaginação que se evidencia na valorização do passado, retorno às figuras e imagens que compunham a infância. Como sugere a psicanalista junguiana Clarissa Pinkola Estés, as histórias têm o poder de perpetuar a humanidade pois são tão necessárias “para uma vida longa e saudável quanto uma alimentação razoável, trabalho e relacionamentos razoáveis” (1998:9-10).

A profundidade das histórias não reside na palavra dita, mas num sentido subjacente. Essa ordem oculta possibilita perceber que há uma interligação entre as histórias, tal qual as bonecas *Matriockas*, originalmente russas, se encaixam umas nas outras. É essa a lógica das *Mil e Uma Noites*. Talvez Ariano queira nos por frente a frente com o deserto primordial, aquele mesmo e outro deserto árabe que tanto tem contribuído para a formação brasileira, na tentativa de impedir o esquecimento dessa “desordem organizadora”, dessa pulsação que só os “Castanhos” são capazes de disseminar.

Nesse papel de contador, Ariano revela-se um personagem singular. Tal qual o *narrador* descrito por Walter Benjamin, ele adquire o *status* de um conselheiro, um sábio com uma experiência a ser transmitida. Suas histórias são uma aula de vida para os ouvintes, têm sempre uma dimensão utilitária explicitada num ensinamento moral. Assim, quem ainda estiver acordado ao final de uma sessão de histórias, sem dúvida irá tornar-se a pessoa mais sábia do mundo.

Nas histórias de Ariano, as temáticas de insanidade e mentira repetem-se, delineando os contornos do seu estilo. Como se vê, o autor é impregnado de uma oralidade profunda, fortemente encontrada nos contadores árabes, que não cansavam de narrar histórias sobre seu apego a alguma égua ou camela, ou ainda, sobre a insubmissão desconsolada diante da perda da mulher, de acordo com o poeta Stétié.

Ariano nutre grande simpatia pelo doido e pelo mentiroso que, no Nordeste “são nossos *Aedos*”, confirmando uma longa tradição de contar histórias, que remonta aqueles que circulavam pelas margens do Mediterrâneo e que fermentavam a própria península árabe. Num movimento de identificação com eles, o autor é um antecipador de verdades, transitando entre a memória involuntária e a memória consciente informando e revivendo por meio das histórias que conta. Em o *Auto da Compadecida* (1990: 27-28), uma dessas histórias reflete a influência árabe, pois realça a importância do cavalo como companheiro:

- Chicó: Foi uma velha que me vendeu barato, porque ia se mudar, mas me recomendou todo cuidado, porque o cavalo era bento. E só podia ser mesmo, porque cavalo bom como aquele eu nunca tinha visto. Uma vez corremos atrás de uma garrota, das seis da manhã até as seis da tarde, sem parar nem um momento, eu a cavalo, ele a pé. Fui derrubar a novilha já de noite, mas quando acabei o serviço e enchocalhei a rês, olhei ao redor, e não conhecia o lugar em que estávamos. Tomei uma vereda que havia assim e saí tangendo o boi...

- João Grilo: O boi? Não era uma garrota?

- Chicó: Uma garrota e um boi.

- João Grilo: E você corria atrás dos dois de uma vez?

- Chicó, *irritado*: Corria, é proibido?

- João Grilo: Não, mas eu me admiro é eles correrem tanto tempo juntos, sem se apartarem. Como foi isso?

- Chicó: Não sei, só sei que foi assim.

No Catolicismo Sertanejo de Ariano, tão bem tematizado no *Romanço d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, o personagem **Quaderna** confessa a influência sofrida do imaginário árabe, através da Península Ibérica. Segundo ele, sua religião “é a única bastante moura para nos permitir, aqui logo, os maiores e melhores prazeres que podemos gozar neste mundo velho de meu Deus” (1971:453)

É o mesmo **Quaderna** que se reporta à peleja entre mouros e cristãos, encenadas em alguns dos nossos folguedos populares, como o Auto de Guerreiros, a Nau Catarineta e o Pastoril. Mas é a Cavalhada o folguedo que mais o encanta:

Os figurantes das Cavalhadas sertanejas são vinte e quatro Cavaleiros armados de lança e representando os Doze Pares de França e os Doze do Cordão Encarnado! Os Azuis, são os Cavaleiros cruzados e cristãos, e os Encarnados são os Cavaleiros mouros e mulçulmanos” (idem:310).

Vale ressaltar que, no Brasil, segundo informações de Câmara Cascudo, o termo *árabe* só tornou-se genérico nas últimas décadas do século XIX com a emigração da Síria e do Líbano. Dizíamos *mouro*, o nome mais constante na Península Ibérica, lembrando os berberes, mouros históricos. Talvez Ariano opte pela denominação *mouro*, por ser esta a mais presente na cultura popular brasileira.

O autor compreende que nós, brasileiros e árabes, povos escuros, castanhos, povos desfavorecidos, integramos o grande contingente de filhos da *Rainha do Meio-Dia*. O “Castanho” é uma aspiração, uma utopia perseguida inconscientemente por esses povos simultaneamente noturnos, femininos, dionisíacos e diurnos, masculinos e apolíneos, que transitam, incessantemente, entre o imaginário e a realidade.

O fato de Ariano ter escolhido como símbolo do Povo brasileiro a Onça Castanha ou Parda, também chamada no Sertão de Suçuarana, é emblemático. Para ele, a Suçuarana é descendente mestiça da Onça Vermelha, da Onça Tigre (negra) e da Onça Malhada (fulva com malhas pretas), que simboliza os Portugueses e Espanhóis, tocados também pelo sangue árabe:

Das histórias que vivo inventando, dos assuntos que estão me apaixonando no momento, [procurando] algum sentido a meus atos e palavras,

àquilo que, por natureza, é desordenado e sem brilho. A vida é um sonho, disse um Poeta espanhol e que, como todo grande espanhol, como todo grande brasileiro, como todo grande homem, devia ser meio des-pilotado do juízo. Ao que juntou outro Poeta, que a vida é um conto narrado por um idiota, um conto cheio de sons e fúria mas que nada significa: um pobre jogral que dá cambalhotas e logo se retira do palco.

Pois se minha vida é um sonho, e o sonho de um demente, cuide-se de fazer, aqui, deste pesadelo feio e sujo uma narração, cruelmente alegre ali, sangrenta e colorida acolá, sagrada em sua profanidade, coberta de vidrilhos e de jóias pobres em sua tristeza, luzida e intrépida em sua feiúra. Uma narração na qual caibam as coisas mais diferentes e opostas - o brilhante e o monstruoso, o grotesco e o terrível, o trágico e o ridículo, a emoção e a bufoneria. Assim o que minha vida teve e tem de morno, de diferente, de feio e de errado, terminará cicatrizado na unidade do conjunto (*Jornal da Semana*, Ano I, de 17 a 23/12/72, n. 1, p. 20).

Ariano é ferozmente arremessado em direção a uma beleza subterrânea, oculta na longa noite dos loucos, dos palhaços, dos mentirosos e contadores de histórias. Eles inventam uma realidade mais prazerosa e onírica, na qual os itinerários empírico/lógico/racional e mítico/mágico/simbólico pulsam simultaneamente, numa dialogização infinita.

Nesse âmbito, as histórias forjam um sentido misterioso para a existência, num pêndulo em que a seta do tempo oscila entre a irreversibilidade e a reversibilidade, e num espaço qualitativo que reatualiza o mito, pois como se sabe, os mitos se transformam e, confirmando as intuições de Lévi-Strauss, essas transformações afetam ora sua armadura, ora seu código, ora sua mensagem. Mas o mito permanece apesar de tudo, pois é respeitado o que denomina de 'princípio de conservação da matéria mítica', por meio de belos exercícios de bricolagem, marca da nossa inventividade, presente na história a seguir:

Certa vez, conversando com um grande amigo, Ariano foi informado sobre a possibilidade do aumento na produção de mel de abelhas:

- Pois é, Ariano... Tive uma grande ideia!
- Como assim?...
- Ora, basta que elas trabalhem de noite.
- E isso é possível?
- Claro! Vou fazer o cruzamento da abelha com o vagalume. Então, à noite, elas trabalharão... vamos dizer assim: à luz de velas.

- E você já pensou como irá chamar sua descoberta? Será vagabelha ou abelhume?

- Sabe, Ariano, sinceramente ainda não decidi.

A sequência de histórias, presente nas *Mil e Uma Noites*, propicia uma compreensão mais profunda sobre o confronto entre letrados e não-letrados, quem sabe se através dela Ariano esteja respondendo à questão: “há diferenças entre o conhecimento gerado nesses registros distintos?”

Em uma das muitas viagens, na década de 1970, Ariano foi para o Rio de Janeiro para participar de um festival, junto com a Orquestra Armorial. Levou, como convidado, o rabequeiro pernambucano Mário Prancha.

Platéia lotada.

Ariano apresentou Mário Prancha. Falou da importância dele e da rabeça, e informou ao público: “vou pedir a Mário que toque o Tema do Galante”.

Mário Prancha executou outro tema. Foi muito aplaudido.

De novo com a palavra, Ariano informou ao público: “embora a música tocada pelo rabequeiro seja bela, não é o “Tema do Galante”; por isso vou pedir que Mário a toque.

Como acontecera anteriormente, Mário tocou outra música. Mais uma vez Ariano esclareceu a platéia. Nessa altura, perguntou no ouvido do rabequeiro:

- “Mário, não estou entendendo. Eu já anunciei o “Tema do Galante” duas vezes e você tocou outras músicas. Por que?”

- “Porque você disse que ia me pedir para tocar esse tema e não pediu.”

- “Pois, agora, estou pedindo.”

- “Então, vou tocar”.

Ariano contou ao público o conteúdo da conversa e todos riram muito. Depois, para delírio geral, finalmente Mário Prancha tocou o “Tema do Galante”.

Quando era professor na Universidade Federal de Pernambuco, sua sala era apinhada de alunos regularmente matriculados, de ouvintes e curiosos. Hoje, suas aulas-espetáculo constituem *lócus* privilegiado de contação de histórias, confirmam que Ariano sabe como poucos prender

a atenção dos ouvintes, com a faculdade de intercambiar experiências, característica fundamental dessa arte. As histórias orais são a fonte das suas narrativas. Apoiado nelas e transtornado pelos sonhos e fantasmas, traça um fio tênue entre real e imaginário. Como narrador, o que conta é retirado da própria experiência ou do relato dos outros, e ampliado para a experiência dos ouvintes.

Mas Ariano-contador de histórias quer ultrapassar o silêncio das dores íntimas que o atormentam. Num clamor de loucura, vislumbra novos e infinitos mundos com o olhar de um personagem em torno do qual existe todo um anedotário, e ele próprio não sabe ao certo como tudo isso começou.

Para Benjamim, os melhores narradores são os anônimos, aqueles que viajam, que vêm de longe com muita história para contar, mas que se tornam tangíveis quando concretizados no camponês sedentário e no marinho comerciante, representantes arcaicos do narrador que se interpenetram. Ariano encarna, amplia e atualiza o arquétipo do narrador, impregnado na sua trajetória que oscila entre o campo e a cidade:

Entre tantos Profetas de Feira, um em particular impressionou profundamente Ariano. Todo sábado o tal Profeta estava na feira de Taperoá, exercendo seu ofício. Certa vez, aproximou-se dele um rapaz que, em tom de desafio, perguntou-lhe:

- “Profeta, onde está meu pai?”

- “Meu filho, seu pai está na capital.”

O rapaz, caiu na gargalhada:

- “Meu pai morreu faz tempo! O senhor está enganado.”

- “Quem está enganado é você. Quem morreu foi o marido da sua mãe; seu pai está vivo.”

Ariano, tal qual Sherazade, conta uma história na qual se conta uma história na qual se conta uma história. Essa arte permite manipular e/ou capturar o tempo, imprimir-lhe um ritmo próprio, continuar ou interromper a narrativa.

A tudo isso subjaz um sentimento vivido que oscila entre dor e riso, desenhado pelas marcas da memória individual e coletiva, que constrói um deserto moldado pelo desejo, espelho das paixões.

Talvez o imaginário árabe presente em Ariano expresse as ressonâncias e reminiscências da Falsafa – a Filosofia entre os árabes -, que marcou de modo definitivo a Filosofia do Ocidente, a partir do século XII d.C., através do contato entre o Ocidente medieval latino cristão e o Oriente medieval árabe mulçumano.

Para Attie Filho, “seja pelo contato das universidades emergentes da Europa com o pensamento dos árabes, ou pelo estreito contato na Espanha moura ou ainda, em menor grau, pelo contato das cruzadas, os ocidentais foram marcados não só pelo refinamento das sedas e dos perfumes, mas também pelo refinamento do astrolábio, pelas técnicas de navegação, pela astronomia, pela medicina e, acima de tudo, pela recepção da ciência e da filosofia provindas das obras gregas, assim como das obras da Falsafa. Afinal, fora entre os árabes que essas ciências haviam sido guardadas e desenvolvidas por mais de quatro séculos” (2002:342).

Enfim, o Ariano contador de histórias preserva na alma a ingenuidade e o frescor dos sentimentos encontrados nos narradores árabes, revelando a força desse imaginário do deserto, que contribui para a existência da magia na contemporaneidade e o reencantamento do mundo.

## Referências Bibliográficas

*As Mil e Uma Noites*. 12a. ed., Rio de Janeiro: EDIOURO, 2001. Vol. I e II.

ATTIE FILHO, M, *Falsafa – a Filosofia entre os árabes*. São Paulo: Pallas Athena, 2002.

BENJAMIN, W., *O Narrador – Considerações sobre a obra de Nilolai Leskov, Obras Escolhidas*, 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

CÂMARA CASCUDO, L. da, *Mouros, Franceses e Judeus – três presenças no Brasil*. São Paulo: Global, 2001.

ÉSTES, Clarissa P., *O Dom da História – Uma fábula sobre o que é su-*

*ficiente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LÉVI-STRAUSS, C., *Olhar, Escutar, Ler*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

STÉTIÉ, S., *Circularidades do árabe*. *Revista O Correio da Unesco*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Ano 13. n. 10. Outubro 85.

SUASSUNA, A., *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

\_\_\_\_\_, *Auto da Compadecida*. 24a. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

\_\_\_\_\_, *Almanaque Armorial do Nordeste*. Página literária do *Jornal da Semana*. De 17 a 23 de dezembro de 1972 até 2 a 8 de junho de 1974.

\_\_\_\_\_, *Almanaque Armorial Brasileiro*. Caderno Ilustrada. Folha de São Paulo. De 10 de julho de 2000 a 26 de março de 2001.

# Reservas Poéticas do Pensamento Humano<sup>1</sup>

---

Maria da Conceição de Almeida<sup>2</sup>

O que é a filosofia? Eu vejo a filosofia em todos os setores do conhecimento, da sabedoria. Cada um em seu lugar tem sua filosofia. (Francisco Lucas da Silva)

Instruídos por uma educação formal que quase sempre privilegia valores e critérios como verdade, objetividade, demonstração e verificação, somos muitas vezes levados a crer que a ciência é a única linguagem capaz de explicar e fazer compreender os fenômenos do mundo, a vida da Terra, as dores do corpo e da alma, os processos sociais, o ecossistema, a origem do universo. Esse entendimento que tem protagonizado o progresso da ciência, desconhece entretanto que, além dos conhecimentos científicos, outras constelações de saberes operam igualmente compreensões e explicações dos fenômenos à nossa volta e dos quais somos parte, produto e produtores.

A ciência é uma expressão da cultura, uma construção humana, uma forma particular de diálogo entre cientistas e acadêmicos e destes com os fenômenos que procuram explicar, entender, modificar. Tem uma existência recente: se consolida a partir do século XVII quando se separa de outras formas de conhecer mais alargadas e difusas e que não se orientam – de forma explícita e intencional – pelos modelos e métodos de pensar defendidos pelos cientistas. Se considerarmos que o século XVII

---

<sup>1</sup> O artigo é uma ampliação da comunicação intitulada “O mito como reserva poética da condição humana” apresentada na Mesa Redonda “A poética dos mitos”, no Ciclo do Imaginário. Recife, UFPE, 2004.

<sup>2</sup> Antropóloga. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora em Ciências Sociais (Antropologia), pela PUC-SP. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Ciências Sociais, ambas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM. Membro da Association pour la Pensée Complexe – Paris. Membro do Conselho Científico Internacional da Universidade Mundo Real Edgar Morin México. Membro do Conselho da Catedra para la Transdisciplinaridad (Valladolid – Espanha) Membro da Cátedra Itinerante UNESCO “Edgar Morin” para o pensamento complexo – CIUEM, Universidad Del Salvador – Argentina.

é uma contagem de tempo circunscrita à era cristã – uma vez que o nascimento de um homem, Jesus, zerou o cronômetro do tempo de nossa história passada – podemos dizer que a ciência é uma invenção em seus primórdios.

Como uma construção da cultura que tem a marca das circunstâncias dos tempos físicos e sociais que se sucedem, a ciência se modifica continuamente, evolui, se transforma. O que é tido como uma explicação verdadeira num dado momento da nossa história humana é posteriormente refutado, negado, substituído por uma nova explicação, uma outra verdade. Daí porque é sempre necessário repetir e lembrar que toda verdade é parcial, temporária, substituível e, sobretudo, coexiste com outras verdades igualmente parciais, incompletas e mutantes. Não é exagero afirmar que, assim como olhamos para a teoria geocêntrica como uma explicação ultrapassada, num futuro não muito distante a comunidade científica poderá avaliar como superadas e não mais verdadeiras, muitas das interpretações e teorias das quais nos valemos hoje para compreender o universo, a vida, os fenômenos históricos e as contingências humanas.

No interior dessa dinâmica de construção da ciência residem ninhos de reservas poéticas, forças psíquicas de criação não racionalizáveis, imagens mais arquetípicas e não traduzíveis mimeticamente pelas objetivações da realidade. Daí porque, para se objetivar e constituir narrativas sobre o mundo, tais reservas poéticas – forças primordiais de criação – necessitam necessariamente de elos com o mundo e de se submeter ao que convencionamos chamar realidade objetiva. Mesmo que os defensores de um racionalismo exacerbado desclassifiquem as forças psíquicas e antropológicas de um imaginário fundador na construção da ciência, dessas reservas partem sempre as narrativas sobre o mundo. Dirá Henri Atlan, no livro *Entre o cristal e a fumaça* (1992), que toda nova hipótese na ciência é ‘da ordem do delírio’, isto é, está, no momento da criação, despregada da realidade, não submissa a ela. Daí porque, para se tornar plausível como explicação, terá que, num segundo momento, dialogar com o ‘real’, submeter-se a ele. Também Goethe, no *Fausto*, fará alusão ao fato de que Colombo antes de descobrir o Novo Mundo ‘já o levava em sua imaginação’.

Considerada o conhecimento mais lapidado e perfeito, pelo Ocidente, a ciência tem a seu favor um conjunto de condições que lhe garante

permanência, circulação e refinamento. Isso porque, em primeiro lugar, se desenvolve a partir de regras comuns – os paradigmas – o que permite uma linguagem nuclear facilitadora da comunicação entre seus produtores. Em segundo lugar, porque é a ela que se recorre como o lugar legitimado para a formação dos cidadãos. O aspecto positivo dessa linguagem comum é que, independente do país ou da língua, as teorias científicas podem ser afirmadas, negadas, refutadas, ampliadas. No espaço da comunidade científica e independentemente das nacionalidades, pode-se discutir as distintas interpretações sobre as origens do cosmos, as descobertas da genética, os desastres ecológicos, as estruturas psíquicas do homem. Para Ilya Prigogine, “a ciência une os povos. Criou uma linguagem universal” (2001, p. 15). O aspecto negativo se situa no interior mesmo da universalização da ciência.

Uma representação do mundo passa assim a se impor como “a” linguagem que tudo explica, independentemente das faces singulares e diversas impressas pelas configurações físicas, ecológicas e sociais que por vezes contestam ou relativizam as grandes generalizações. Orientados por um modelo único, compreendemos muitas vezes como anomalias ou casos particulares o que, de fato, pode exprimir faces e aspectos ainda não reconhecidos como parte de um mesmo fenômeno ou evento. Assim, por exemplo, imputamos à loucura o estatuto de um ‘defeito mental’, uma vez que definimos o homem como ser da razão, do comedimento, da obediência às regras sociais. Se, ao contrário, compreendêssemos o homem como simultaneamente sábio e louco (*sapiens/demens*, para Edgar Morin) a loucura passaria a denotar excessos da face *demens* e não uma anomalia do padrão universalmente estipulado para a espécie humana.

Em síntese, a universalização da linguagem, das teorias e dos conceitos, ao mesmo tempo que permite à ciência a sua acumulação, evolução e progresso, aprisiona fluxos de sentidos importantes contidos nas contracorrentes, diversidades, resistências e singularidades que os consagrados padrões universais não contabilizam nem acolhem. Na brecha dessa limitação da ciência como linguagem universal, outras formas narrativas de diálogo com o mundo desempenham o papel de reordenadores dos sentidos das coisas no mundo dos homens. Razão e imaginação, mito e ciência começam agora a conversar por meio de narrativas híbridas e de

pensadores erráticos.

## **Ciência e mito**

É no mínimo instigante a reflexão ousada de George Steiner no livro *Nostalgia do absoluto* (2003). Ali, por meio de argumentos contextualizados, cuidadosos e irretocáveis no que diz respeito à nostalgia do absoluto na ciência, Steiner expõe o vazio aberto pelo pensamento ocidental moderno que se autonomiza em relação à religião e arquiteta modalidades interpretativas por demais secularizadas, fragmentadas e funcionais. Para o autor, é justamente do interior desse vazio que emergem grandes narrativas da ciência que, para ele, repõem as estruturas das mitológicas. Identificando por meio de três categorias (pretensão à totalidade, revelação e linguagem própria) o que caracteriza uma construção mítica, Steiner concebe o marxismo, a psicanálise e o estruturalismo como três mitologias modernas.

Abstraindo o exercício analítico desenvolvido no livro a respeito das concepções de Marx, Freud e Lévi-Strauss importa sublinhar o papel retotalizador dessas interpretações da cultura e do homem. Do que se pode depreender das reflexões de Steiner, o fato de não poderem ser consideradas científicas, não reduz o valor, o vigor e a importância das três grandes mitologias científicas ocidentais. Ao contrário, sua ousada reflexão crítica reestabelece, no interior mesmo do conhecimento consagrado, os elos perdidos de um pensamento mais totalizador. Tratar-se-ia de uma reabilitação do dispositivo narrativo mítico no interior da própria ciência. O livro *Nostalgia do absoluto* sintetiza, pois, estratégias de uma ciência aberta, de resto, ensaiada por outros pensadores além dos três grandes clássicos aludidos por George Steiner. Vejamos.

Como se fosse para acertar as contas com um ideário de ciência excessivamente narcísico e fraturado e que se gestou do nascimento das ciências modernas, um conjunto de pensadores híbridos têm, ao longo da história recente, tecido arquiteturas interpretativas mestiças e dialógicas sobre o conhecimento e a cultura. Um diálogo mais fraterno entre mito e ciência está em plena gestação.

Como se fosse para reaver os elos partidos entre real e imaginário, materialidades e idealidades, prosa e poesia, pensadores erráticos assumiram para si o desafio de brincar modelos cognitivos e estilos narrati-

vos que, diferenciados entre si, se parasitam mútua e permanentemente para tecer uma compreensão complexa da condição humana. Mito e ciência começam a ruminar um romance, quiçá duradouro.

No livro *A invenção das ciências modernas* (2002), a filósofa e historiadora da ciência Isabelle Stengers discute o limite difuso entre ciência e ficção. “A conduta de Galileu”, diz Stengers, “exige a afirmação do poder da ficção: é *contra* esse poder que a ciência deve se diferenciar e *graças* a ele que ela define e desqualifica tudo o que não é ciência” (2002, p. 200). Abrindo a ciência ao diálogo com as outras narrativas do mundo, a grande parceria intelectual de Ilya Prigogine declara que seu livro é uma tentativa de colocar a ciência “sob o signo do humor e do riso”. Fala de um “humor que nos permitisse tratar os avatares de nossa crença na verdade como processos contingentes, aberto à reinvenção de *outros dados*”, como condição “vital para resistir à vergonha do presente” (id.).

De outro lado, e desfazendo de forma ousada e radical as oposições entre natureza e cultura; homem, mundo e coisas; ciências e não-ciência, entre outras separações, Bruno Latour constrói o que denomina de *antropologia simétrica*. A partir daí concebe o *antropos* como o inter cruzamento entre o tecnomorfismo, o zoomorfismo, o fisiomorfismo, o ideomorfismo, o teomorfismo, o sociomorfismo e o psicomorfismo. Para Latour, no livro *Jamais fomos modernos* (1994), essa antropologia simétrica, longe de se opor à ciência, a reafirma, mas é claro, trata-se de uma ciência inaugural em sua constituição híbrida, mestiça, menos racionalista, mais calorosa e humana. “Continuamos acreditando nas ciências, mas ao nível de encará-las na sua objetividade, sua frieza, sua extraterritorialidade – qualidades que só tiveram um dia devido ao tratamento arbitrário da epistemologia – iremos olhá-las através daquilo que elas sempre tiveram de mais interessante: sua audácia, sua experimentação, sua incerteza, seu calor, sua estranha mistura de híbridos, sua capacidade louca de recompor os laços sociais. Apenas retiramos delas o mistério do seu nascimento e o perigo que a sua clandestinidade representava para a democracia” (1994, p. 140).

Como se fosse para selar uma nova reorganização do conhecimento ora em curso, Latour e Stengers prefiguram uma ‘nova aliança’ (Prigogine) entre as diversas leituras do mundo. Se o mundo é híbrido, também a ciência o é. No que toca aos mitos, também esses, sendo hí-

bridos, se distanciam do frio racionalismo. Para Michel Serres, “o único mito puro é a idéia de uma ciência purificada de qualquer mito” (apud Latour, p. 93).

Como se fosse para nos fazer ouvir o que temos dificuldade de escutar, o ‘filósofo marinheiro’ Michel Serres fala também de uma sofrida e forçada oposição entre o mito e a razão e de seu reencontro. “Então, cansados de sofrer, cada um abre os braços, como faziam outrora os suplicantes, e cada um encontra uma mão à sua esquerda e outra à sua direita” (1993, p. 37). Também Joseph Campbell, Claude Lévi-Strauss, Edgar Morin, Nise da Silveira, João de Jesus Paes Loureiro e Gilles Deleuze, entre outros, configuram uma matriz de pensamento importante no que diz respeito ao valor operativo da construção da cultura pelo dispositivo mítico.

Os dispositivos mito-lógicos constituem a face unidual do *sapiens-demens* e da cultura. Para Morin, “os dois modos coexistem, entreadjudam-se, estão em constantes interações como se tivessem uma necessidade permanente um do outro; podem por vezes confundir-se, mas sempre provisoriamente. Toda renúncia ao crescimento empírico/técnico/racional conduziria os humanos à morte; toda renúncia às suas crenças fundamentais desintegraria a sua sociedade” (1999, p. 186). Dessa perspectiva, o mito não é um estágio balbuciante, infantil e histórico do pensamento humano, insiste Edgar Morin em toda sua obra. “O problema dos dois pensamentos não é, portanto, um problema original, e um problema histórico ultrapassado; é um problema de todas as civilizações, inclusive contemporânea: é um problema antropossocial fundamental” (id.).

Para Lévi-Strauss, o mito é um *cimento* que dá sustentação às construções sociais. Dotadas de poder de síntese por excelência e do artifício da *bricolagem*, as narrativas míticas só são comparáveis à arte porque, também ela, opera por *modelos reduzidos* e retotalizadores da realidade.

A defesa da função estética e sensível das narrativas míticas é certamente agudizada e se constitui na matéria-prima das ideias de Paes Loureiro. O caminho do meio que prefigura “uma metodologia pendular entre o documento (o científico e extra-estético) e a emoção (o estético)” permite operar um “corte cinematográfico, montagem poética” (Paes Loureiro, 2000, p. 15). Tendo como referência a exuberância do panorama amazônico que hibrida homem-rio-floresta, o etnólogo-poeta fala de

“uma relação estetizadora tão dominante que, muitas vezes, se converte numa ética de relações sociais” (id., p. 99).

Ao sintético cenário aqui descrito, e que abriga argumentos e ideias de pensadores capazes de reproblematicar o papel do mito nas culturas, poder-se-ia acrescentar outros nomes e novos argumentos. Cito apenas um exemplo. No provocativo livro *Ismael – um romance da condição humana* (1998), Daniel Quinn cumpre a missão de nos lembrar que o que convencionamos chamar de ‘mitos gregos’ não eram concedidos como mitos pelos gregos do passado. Tais enunciados se constituíam em axiomas interpretativas para explicar, segundo Daniel Quinn, ‘porque as coisas são como são’. O que chamamos hoje de mitos gregos se constituíam, no passado, em cosmologias narrativas para explicar porque as coisas eram como eram, como deveriam se comportar os indivíduos, que valores deviam ser cultivados. Fomos nós que, fazendo uso do *a posteriori* psicanalítico, significamos como mitos o que de fato eram leituras do mundo de um certo tempo e de uma certa cultura.

Sem ter a pretensão de nos deter sobre uma arqueologia dos dispositivos mitológicos, resta sintetizar o objetivo central deste texto. Dito de forma direta: estamos num momento da história do conhecimento que inaugura uma relação mais respeitosa entre ciência e mito. Essas duas formas de representação do mundo são dotadas de singularidades próprias, cabendo ao mito e às mitologias o papel de repor o estoque estético e poético da compreensão do mundo. Como a arte e a música, o mito pode ser descrito como uma reserva poético-estética da condição humana. E isso porque:

- 1) Constituem-se como reserva do imaginário. Não sendo da ordem da metonímia, o artifício mítico promove, proporciona, facilita e permite o deslocamento cognitivo do estado prosaico para o poético. Faz copular prosa e poesia. Injeta poesia na prosa da vida. Essa propriedade responde pela criatividade e pela construção de novos modelos mentais de compreensão dos fenômenos do mundo, das regras sociais, da dinâmica dos seres vivos, dos sujeitos humanos e do mundo real (seja ele material ou imaterial). O mito é um apelo que a poesia do espírito faz à prosa da vida cotidiana.

2) Essa reserva se constitui em mecanismo de **resistência** à imputação de sentidos unitários. O dispositivo mítico ordena o mundo, mas num patamar de classificação mais geral e permutável. Nesse sentido, ele atua na contramão das operações conceituais e analíticas. Trata-se de uma resistência à violência cognitiva da cultura da racionalização. Se a cultura é regra e paradigma, o mito é transgressão simbólica e equivale a uma pragmática da linguagem compreensiva.

3) **O tempo do mito é outro**. Diferentemente do tempo cronológico, o tempo mítico é ora reversível, ora invariante, ora tempo de sentido e semiótica afetiva. Não há uma métrica cartesiana, nesse caso: ciclos, espirais, triângulos e fragmentos diversos compõem o criativo relógio do tempo mítico que é, sobretudo, o tempo dos sentidos. As relações causais parasitam o mito, é certo, mas elas são difusas, mutantes, complementares, complexas. Nisso, sobretudo, o mito se distingue da ciência da fragmentação.

4) A construção mítica é dotada de **plasticidade** cognitiva: transpõe domínios, duplica realidades, opera por bricolagem, antropomórfica a realidade recorre abundantemente às analogias e metáforas.

5) O mito é uma linguagem de **modelização poética** da construção do mundo. Essa modelização contém nas vísceras a ontologia de uma encantaria, como quer Paes Loureiro. O mito alimenta a pulsão estética. Não na concepção de estética como arte, mas na concepção de estética como sentimento e simpatia universal, como acoplamento sensível do homem com o mundo.

Nada melhor para exemplificar esses estados do ser do pensamento mítico do que a história do *Cachorro Filósofo* narrada por Francisco Lucas da Silva, morador da comunidade de Areia Branca, na Lagoa do Piató, em Assu-RN. Sem comentários posteriores, 'escutemos' Francisco Lucas

e desdobremos os vários sentidos que essa escuta permite.

“Um caçador saía todos os dias com seu cachorro para caçar a fim de garantir a alimentação de sua família – a mulher e os filhos ainda pequenos. Um dia, durante a caçada, esse homem foi picado por uma cobra e morreu na hora. O cachorro voltou correndo para casa para avisar a família, que foi até o lugar onde estava o caçador morto e fez seu enterro. A partir daí, todos os dias o cachorro saía para caçar a fim de trazer o alimento para a mulher e as crianças

Pergunto: esse cachorro não era um filósofo?”

## Referências Bibliográficas

ATLAN, Henri. *Entre o cristal e a fumaça - ensaio sobre a organização do ser vivo*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992.

LATOURETTE, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MORIN, Edgar. *O Método 3. O conhecimento do conhecimento*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Editora Sulina, 1999.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. *Obras reunidas, vol. 4*. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

PRIGOGINE, Ilya. *Carta para as futuras gerações*. In: *Ciência, razão e paixão* (Org. CARVALHO, E. de A.; ALMEIDA, M. da C. de.). Belém: EDUE-PA, 2001.

QUIN, Daniel. *Ismael, um romance da condição humana*. Tradução de Thelma Médice Nóbrega. São Paulo: Petrópolis, 1998.

SERRES, Michel. *Filosofia mestiça – letiers-instruit*. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. Tradução Max Altman. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 185-186.

STEINER, George. *Nostalgia do absoluto*. Tradução de José Gabriel Flores. Portugal, Lisboa: Relógio d'água Editores, 2003.

# Contaçon de Histórias: Tecendo Narrativas com os Fios dos Trabalhos Manuais

---

Maria das Graças Vanderlei da Costa

O pensamento move a palavra e a palavra move os pés e as mãos. (LÚLIO, 2007, p.131)

Existem imagens que nos fazem lembrar a contaçon de histórias. Uma velha avó bordando e filhos e netos em sua volta deliciando-se com as histórias contadas. Uma família descascando mandioca para fazer a farinha e compartilhando o prazer das narrativas de velhas e novas histórias dos lugares conhecidos e imaginados. Um grupo que manipula o milho para preparar a canjica e a pamonha na noite junina e aproveita para debulhar os grãos das lembranças do São João interiorano. São cenas corriqueiras que confirmam a ligação entre o trabalho manual executado individualmente ou coletivamente e a contaçon de histórias: momentos enriquecidos pelo perfume dos bons pensamentos.

O fazer com as mãos no momento em que as histórias são transmitidas é de reconhecida importância para o universo das narrativas. Segundo Walter Benjamin (1994), o trabalho artesanal possui um ritmo lento e orgânico. O tempo no qual se inscreve é um tempo mais global, um tempo de contar. Neste contexto, os movimentos constantes e precisos do artesão têm uma relação profunda com a atividade narradora. Existe, assim, uma ligação entre a voz e a mão, o gesto e a palavra. Aquele que conta transmite um saber e essa sapiência tradicional e prática pode muitas vezes tomar uma forma de advertência, de conselho, de direcionamento moral.

Rodas se formam em volta daqueles que, pelo dom da palavra, envolvem os que atentamente se calam para escutar. E nestes momentos mágicos todos os sentidos são aguçados: sentimentos que envolvem tanto quem conta, quanto quem ouve.

O sentido tátil de quem desenvolve a tarefa artesanal no momento

da narrativa parece aprimorar-se na relação entre trabalho e contação, auxiliando na construção de um tempo-lugar onde o imaginário se faz presente.

O imaginário é o além multiforme e multidimensional de nossas vidas, no qual se banham igualmente nossas vidas. É o infinito jorro virtual que acompanha o que é atual, isto é, singular, limitado e finito no tempo e no espaço. É a estrutura antagonista e complementar daquilo que chamamos real, e sem a qual, sem dúvida, não haveria o real para o homem, ou antes, não haveria realidade humana. (MORIN, 2005, p. 80).

Como as linhas tecidas nos bordados executados por alguns artesãos-narradores, as palavras vão formando imagens a partir da *audição* da narrativa. As histórias contadas e ouvidas despertam ainda o *cheiro* e o *gosto*, tão pertinentes às velhas lembranças revividas e às novas idéias construídas a partir da imaginação. Através desta, o *sentido visual* é acordado, como pedras brilhantes num caleidoscópio multicolor.

Sem dúvida, a maioria das recordações que buscamos aparecem à nossa frente sob a forma de imagens visuais. Mesmo as formações espontâneas da *memoire involontaire* são imagens visuais ainda em grande parte isoladas, apesar do caráter enigmático da sua presença. (BENJAMIN, 1994, p. 48)

O *sentido tátil*, o *olfato*, o *paladar*, a *audição*, a *visão*, entrecruzam-se formando um conjunto de texturas, cheiros, gostos, sons e imagens existentes na memória do indivíduo e do grupo. E cada um edifica, “[...] com as colméias da memória, uma casa para o enxame dos seus pensamentos.” (BENJAMIN, 1994 : 38).

Neste contexto, o trabalho manual alia-se ao trabalho de lembrar e de contar. As lembranças dos mais velhos, cuja idade e lucidez lhes confere a legitimidade de seus testemunhos são percebidas por Ecléa Bosi (1994) como uma forma de trabalho. “Ao lembrar do passado ele [o idoso] não está descansando, por um instante, das lidas cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, a substância mesma de sua vida.” (1994, p.60).

## Lembranças de Minha Infância: bordando narrativas

Ao longo de minha vida pude presenciar este trabalho executado pela contação de histórias, presente nas narrativas dos mais velhos, na animada fala que desperta a conjunção de pessoas, aproximando-as. Pude também perceber a importância do trabalho manual, com o fermento para a labuta da narrativa.

Lembro-me da alegria que sentia quando a luz elétrica faltava nas noites de minha infância. Alguém avisava: *Faltou energia!* E naquele momento, quando a televisão deixava de roubar as atenções da família, sentávamos na sala de piso de mosaico e mobília modesta, para conversar, tecer histórias entre lembranças e esquecimentos.

Mamãe acendia logo uma vela e a recordação daquele cheiro de parafina pode ainda hoje aguçar sentidos de minha memória. Aquele era um cheiro de encontro e prazer. À luz da vela muitas vezes ajudou minha mãe a dar continuidade ao trabalho manual de costura ou de bordado, auxiliando também a iluminar as narrativas da família. Meu pai, sentado na espreguiçadeira e com os pés sobre um banquinho de madeira falava calmamente, com sua voz grave de professor, dos mais diversos assuntos cotidianos: histórias vividas que serviam de exemplo. Os bons pensamentos fluíam naquele espaço, qual perfume de jasmim em nosso jardim. Tonha, que trabalhava em nossa casa desde que eu tinha seis anos, puxava uma cadeira e ali ficava, ao meu lado e de meu irmão mais velho, participando da reunião familiar.

Quantos anos eu tinha naquela época? Quais eram mesmo as histórias contadas? Guardo muitas daquelas narrativas ainda na memória, com intensidade. Às vezes lembro-me vagamente do conteúdo de algumas histórias, pois, de acordo com Paul Zunthor, (1997), memória e esquecimento caminham juntos. O autor reitera que a organização da memória dá lugar também a um importante elemento: o esquecimento. “Nossas culturas só se lembram esquecendo, mantêm-se rejeitando uma parte do que elas acumularam de experiência, no dia- a dia [...]” (1997, p. 15).

Entre lembranças e esquecimentos, o tempo escrito nessas quase cinco décadas de minha vida não foi capaz de apagar os detalhes daquelas noites iluminadas pelas palavras. O que sei é que as marcas daquelas poucas horas foram deixadas em mim por causa da força da contação das

histórias, naquelas claras noites de falta de luz. Aqueles foram momentos ímpares e ainda posso sentir o prazer de estar em comunhão com meus familiares mais próximos, ouvindo os diversos assuntos que brotavam das suas lembranças. Lembro-me que, por entre as venezianas das portas, podia ver milhares de estrelas a brilharem no céu. Os cachorros na rua, as crianças da vizinhança, os sapos, os grilos, formavam um conjunto de sons e luzes imperceptíveis na cidade grande, quando a energia e os aparelhos domésticos encandeavam os olhos e ensurdeciam nossos ouvidos com programas televisivos. Naquelas horas sem luz elétrica, mas repletas de energia, apenas um radiozinho quebrava o silêncio noturno e servia de trilha sonora para as descontraídas conversas. E eu ficava torcendo para que aqueles momentos fossem eternos e que a luz nunca mais voltasse, trazendo com ela a televisão e a incandescência das lâmpadas da casa: monstro de separação que silenciava a contação de histórias.

### **Tempo de Contar e Reviver: cozendo recordações**

O tempo passou e em outros momentos pude entender a força das palavras que trazem à tona as lembranças da memória. Na convivência com parentes ouvi histórias sobre o interior sertanejo, repleto de cores, formas e sons. Enquanto preparava o almoço para os oito filhos, noras, genros e netos que viriam festejar o dia das mães, minha sogra Esmeralda recordava os carnavais vividos na cidade de Triunfo, no sertão pernambucano. Mais uma vez o trabalho manual ajudava na construção das narrativas. Enquanto cortava delicadamente as verduras para a preparação da uma fritada de camarão, Dona Esmeralda narrava sobre detalhes de uma vida no sertão triunfense. Lembrava-se do frio e da neblina nos meses juninos, dos engenhos de rapadura, da feira aos sábados, da relação com os vizinhos e comadres e da infância dos filhos nas ladeiras ruas daquele lugar. Contava com narrativas cheia de detalhes, sobre o medo sentido pelas crianças, quando figuras mascaradas desciam as ladeiras triunfenses, em seus cavalos, com chicotes na mão, no período carnavalesco. Essa foi a primeira vez que ouvi falar sobre os Caretas de Triunfo, que percorriam as ruas, assustando a meninada. Aquelas histórias serviram para atizar minha curiosidade sobre esta representação da cultura

tradicional triunfense e levou-me ao encontro dos Caretas e ao conhecimento de outras diversas narrativas repletas de vivacidade e sonhos.

## Caretas-Contadores: construindo fantasias

Aquelas primeiras informações sobre os Caretas de Triunfo foram como filetes de água que se transformariam em um caudaloso rio, durante a minha pesquisa sobre o folguedo, no mestrado de Antropologia. Ao desejar desvendar mais e mais sobre a brincadeira, deparei-me com diversos contadores de histórias. Suas narrativas, repletas de luz e cor, embasaram meu trabalho e me fizeram compreender a importância do folguedo para os moradores daquele lugar.

Existia algo que sempre acompanhava o processo de falar, de contar, de recordar sobre a manifestação carnavalesca. Era o trabalho manual executado paralelamente às narrativas. Na pequena sapataria estrategicamente localizada no centro da cidade, João Correinha<sup>1</sup>, falava prazerosamente sobre a história dos Caretas, enquanto adiantava os trabalhos de recuperação dos calçados. Cabeça baixa, olhos atentos, mãos ágeis, não parava de trabalhar e narrar sobre a importância da máscara e do jogo do anonimato que despertava a curiosidade entre os amigos.

“Isso é o melhor da coisa, da brincadeira, né? Você procurar se vestir da melhor maneira possível e chegar, falar com um amigo seu, uma amiga e a pessoa está ali conversando com você e não sabe quem está por trás daquela roupa, né? Daquela indumentária. E a gente sai depois, quando passa o carnaval. *‘Rapaz, nem te vi de Careta, nem falei com você’*. E a gente vai e relembra. *Olha rapaz, tu falasse comigo em tal canto, assim, assim. ‘E era você?’* O espanto, né? *‘E era você?’*”

O mestre Nino<sup>2</sup> também me fez perceber a possibilidade de aliar o fazer manual à contação de histórias. Durante o carnaval desenvolvia in-

---

<sup>1</sup> João Correinha, com seus 48 anos é reconhecidamente um importante brincante, incansável na luta pela continuidade do folguedo

<sup>2</sup> Mestre Nino é Careta desde os 10 anos. Hoje com 35 anos é um exímio artista plástico e professor nas oficinas organizadas pela Prefeitura de Triunfo para execução das fantasias. Ensinando a produzir as máscaras, os chicotes (relhos) e os chapéus, o mestre ajuda a dar continuidade a uma tradição passada de geração a geração de brincantes.

cansavelmente a produção de máscaras multicores, chapéus enfeitados por longas fitas acetinadas, relhos cuidadosamente ornados. Falava, então, da história dos mascarados triunfenses e da importância da continuidade da tradição do folguedo para a cidade

“O colorido das máscaras, o tilintar dos chocalhos das tabuletas, o barulho dos reios é uma coisa que atrai muito a criançada. A criançada já começa a treinar de pequenininho, já é tradição nossa mesmo. E aprende rápido, porque um sabe e já vai ensinando ao outro. O Careta sai sozinho, sai de três, sai de dez. Não tem um padrão, nem uma coreografia, não precisa de banda.”

Nesta minha caminhada pelas ruas de Triunfo tive o prazer de encontrar mais um contador de histórias: Teco de Agamenon<sup>3</sup>. As histórias contadas por Teco foram de suma importância para que eu percebesse as mudanças e permanências no folguedo dos mascarados. Posso afirmar que aquele brincante é um *falador*, como o descrito por Vargas Llosa (1988), ou seja, aquele cuja função é sobretudo a mesma inscrita em seu nome: *falar*. “Porque falar como um falador é haver chegado a sentir e viver o mais íntimo dessa cultura, haver calado em suas entranhas, chegado ao tutano de sua história e sua mitologia, somatizando seus tabus, imagens, apetites e terrores ancestrais.” (1988, p. 213).

Como artesão de máscaras, Teco aliava o fazer com as mãos ao falar com a alma. Ao mesmo tempo em que didaticamente me ensinava detalhes sobre a arte da execução das máscaras, narrava com especificidades sobre a cultura triunfense. Ao seu lado, o filho pequeno ouvia atentamente os ensinamentos do pai sobre a brincadeira e aprendia também a arte da confecção das máscaras: tradição que percorria gerações.

“Era o feio bonito. Porque a gente vestia nossas roupas velhas, a gente escolhia as roupas que já tava com um tempo que agente não usava. A gente colocava um remendo na roupa, agente pegava um pedaço de tira de pano para fazer o chapéu. O pompom não. O pompom toda a vida agente pegava o papelão, fazia o pompom, ninguém nunca comprou o pompom. A fita, que a gente não tinha condições, agente pegava aqueles

---

<sup>3</sup> Hoje com 50 anos, Teco orgulha-se por ter participado ativamente da brincadeira dos Caretas e reitera a importância da continuidade do folguedo.

tecidos antigos de casa, uma camisa velha, rasgava, botava no chapéu. A tabuleta a gente colocava espelho. Quando queria uma palavra pegava um pedaço de jornal. As revistas, a gente cortava as revistas e colocava aquela mulher nua da revista, na tabuleta. O Careta era cheio de trage feio, mas por dentro ele era um Careta lindo, porque tava fazendo a coisa que ele gostava, a coisa fluía de dentro dele, nascia aquela coisa bonita de brincar, de brincar, mostrar a euforia do Careta. Isso é que é gostoso, isso é que é bonito. A gente ver a alegria do moleque pular.” (Teco de Agamenon)

Teco discorria sobre sua vida que se entrelaçava à brincadeira. Falava dele, dos amigos e da euforia na construção no folguedo. “A história é feita de muitas histórias. A história desses meninos é uma, a minha é outra”, afirmava. E usando um molde de gesso, continuava fabricando a máscara do brincante. O trabalho manual ajudava Teco no processo de lembrar de detalhes importantes para a compreensão da brincadeira, formatando um conjunto de recordações.

À medida que os acontecimentos se distanciam, temos o hábito de lembrá-los sob a forma de conjuntos, sobre os quais se destacam às vezes alguns dentre eles, mas que abrangem muitos outros elementos, sem que possamos distinguir um e outro, nem jamais fazer deles uma enumeração completa. (HALBWACHS, 1990, p. 72).

Por muitas horas fiquei ouvindo as histórias contadas e aprendendo um pouco do ofício daqueles artesãos. Trabalhando com matérias valiosas os contadores-artesãos aliavam a arte da palavra à da manufatura, executando com precisão objetos carregados de funcionalidade e simbolismo. Nesse entrelace de atividades o homem ajuda a preservar o movimento da tradição, a ampliar os laços sociais, a despertar as facetas do sensível e do poético que existem na alma dos que narram e dos que ouvem.

Hoje a arte de contar histórias vem sendo resgatada por educadores, terapeutas e por pessoas de formação diversa, que se sentem impelidas para adentrar nesse universo mágico. Segundo a psicóloga Ana Carolina Lemos<sup>4</sup> “as narrativas ofertam possibilidades de um novo recurso no solo

---

<sup>4</sup> Ana Carolina Lemos é psicóloga, arteterapeuta, contadora de histórias, escritora e coordenadora da formação de contadores de histórias trabalho de parceria entre o Grupo Zumbaiar e a Fundação Gilberto Freire.

das construções arquetípicas, psíquicas.” Na sua experiência em unir as construções plásticas ao desenvolvimento das narrativas, Carol reconhece a importância de aliar o trabalho manual à contação de histórias.

Na Formação de arteterapia fiz o período de estágio com mulheres em regime de reclusão na Penitenciária do Bom Pastor. E as histórias ali chegaram como fonte de delicadeza e encontro entre as histórias literárias e humanas. E toda construção tinha como fio um novo fazer: bordado, pintura, argila... (Carol Lemos).

Fazer do tempo gasto com a contação de histórias um tempo de criar e executar tarefas. Transformar o tempo do trabalho manual em um tempo de encantamento, sonho, registro de emoções, no qual o fio da palavra tece o pano das tarefas diárias. Nessa conjunção o fio do trabalho artesanal borda o iluminado tecido das narrativas. Embriagados pela magia entre o fazer, o ouvir e o falar, as rodas se formam, os círculos se ampliam, os laços se efetivam numa construção constante. A teia entre o conhecimento, a tradição, a cultura, a história, a vida, forma-se entre o real e o imaginário, em constante processo de troca. E assim abrem-se as portas para um universo repleto de conquistas, que nos ajudam a lidar com nossos medos e limitações. O real e o imaginário ampliados através da contação de histórias constroem uma fisionomia não apenas relativa aos nossos desejos, às nossas aspirações e necessidades, mas também às angústias e temores que assolam nossa existência. Morin (2005) observa que o trabalho no campo do imaginário:

Liberta não apenas nossos sonhos de realização e felicidade, mas também nossos monstros interiores, que violam os tabus e a lei, trazem a destruição, a loucura, o horror. Não só delinea o possível e o realizável, mas cria mundos impossíveis e fantásticos. Pode ser tímido ou audacioso, seja mal decolando do real, mal ousando transpor as primeiras censuras, seja se atirando à embriaguez dos instintos e do sonho. (MORIN, 2005, p. 80).

O contador que executa duplamente seu trabalho de falar e de criar com as mãos, constrói, com a simplicidade dos gestos e das palavras, lugares de sonhos e esperança erguidos com o cimento do bom pensamento: cidades invisíveis que podem ser vividas pelo indivíduo e pela co-

munidade. O contador, como as *Cidades e a Memória* descritas por Ítalo Calvino (1990), possui, nas marcas de suas mãos, nas rugas de seu rosto, na rouquidão de sua voz, na força de seu olhar, as cicatrizes deixadas por um tempo vivido e lembrado, através da arte de fazer e de narrar.

A cidade [como o contador de histórias] se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata.[...] Mas a cidade [e o contador] não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 1990, p.14).

## Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. 7ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALVINO, Ítalo. *As cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LÚLIO, Raimundo. *O Livro dos Provérbios*. São Paulo: Editora Escala, 2007.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX: Neurose*. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

VARGAS LLOSA, Mario. *O Falador*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

ZUMTHOR, Paul. *Tradição e Esquecimento*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

# As Cidades e as Águas

---

**Maria do Socorro F. V. Figueiredo**  
**Sandra Simone Moraes de Araujo**

A cidade não se revela em todos seus segredos, por mais atento que seja o olhar de quem a observa (...). Há sempre algo que se oculta, há uma magia em cada ato, em cada objeto da sociedade. (...) Quem conta ou decifra os mistérios de uma cidade sabe dos limites, dialoga com travessuras, descreve o que for possível. (...). Conseguir reduzir a cidade a um conceito único é impossível. Temos que explorar a sua diversidade (...) (Rezende, 2007, 19)

Inspiradas na idéia de Antônio Paulo Rezende, percebemos que a diversidade se expressa por meio das múltiplas experiências de cidades vivenciadas por seus moradores. Cidades, grandes ou pequenas, se apresentam envolvidas em teias de complexidades devido ao seu inesgotável movimento de construção e reconstrução. Tornando-se, então, um universo infinito de símbolos. Aprender a totalidade deste universo é algo impossível, pois cada indivíduo estabelece relações próprias com o lugar descrevendo com ele uma trajetória singular (Nogueira: 1998). Por isso, para se aproximar da alma da cidade é necessário decifrar os labirintos constituídos na trama das relações que se estabelecem no seu cotidiano. Seus intérpretes se constituem em verdadeiros fios de Ariadne.

Entre tantas cidades, aqui se destacam duas: Nova Itacuruba e Recife<sup>1</sup>, religadas pela água, aqui compreendida como operador-metodológico, capaz de acionar memórias, cujos conteúdos forjam cartografias imaginárias, a partir de seus contextos, de forma experienciada, dando a ver as ocultidades que alimentam seu espírito.

Embora estranhas uma da outra, essas duas cidades se entrecruzam. Segundo Ítalo Calvino (1990), há sempre algo em uma cidade que se encontra em outras, neste caso, ambas se revelam em seus espelhos d'água. Recife, cidade banhada pelo mar, é atravessada por diversas pontes que

---

<sup>1</sup> Nova Itacuruba, reassentamento da antiga cidade que submergiu com a construção da Barragem de Itaparica, localizada no sertão de Pernambuco, e Recife, capital do referido Estado, considerada uma das metrópoles da Região Nordeste.

cortam dois grandes rios<sup>2</sup>, unindo os fragmentos de terras compondo um cenário, por meio do qual, torna-se possível observar o entrelaçamento natureza e cultura.

A expressão da água, nesse lugar, também se revela nas divindades que a protegem. Duas grandes mães, Nossa Senhora da Conceição, venerada por inúmeros milagres e Nossa Senhora do Carmo, padroeira da Cidade, que no sincretismo religioso, representam Iemanjá e Oxum, deusas dos mares e das águas doces.

Já a Velha Itacuruba nasceu às margens do Rio São Francisco, nela, “a história de cada um estava alicerçada por uma cultura, com costumes e ensinamentos passados de geração a geração, que incluíam a presença constante da água, do rio.” (Cleide Galiza; Rejane Medeiros, 2000)<sup>3</sup>. No seu imaginário o rio, corria vivo e forte, era referido como a orientação fundamental daquela comunidade; em torno dele se desenrolava toda a experiência coletiva da velha cidade; o tempo cíclico, fundamentado na agricultura, regia a vida. Já no reassentamento, o grande lago de Itaparica é associado, pelos moradores, à água morta, parada.

Para os moradores de ambas as cidades a água fomenta o imaginário ajudando a tecer as práticas da vida diária: no Recife, ao alvorecer do dia, já se encontram pescadores lançando suas redes de cima das pontes, corpos se douram ao sol nas praias que banham a cidade, ou simplesmente rios e mares oferecem sua brisa como beijos roubados, aos transeuntes desavisados, que por vezes mal os percebem. As palafitas fincadas nos rios revelam que esta cidade não se constitui apenas de bela poesia, mas de contradições, desencontros e encontros. Nova Itacuruba, por sua vez, acorda de um sonho em que o velho rio corria, vivendo o lamento de um tempo de outrora, buscando novos itinerários para a vida que agora se vê no espelho das águas paradas.

Pulsões de vida e de morte se entrelaçam no cotidiano dessas cidades, seus narradores nos informam as sutilezas que abarcam essa dialogia, dando a ver suas dores, desejos, alegrias e desafios. Neste cenário, a memória emerge orientando e sendo orientada pelo momento pre-

---

<sup>2</sup> Os rios Capibaribe e Beberibe.

<sup>3</sup> In: ARAÚJO, Maria Lia Corrêa de.; CALDAS NETO, Magda de.; LIMA, Ana Eliza V. (Org.). **Sonhos Submersos ou Desenvolvimento? Impactos Sociais da Barragem de Itaparica**. Recife: FJN, Editora Massangana, 2000. PP.151/166.

sente (Bergson: 1999). Segundo Walter Benjamin (1994), ela se constitui no processo pelo qual o passado penetra na estrutura do presente, não como um símbolo vago, nostálgico, mas enquanto tempo reconstituído. Dessa forma as memórias não representam uma matéria estagnada; ao contrário, irrompem com força e vitalidade no curso da vida presente.

É próprio da memória ser reconstrução, ela tem o poder de se resguardar em universos de desordem para emergir poderosa oferecendo respostas, como estratégias de enfrentamento. O que se revela com especial nitidez nos contadores de histórias e nos deficientes visuais, aqui privilegiados, uma vez que vivem em um ambiente que pode se aproximar do caos.

No caso de Nova Itacuruba, localizada a 481 km do Recife, sua construção teve como objetivo reassentar a população vinda da velha cidade inundada pela barragem de Itaparica, que em 1988, comprometeu 27,21% de sua área, incluindo sua sede e terras agricultáveis (Osmil Galindo, Tânia Bacelar, Lima, M. Galindo, 2000)<sup>4</sup>. Os solos da Nova Itacuruba - em contraste com as terras férteis, da margem do São Francisco - são pedregosos, inapropriados para a agricultura. (Lima; M. Galindo, 1991). Antes da inundação a maioria da população residia na zona rural e dedicava-se a agropecuária. O percentual de chefes de família que se engajava nesta atividade atingia 93% (O. Galindo; Leonardo Neto, 2000)<sup>5</sup>.

Os solos do novo espaço, pedregosos, revelaram-se inapropriados para a agricultura, e o povo passou a viver na total dependência de uma política assistencialista<sup>6</sup>.

Em Itacuruba a realidade parece superar a capacidade de fazer a leitura do tempo, a mudança radical da percepo do próprio espaço parece ter mudado esta noo. A vida experienciada da velha cidade que corria lentamente, construindo e sendo construída pelas âncoras afetivas da memória<sup>7</sup>, foi confrontada a urgência de progresso, de potência, não

---

<sup>4</sup> In: ARAÚJO, Maria Lia Corrêa de.; CALDAS NETO, Magda de.; LIMA, Ana Eliza V. (Org.). **Sonhos Submersos ou Desenvolvimento? Impactos Sociais da Barragem de Itaparica**. Recife: FJN, Editora Massangana, 2000. PP. 167/196.

<sup>5</sup> Idem. PP. 27/50.

<sup>6</sup> Segundo o IBGE Itacuruba tem atualmente 3.690 habitantes, 20,9% da população é de servidores municipais, uma folha de pagamento com 700 servidores, o que significa que pelo menos 3.500 pessoas dependem da prefeitura.

<sup>7</sup> Conceito desenvolvido por Eduardo Duarte em Sob a Luz do Projetor Imaginário. Recife; UFPE. 2000.

trazendo nada que pudesse ser reconhecido como um tempo próprio. A velha cidade tinha fartura, emprego, as famílias permaneciam unidas e faziam planos para o futuro. Hoje é um tempo ruim, de perdas: emprego, espaços queridos e esperança.

Sintomático dessa situação é Itacuruba ser apontada, através dos dados do CREMEPE<sup>8</sup> 2006, como a cidade brasileira detentora do maior índice de suicídios, estando este índice bem acima da média mundial<sup>9</sup>. Dona Artemísia, 78 anos, em entrevista concedida ao Diário de Pernambuco,<sup>10</sup> diz que viu seu passado se afogar nas águas da Hidrelétrica de Itaparica. Hoje se afoga em mágoas nas terras da nova Itacuruba. Chora pela herança frutificada em seu novo espaço: dois filhos alcoólatras e outro que se matou aos 26 anos. A depressão lhe obriga a tomar medicações para dormir.

O tempo que Itacuruba tem agora foi desapropriado, o passado é a referência, é o Eldorado; o presente não existindo elimina o futuro. Vive-se o tempo fatídico, em suspenso, sem âncoras ou raízes afetivas que penetrem na nova terra, um luto, marcado pelo ritmo do lamento.

Já o Recife tem uma população de 1.422.905 habitantes, e segundo dados do IBGE, 10,33% desta população é constituída por deficientes visuais<sup>11</sup>. Qualquer expectador, por mais desatento que seja, logo percebe que esta cidade pouco acolhe esse contingente. Sua arquitetura dá ênfase à sensibilidade visual, expressa nos itinerários que se apresentam como armadilhas, materializadas nas calçadas que além de serem tomadas por pedras, árvores, carros, também são mal construídas, apresentando diferentes elevações. Para atravessar os cruzamentos com semáforos, que na sua maioria, não possui sinal sonoro, é exigida extrema habilidade.

As dificuldades enfrentadas pelos cegos se materializam na questão da acessibilidade, no preconceito a que estão submetidos, na pouca comunicação em Braille, seja nos cardápios dos restaurantes, seja nos preços dos produtos nos supermercados, etc., ou simplesmente na atitude

---

<sup>8</sup> Conselho Regional de Medicina de Pernambuco.

<sup>9</sup> Diário de Pernambuco – viver – 15/10/2006. Dados da Caravana CREMEPE.

<sup>10</sup> Itacuruba afogada na Tristeza – Matéria publicada no Jornal Diário de Pernambuco em 27/05/2007.

<sup>11</sup> Segundo dados do último censo demográfico realizado em 2000 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

*blasé* de muitos transeuntes. Mauro, cego que transita pelas ruas do Recife, ilustra este panorama quando relata sua dificuldade em ser atendido em uma livraria da cidade:

“quando cheguei fui abordado pelo vendedor indagando-me sobre o que eu desejava, disse o tema do livro que procurava e ele solicitou o título da obra, respondi que não tinha, necessitava saber o que eles disponibilizavam. O vendedor respondeu que não tinha tempo para me atender, então tive que ir embora.”

Nesses cenários de desconstruções, a memória se apresenta como estratégia subversiva de enfrentamento a partir da qual, os seres humanos inventam mundos que viabilizam o presente. No caso dos contadores de história, profundos conhecedores das tradições locais<sup>12</sup>, seriam agentes autorizados pela comunidade para transmitir determinadas experiências em detrimento de outras que devem ser esquecidas para fins de fomentar a eterna reconstrução da identidade grupal. Através da contação selecionam-se os eventos passados, considerados exemplares, pois, contêm lições fundamentais de uma experiência coletiva. Essas lições são articuladas com o presente vivido, e ajuda a desenvolver a força criadora do grupo. Zeza, contadora de história, diz que: “quem abandona as histórias que ouviu vai só absorvendo a personalidade dos outros e agindo como os outros querem, por isso tenho orgulho de ter ouvido e vivido tantas histórias e agora poder contá-las.”

Os deficientes visuais, por sua vez, traçam caminhos de memórias, construindo uma cartografia da cidade impregnada de sutilezas que muitas vezes são invisíveis aos olhos dos demais transeuntes. Murilo, cego que transita no Recife, ressalta que a cidade tem beleza e mudança:

“ela está mudando devagarzinho. É prazeroso sair do Derby até a Praça do Diário caminhando em calçadas acessíveis. É prazeroso andar na Rua da Aurora, na Ponte Duarte Coelho sentindo a brisa da tarde. É prazeroso andar no calçadão de Boa Viagem, não tem mais as pedras portuguesas que também atrapalham a bengala. É prazeroso andar no calçadão de Boa Viagem tranquilamente, a praia já é uma beleza natural da cidade

---

<sup>12</sup> Para Benjamin (1994) o contador de histórias pode ser aquele que sem sair do seu país conhece profundamente suas tradições, como também o viajante.

e ela ficou mais acessível, sem barreiras. O Centro da Cidade tem Oásis de acessibilidade quais são: A Praça do Diário, as Ruas: Imperatriz, Nova, Duque de Caxias, da Aurora até a Martins de Barros, a Avenida Conde da Boa Vista. Fora isso as calçadas são do mesmo jeito que sempre foram: apertadas, esburacadas e desalinhadas. Por exemplo, ali na Rua da Matriz e na Rua da Glória, é melhor andar na rua que na calçada. É mais perigoso, ali você vai ter que dividir a rua com os carros. Naquela região dos coelhos é horrível andar, o bairro de São José, a Dantas Barreto, nem se fala.”

No jogo da memória os deficientes visuais interpretam a cidade a partir das mudanças que alteram o seu perfil, distinguindo-a como um local onde se navega entre desertos e oásis. Em Nova Itacuruba os contadores também percorrem caminho semelhante, suas narrativas convidam os moradores a jogar com a velha cidade. Na conexão entre passado e presente as águas do velho rio continuam a correr em suas histórias e desembocam nas águas paradas do lago de Itaparica que hoje é realidade no cotidiano da nova cidade.

Nesse trajeto a água se revela como mediador entre vida e morte. Seu simbolismo, de acordo com Gaston Bachelard (2002) se mostra no duplo, positiva e negativa, sendo a primeira representada, especialmente, pelas fontes correntes, que em movimentos pulsantes celebram a vida, e, pelas águas claras sinônimo de pureza e transparência, que mesmo mais calmas formam os leitos dos rios e fertilizam a terra. Para Muriilo, deficiente visual que transita no Recife,

“a água é algo maravilhoso, é o que traz vida, ou deveria trazer a vida e às vezes não traz, vivemos nesse movimento, como a legislação. Temos uma farta legislação e sabemos que poderia melhorar muito a nossa qualidade de vida e não melhora, porque não sabemos aproveitá-la, como na vida real não se sabe aproveitar a água como se deveria saber, porque se sabe que ela vai escassear muito em breve, já se começa ter guerra por causa da água.”

Na sua dimensão negativa a água se expressa em versões sombrias, sem movimento: “ já não é uma substância que se bebe; é uma substância que bebe, ela engole a sombra como, um xarope negro (...) a água é assim um convite à morte” (Bachelard: 2002, 56, 57). Segundo Danielle Pitta (2005) a água parada, estagnada e escura remete ao abismo. A

profundidade e seu aspecto obscuro trazem em seu âmago a angústia - pulsão de morte - como parece ocorrer com o Lago de Itaparica, que embora suas águas se apresentem cristalinas para quem chega de passagem, para a população de Nova Itacuruba, ele se mostra sombrio, como um túmulo no qual a vida da antiga cidade permanece em eterna decomposição. Essa sensação está presente na fala de atores como Dona Olívia, 79 anos, contadora de histórias.

“Antes o rio corria, era vivo. Todo mundo tinha sua roça. Depois veio a barragem e matou o rio, ele ficou lá, parado, e ninguém tem trabalho. Aí, a gente, que é velho tem que contar [histórias], que é para os novinhos não perderem o orgulho.”

Em Recife as águas paradas resultantes das chuvas que se acumulam nas ruas, se mostram assustadores, para a maioria da população, especialmente para o deficiente visual, elas se transformam em verdadeiras armadilhas. Como ressalta Mauro:

“estamos numa cidade que é vulnerável a chuva, qualquer chuva que cai alaga as ruas, se tem calçadas e ruas esburacadas a tendência é acumular água nesses espaços, nesses trechos. Para o cego perceber esses buracos com água é difícil, o que acontece; termina a gente colocando o pé na água e por vezes se acidentando. A água é algo perigoso.”

Cidade que foi construída abaixo do nível do mar, em solo de mangue, a chuva no Recife transforma o cotidiano de seus habitantes num verdadeiro caos: ruas alagadas, águas que invadem residências, morros que apresentam risco de desabamento, trânsito congestionado, etc. Essas águas mais se assemelham “a lágrimas cósmicas que caem da natureza inteira (...) é na verdade uma influência de infelicidade, que cai do céu (...) uma matéria tênue e tenaz, trazida pelos raios como um mal físico e material.” (Bachelard: 2002, 67).

As águas que compõem essas cidades se apresentam tanto para os contadores de histórias, quanto para os deficientes visuais, como guias das ações do cotidiano. Sejam essas tranqüilas ou indisciplinadas esses intérpretes as incorporam em registros “da subjetividade, como um espelho de momentos fugazes ou (...) sinais de permanências e de tradições” (Rezende: 2007, 13) e também de mudanças.

Nesse movimento esses sujeitos vão além de meros intérpretes da cidade enquanto elemento concreto (ruas, praças, avenidas, etc), eles transitam entre o corpo e a alma do lugar, construindo suas intimidades e desenvolvendo meios para encarar as adversidades do cotidiano, a exemplo do bom pensamento.

Os contadores de história crêem possuir o bom pensamento, dom recebido de Deus ou dos antepassados que procuram através de suas narrativas transmitir aos ouvintes, acreditando ser um meio de formar pessoas de bem capazes de enfrentar a vida. Como diz Mestre Zazá, contadora de história, agricultora e brincante: “narrando histórias, ritmando-as, brincando, vou cumprindo a missão de não deixar a cultura cair e vou criando nas crianças um pensamento positivo que afasta do mal.” Para Mestre Rui, outro narrador, “as histórias são como a terra na qual se plantam as músicas. A pessoa pode não ter estudo, mas tem que ter um pensamento bom, porque é pelo pensamento que a gente verifica, presta atenção a tudo, sabe do tempo, do inverno, dos astros.”

Tal como aponta os contadores, o bom pensamento pode ser compreendido como estratégia de enfrentamento, necessária a todos; é mais imprescindível para aqueles que a sociedade segrega. Seria como sementes plantadas na terra que, ao exalarem seu perfume guiam os grupos e sinalizam para novos caminhos.

No caso dos deficientes visuais, o bom pensamento se expressa na confiança em relação aos próprios sentidos. Se organizam em grupo e criam instituições especializadas; também lutam por mudanças nas políticas públicas voltadas para eles, acalentando a esperança numa melhoria da qualidade de vida.

As instituições, muitas vezes, se comparam a verdadeiros ninhos de envolvimento que objetivam a inserção social dos deficientes visuais, se constituindo em lócus privilegiado para o enfrentamento das dificuldades cotidianas, buscando providências contra a discriminação, ou quaisquer diversidades que afetem as suas vidas e os impeça de viver com dignidade.

Enfim, o bom pensamento, seja vivido pelos contadores de histórias, seja pelos deficientes visuais, transborda na vida, como as águas, que ao se espalharem, irrigam a terra, preparando-a para a semeadura e, conseqüentemente, para a colheita de bons frutos.

## Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Maria Lia Corrêa de.; CALDAS NETO, Magda de.; LIMA, Ana Eliza V. (Org.). *Sonhos Submersos ou Desenvolvimento? Impactos Sociais da Barragem de Itaparica*. Recife: FJN, Editora Massangana, 2000.

BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo, Martins Fontes. 2002.

BENJAMIN, W. *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaio sobre a literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CALVINO, I. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Josué. *A Cidade do Recife – ensaio de geografia urbana*. Casa do Estudante. Rio de Janeiro. 1954.

DUARTE, Eduardo. *Sob a Luz do Projetor Imaginário*. Recife; UFPE. 2000.

NOGUEIRA, Ma. Aparecida L. *Adoecer e Morrer no Final do Milênio. Caderno de Estudos Sociais*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Instituto de Pesquisas Sociais. Vol. 17, n. 1, Janeiro, Junho de 2001, pp. 149/168.

\_\_\_\_\_. *A Cidade Imaginada ou o Imaginário da Cidade*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, V(1): 115-123 mar-jun. 1998.

PITTA, Danielle P. Rocha *Iniciação à Teoria do Imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005. (Coleção filosofia)

REZENDE, Antônio Paulo. *As Múltiplas Cidades de Calvino e Freyre*. In FREYRE, Gilberto. *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. 5ª ed. Global, São Paulo. 2007.

# Uma Visita Inusitada: Elizabeth Costello em Natal-RN.

---

Rejane Guedes Pedroza

Nely não suportava mais a ansiedade. Estava sentada desconfortavelmente numa dura poltrona de metal e plástico do aeroporto Augusto Severo há quase duas horas. Se ousasse levantar perderia o lugar. Os horários de partida e chegada dos aviões, atrasados devido a problemas com os controladores de vôo em todo país provocavam esperas agoniadas. Passageiros espalhavam-se por todo lado. Qualquer cadeira seria melhor do que o chão para sentar. Ela estava numa situação privilegiada. Os murmúrios e queixas de clientes das diversas companhias aéreas preenchiam os espaços dos setores de embarque e desembarque. Já havia lido tudo que estava ao seu redor, observado os transeuntes, serrado as unhas, mas isso não havia dissipado o tédio.

A responsabilidade a ela atribuída pela comissão organizadora do Colóquio sobre literatura e pensamento contemporâneo era, talvez, maior do que esperava. O cansaço tomava conta de seu corpo esguio que nesse momento clamava por um alongamento. Imaginava estar em casa na companhia de seus quatro gatos e não nesse saguão barulhento e artificialmente frio. Deveria ter pelo de urso ou couro de sapo para não sentir o gelo do ar-condicionado em sua desnuda pele fina. A natureza havia sido injusta com os humanos, pensava enquanto seu lábio tremia. Se existisse mesmo a reencarnação como Ihe explicara o amigo Chico, na próxima vida queria nascer peluda.

Estremeceu ao imaginar como sentiria dor quando fosse preciso depilar tudo aquilo para ir à praia. O sono estava começando a superar o desconforto. Bocejava longamente naquela espera monótona. Nem a xícara de café tomada apressadamente conseguiu mantê-la em estado de vigília. Também pudera, café feito em máquina e servido em copo descartável não tem o mesmo sabor do café preparado por sua avó. Torna-se uma tinta escura sem aquele cheirinho especial que alegrava as tardes

de veraneio. Sentiu saudade da louça de porcelana fina delicadamente guardada na cristaleira da vovó, especialmente da xícara branquinha com motivos florais que era a sua preferida.

Havia ensaiado inúmeras formas de cumprimentar a ensaísta Elizabeth Costello. Já sabia como iria sorrir e articular as palavras em respostas inteligentes. Só não queria perguntar nada. Temia ser interpretada como superficial ou despreparada. Perdida em seus devaneios deve ter cochilado, mas ainda segurava um cartaz com o nome da escritora em letras vermelhas.

Não percebeu a aproximação da mulher com cabelos brancos que tocou levemente o seu ombro. Despertou assustada, sentindo-se confusa. O sorriso meticulosamente planejado não pôde desabrochar. Um intenso sentimento de vergonha invadiu a cena. Seus gestos foram paralisados, a voz emudeceu. O olhar da anciã fixava-se em seus movimentos e a boca moveu-se num apelo quase suplicante: - *Onde fica o banheiro? Não suporto as micro-jaulas sanitárias dos aviões.*

As primeiras palavras provocaram em Nely um acesso de riso que foi imediatamente contido pelo condicionamento de boas maneiras que fazia parte do seu gestual graças a uma educação de menina comportada que estudou na tradicional Escola Doméstica. Um orgulhoso feito idealizado e nutrido por sua mãe, seguindo a tradição da avó e das tias solteironas responsáveis por sua iniciação no universo da etiqueta, dos bons modos e do ofício de cuidar do lar. Recompôs-se e conduziu a visitante ao toalete. Percebeu que Elizabeth ainda guardava um porte altivo e este certamente a destacara na juventude, apesar de agora apresentar ombros encurvados e a pele estar um tanto quanto flácida.

Ao sair, aparentando alívio, Elizabeth deteve-se para observar a porta automática abrindo-se e comentar: - Após horas de cativo o pássaro encontra uma brecha para libertar-se da gaiola. Agora posso respirar novamente. Dessa vez será um ar potiguar. Brasil, aqui vou eu.

Dirigiram-se ao transporte e seguiram para um hotel na praia de Ponta-Negra. Parecia ser um lugar agradável. Não havia nenhum horror, nenhum laboratório de teste de substâncias químicas, nenhuma fazenda industrial, nenhum matadouro como dizia o sul africano J.M. Coetzee em seu livro *A vida dos animais*, no qual narra uma das experiências da Sra. Elizabeth Costello, mesmo tendo certeza que provavelmente os horro-

res estavam escondidos em algum lugar para que os turistas pudessem apenas se banquetear com os encantos prometidos pelas agências de viagem. A visão do morro do careca era a certeza de que os cartões postais não mentiam. Era um belo lugar, mas apresentava traços de uma modernidade decadente, substituindo aquilo que é da ordem natural pelo artificialismo projetado das tendências arquitetônicas da moda. Um frio percorreu-lhe a espinha. Seria um presságio de novas tempestades emocionais nesse *país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza?*

Era a primeira vez que a escritora vinha ao Brasil. Estava chegando de outro evento no país onde moravam seu filho, John Bernard, sua nora Norma e seus netos. Por pouco não desistiu de proferir a conferência na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ainda sentia o efeito do impacto emocional provocado pelo encontro familiar. Durante o voo internacional fechava os olhos e lembrava das palavras do filho no aeroporto: - *Calma, calma, já está quase no fim* consolando suas lágrimas vertidas quando admitiu não saber mais que mundo é esse onde ela estava, reconhecendo que começava a desconfiar de que seu aparente radicalismo pela causa dos animais estava lhe transformando numa estranha.

Como ferrenha defensora dos seres vivos ela conseguiu muitos desafetos, entretanto estava decidida a denunciar os maus tratos dos testes com cobaias e a crueldade da criação de animais destinados a indústria alimentícia. Por inúmeras vezes foi pressionada para calar. Alguns algozes posavam de vítima ao alegarem que ela estava sendo injusta com o progresso e que agia como se o mundo pudesse viver sem os deliciosos empanados e sanduíches tão úteis nesses tempos modernos.

Sentou-se na varanda do apartamento 304 e, antes que Nely pudessem explicar a programação prevista para seus 2 dias na cidade, dirigiu-lhe repentinamente uma pergunta :

- *Você come animais?*

A moça respirou aliviada. Era simpatizante do movimento de proteção dos animais e procurava pôr em prática suas convicções alimentares. Atualmente considerava-se ovo-lacto-vegetariana. Um tanto quanto macrobiótica e às vezes chamavam-na de naturalista. Só comia carne de vez em quando em algum churrasco com amigos e uma cervejinha estupidamente gelada, pois ninguém é de ferro.

- *Não! Comparo o ato de comer carne ao canibalismo dos troglodi-*

*tas. Respondeu animada.*

*-Ah! Melhor assim, mas parece que essa lógica não vale para seus sapatos e bolsa.*

Um misto de constrangimento e revolta tomou conta de Nely. Quem essa velha pensa que é? Realmente havia comprado os acessórios em uma super promoção de uma famosa loja de calçados e nem havia atinado para o fato de que os elegantes sapatos, bolsas e acessórios eram feitos com couro de animais. O modelo era incrível e ela havia se apaixonado logo que viu o conjunto. Ainda estava pagando tudo em 10 prestações, sem juros, no cartão de crédito. Gaguejou evasivas e procurou dedicar-se ao formalismo da sua tarefa de guia, mas tratou de erigir uma barreira invisível que impediria outras agressões de quem quer que fosse. Esses gringos chegam querendo impor sua cultura pensando que somos inferiores? Danem-se todos eles!

A escritora balançava a cabeça, tentando não delongar alguma repreensão ao comportamento contraditório da atarantada jovem. Já estava se cansando das polêmicas após suas alegações e pronunciamentos que provocavam incômodos de variáveis efeitos. Agradeceu pelo hospitaleiro acolhimento e despediu-se com um polido boa noite. Ela ainda sabia seguir os protocolos que regem os relacionamentos formais de sua espécie. Consideravam-na uma mulher culta, letrada. Conhecia os códigos que abrem o universo da linguagem oral e escrita. As palavras eram suas ferramentas de trabalho.

No recolhimento do quarto passou alguns minutos pensando em sua trajetória intelectual, nos pontos de vista que defendia na juventude, nas transformações vivenciadas ao seu redor e em si mesma. Começava a atormentar-se refletindo sobre as muitas vezes que havia renunciado a companhia dos parentes e amigos em função dos compromissos de trabalho. Seu relógio e o espelho denunciavam a passagem do tempo. Queria acreditar no alerta de Michel Serres quando afirmava que o espaço e o tempo são mosaicos nos quais ambos encontram-se articulados. Dessa forma, o espaço contém o tempo e o tempo contém o espaço; o tempo é irreversível, mas não linear; a história é a marchetaria do espaço e do tempo. O tempo histórico seria então composto por pedaços descontínuos. Lévi-Strauss já dissera algo parecido ao afirmar que a história é um conjunto de descontínuos pedaços de histórias. Ela gostava dessa

citação. Talvez fosse interessante utilizá-la no seu próximo discurso.

Lembrou que poderia usar esse tempo insone para escrever os apontamentos da conferência que faria no dia seguinte. Precisava novamente escolher qual seria o caminho apropriado para apresentar suas idéias. Dessa vez iria evitar comentários sobre Franz Kafka com seu macaco educado, Pedro Rubro. Evitaria falar da carnificina humana nos campos de concentração. As expressões de espanto e descontentamento do seu filho e nora fizeram eco em suas divagações. Eles pensavam que ela não havia notado. Parecia que uma censura interna estava lhe repreendendo as atitudes. Não se sentia nada bem.

A página em branco do bloco de anotações era mais um desafio mental. Todas as possibilidades gritavam pedindo oportunidade para assumir a nota de abertura em seu novo texto. Não sabia por onde começar. Afinal de contas, reconheceu Elizabeth, escrita aprisiona o escritor pelas normas e a ânsia de totalização acaba não ocorrendo. Com a atitude do início de um namoro procurou colocar as primeiras letras, transformando aquilo que estava aparentemente vazio em frases encadeadas que pudessem fazer algum sentido para ela mesma e para seus interlocutores. Sua escrita pretendia ser um ato artesanal. Deveria estar atentamente livre para que sua mensagem pudesse ser um sobrevoo e não uma aterrissagem em solo firme.

Ao agir como um maestro rebelde não deu ouvido a nenhum dos autores que estavam previstos para serem usados como referência. Privilegiar alguns deles seria negar a polifonia das ideias. Todos teriam vez e voz nesse breve ensaio. Assim aumentava o dilema: Como começar?

Será que deveria partir do pressuposto de que “os conflitos e os consensos fazem parte do processo de produção do conhecimento”, como disse Edgar Morin? Que a inclusão e exclusão apontadas por Lévi-Strauss ajudariam a fugir das representações projetadas artificialmente para enquadrar o pensamento em caixinhas reluzentes dos saberes acumulados?

Preferia usar a lógica do sensível, provar, tocar, cheirar, experimentar, questionar o pensamento domesticado, as metodologias que inibem a criatividade. Será que as pessoas jamais compreenderiam que ela quer conhecer pelo prazer de conhecer? Sua porção instintual pedia calma, pois o corpo idoso precisava de pausas para repousar e se fortalecer. Queria comer e dormir. Sua mente humana estimulava-a, porém, a se-

guir, atenta ao conteúdo, à forma, ao simbolismo de cada frase, cada dito e cada não dito.

Talvez devesse apresentar o resultado cartográfico dos referenciais e das instigações colecionadas ao longo de sua trajetória. Seu pensamento acumulado poderia ser comparado ao fluxo do rio, ora caudaloso e inóspito, ora sereno e navegável, desaguando numa cachoeira de possibilidades.

Sentia cada vez mais necessidade de imputar uma ordem que permitisse a coexistência com sua plateia, construindo narrativas que buscassem dar sentido para explicar como as coisas são. Sabia, porém, que só podemos falar e compreender algo a partir do lugar em que estamos. Procurava na árvore de suas experiências vividas algumas narrativas científicas. Reconhecia que a ciência é uma narrativa sobre o mundo, mas os mitos também o são. Abominava a arrogância científica de se auto-instituir como a melhor maneira de explicar o mundo, desqualificando as demais explicações. Encantava-se com os dispositivos narrativos que personificam a explicação de mundo para cada sociedade, encarando a cultura como um labirinto de muitas entradas, cabendo ao intelectual a reorganização dos fragmentos que colhe de diversos autores, procedendo a uma relação dialógica, se constituindo na interação com o outro. Para Elizabeth, o pensamento é um ato simultaneamente neuronal, imaginário e semiótico.

Ao rememorar uma citação de Zygmunt Bauman, Elizabeth a reproduz em seu texto. A formatação pós-moderna da vida social e a destruição criativa própria do capitalismo, afirma Bauman, suscitam uma condição humana na qual predominam o desapego, a versatilidade em meio à incerteza e a vanguarda constantes de um eterno recomeço. Identificava-se com esse raciocínio. Cultura é aquilo que está na ordem do cotidiano. O longevo sociólogo comparava a cultura como fábrica de ordem na qual o aprender regras é o dever de casa dos seres humanos, reproduzindo um padrão para domar a bestialização que tentamos negar. Isso era algo que ela gostaria de reforçar em seu discurso.

Lembrou-se de que cultura é vida. É existência social. Fruto do vivido. Traduz a vida social. A narrativa é tessitura. O narrador tece e se constrói ao mesmo tempo. Quanta sapiência nas palavras de Walter Benjamin, outro autor que certamente ela não poderia desprezar.

De um artigo escrito pela professora Conceição Almeida lido recentemente grifou: A cultura é o que dizemos que ela é. É um conceito que vai sendo construído. Plagiando as palavras de Jorge Mautner numa música de Jorge Benjor ouvida como fundo musical na recepção do hotel, poderia até dizer que cultura é a pipoca da pororoca da imaginação.

Achou interessante quando lhe contaram sobre a metodologia adotada pela colega numa disciplina da pós-graduação, cujo diferencial foi a lapidação de ideias numa turma composta por alunos e ouvintes de diversas áreas do conhecimento. A curiosidade em conhecer a pesquisadora e o grupo de estudos da complexidade, o Grecom, contribuiu para a concretização de sua visita.

Achava que poderia encontrar espaço inteligível para expressar suas idéias. Na concepção de híbrido proposta por Bruno Latour alegrava-se em saber que outros híbridos estavam destacando-se na constelação dos saberes, conectando a ciência com a tradição, operando um pouco pela negação do antropomorfismo e do antropocentrismo, reconhecendo que outras espécies animais merecem nosso respeito, considerando que nós projetamos e habitamos a nossa representação individual, subjetiva, cada um com sua sofisticação e que sempre há o risco de interpretações equivocadas.

Em voz alta, olhar fixo em sua própria imagem refletida diz ao espelho que se realmente somos, como registra Boris Cyrulnik, 100% inato e 100% adquirido, reforçando a hipótese de Morin de que os homens são 100% natureza e 100% cultura. Toda experiência é intransferível, mas pode ser comunicável, sem esquecer que toda generalização é perigosa. Foi pensando nisso que adormeceu profundamente num sono com sonhos entrecortados nos quais ora ela era real e logo em seguida transformava-se em personagem criada por J.M.Coetzee, cujos pronunciamentos estavam provocando muita movimentação e debates no mundo científico.

Acordou sobressaltada sem uma certeza de quem realmente era. Mal viu a manhã passar. Alimentou-se frugalmente como era seu hábito, sem esquecer de sorrir para os funcionários do hotel que se esforçavam para adivinhar suas preferências e necessidades. Estava sendo mimada mais uma vez. Esse era um fato bem frequente nesses últimos anos, mas nem sempre foi assim. Passou muito tempo dedicando-se aos outros e abrin-

do mão de suas vontades. Felizmente a maturidade não trouxe apenas rugas. No seu caso revestiu-a de autoconfiança que servia como escudo e como arma para defender seus pontos de vista. Repousando numa sombra a beira da piscina imaginava-se jovem e tímida, com tantas ideias e perguntas a fazer, mas sem coragem para dirigi-las aos professores e pessoas consideradas especialistas. Sentia-se uma metamorfose ambulante. Podia até ser comparada a uma borboleta que aprendia a voar com suas novas asas após a transformação ocorrida na fase de crisálida.

Veio a tarde sem que ela pudesse chegar a conclusões acerca dos sonhos. Agora era o momento profissional. Não seria uma boa ideia divulgar esses devaneios existenciais a um público desconhecido. A cena pertencia à ciência e ela era a protagonista da vez. Suas palavras estariam penetrando em muitas mentes nos 60 minutos de sua explanação. Precisava esforçar-se para controlar seu ímpeto de subverter a ordem e modificar o *script* da conferência que deveria discorrer sobre a literatura na formação do escritor e do leitor.

O auditório estava lotado. Um cronômetro estrategicamente colocado no campo de visão da conferencista lembrava que ela teria tempo controlado para expressar suas comunicações. Como de costume sua conferência não seguiu o rumo esperado. Os primeiros minutos foram dedicados a explicar sobre literatura e suas influências no contexto acadêmico, mas de repente, como se um raio houvesse caído sobre a terra seu discurso mudou para um tom mais enérgico e veemente. Referiu a importância da adoção de atitudes solidárias com os animais. Elogiou as iniciativas de ONGs locais como a PATAMADA e AMIMAIS que acolhiam animais vítimas de maus tratos e conclamou os presentes a colocarem-se pelo menos uma vez no lugar dos bichos trancafiados. Usou suas próprias constatações sentidas no confinamento do avião e dos aeroportos. Isso provocou inquietante surpresa na plateia. Muitos saíram sem entender porque aquilo estava sendo exposto, mas alguns prestaram muita atenção e demonstraram a compreensão através de indagações pertinentes e menos hostis que no país de seu filho. A flexibilidade mental de algumas pessoas que ousam rebelar-se com as coisas que estão postas como verdades conclusas é um fato admirável. O professor Edgard Carvalho aplaudia satisfeito o resultado impactante de suas palavras. A mistura de espanto e encanto pairava no ambiente. Os palestrantes seguintes tiveram

dificuldades para encontrar o fio da meada em suas conferências. O que ela havia dito sacudira alguns alicerces que pensavam ser sólidos. Olhar o mundo sob o ponto de vista dos animais colocava em xeque certas convicções arraigadas e muitas contradições humanas. Um deles suprimiu prudentemente o trecho que enalteceria os prazeres da carne numa ceia usando os modelos das refeições balanceadas cuja proteína animal é tida como nobre para a obtenção de nutrientes na dieta humana.

Ao final do evento Conceição Almeida e Edgard Carvalho convidaram-na para festejar na praia. Uma grande mesa repleta de iguarias era apreciada pelos convidados. Sabores e saberes se misturavam e banqueavam os sentidos. Havia sido preparadas com o requinte e sensibilidade de Vera Pinto que conhecia como ninguém a importância de uma dietética polifônica. Para a alegria de Elizabeth as receitas não incluíam alimentos de origem animal.

Amaury, o pajé representante da tribo Potiguara conduzia os convidados num ritual ao redor da fogueira, entoando cânticos ritmados pelo toque do tambor. Depois o tom da celebração mudou para uma dança circular sagrada e por fim a ciranda de Lia de Itamaracá. Corpos e mentes estavam conectando-se às energias telúricas e cósmicas. Os humanos reencontravam sua essência divina. Comiam, dançavam, celebravam. Ali, naquele breve momento, todos eram iguais. Tudo era cio, afeto, racionalidade, energia corporificada. Lágrimas de gratidão rolavam por sua face. Parecia que lavavam a alma, purificavam sua essência, reabasteciam sua energia vital. Sentia que possuía a idade da terra e ao mesmo tempo nascia naquele instante. Percebia as conexões invisíveis do mundo em rede. Encontrara em si mesma os marcadores de religião da natureza com a cultura, do instinto com a razão. Compreendia de uma maneira surpreendente que tudo que existe está costurado, unido, entrelaçado. Afugentava o parasitismo de ideias engessadas em pólos cristalizados do pensamento. Acabava a ilusão de um lugar tranquilo. Tudo agora era sentido com plena efervescência. Não poderia perder de vista a noção de ambivalência. Tomava ciência de que sempre haveria incerteza, risco, ansiedade. Era a hora de cair na real. O desafio seria encontrar estratégias para suportar as transições da modernidade para a pós-modernidade. Certamente esse legado seria um pacote de coisas boas e outras nem tanto. Não havia rota exata. Tudo ocorria ao mesmo tempo. A cultura

somos nós. Teorias respondem a projeções coletivas. Tudo é projeção e não a coisa em si. A lua cheia em seu esplendor como um grande disco no horizonte parecia dizer: - *É isso mesmo, é isso mesmo...*

Cansada, mas satisfeita afundou os pés na areia com as ondas massageando suas pernas e falou numa voz emocionada: - *Calma, calma, este é apenas o começo de uma nova história.*

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M.da Conceição. *Borboleta, homens e rãs*. In: MARGEM, Revista da Faculdade e do programa de pós-graduação em Ciências Sociais, PUCSP, n.15(jun.2002).p.41-56. São Paulo, Educ, 2002.

AKOUN, A. org. *Dicionário de antropologia*. Tradução de Geminiano Cascais Franco. Viseu , Editora Verbo, 1983.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama e Cláudio Martinelli. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *Vida Líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

BENJAMIM, Walter. *O narrador* (1936). In: Walter Benjamin – obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CYRULNIK, Boris. *Memória de macaco e palavras de homem*. Tradução de Ana Maria Rabaça. Lisboa, Instituto Piaget , 1993.

COETZEE, J. M. *A vida dos animais*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo, Companhia das letras, 2002.

LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Tradução de Mariano Ferreira São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Editora Vozes, 1976.

\_\_\_\_\_. Mitológicas I. *O cru e o cozido*. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.

\_\_\_\_\_. *O pensamento selvagem*. Tradução de Maria Celeste da Costa e Souza/Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo, Cia editora Nacional, 1970.

SERRES, Michel. *O incandescente*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho/ Mariza P. Bosco. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. *O Método 3. O conhecimento do conhecimento*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Editora Sulina, 1999.

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o Parque Humano. Uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Tradução José Oscar de Almeida Marques. São Paulo, Estação liberdade, 2000.

VARGAS, F.G. org. *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1987.

WALL, Frans de. *Eu primata*. Tradução Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz: A "Literatura" Medieval*. Traduzido por.: Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Busca na internet (google): <http://daniel.ruoso.com/oktiva.net/1050/nota/10456>

# “Era uma vez outra vez... O lugar do contador de histórias com o advento da modernidade”<sup>1</sup>

---

Vivian Catenacci

*“Que meu conto seja belo  
e se desenvolva como um longo fio...”*

A história dos narradores orais é uma narrativa que se passa no tempo do *Era uma vez...*, com começo impreciso, distante. Foi nesse tempo do quase nada ainda, quando quase nada existia, que os homens, “seres de narrativas, tanto quanto de linguagem”, começaram a contar histórias (ZUMTHOR, 2005:48). “Acreditem ou não, todo o Reino da Fantasia e mais um palmo lhes pertencia”<sup>2</sup>. O final dessa história era tão impreciso quanto o seu começo.

“Devo dizer ou não devo dizer? Mas, mesmo que não diga, vocês já devem ter adivinhado que”<sup>3</sup> com o mundo desencantado pelo advento da modernidade, acreditou-se que os contos entrariam por uma porta, sairiam pela outra e que não teria mais quem contasse outra vez. Os narradores orais foram identificados com o passado — agora bastante preciso — e seu fim foi decretado.

Como isso aconteceu? Essa é uma longa história...

## **As artes da voz e o advento da modernidade**

O início dessa história nos remete à Europa Ocidental, no período que antecede o século XVI. Nesse tempo,

---

<sup>1</sup> Este texto compõe a dissertação de mestrado intitulada *O vôo dos pássaros: uma reflexão sobre o lugar do contador de histórias na contemporaneidade* (CATENACCI, 2008).

<sup>2</sup> Fórmula introdutória utilizada por contadores de histórias húngaros (MATOS; SORSY, 2005:138).

<sup>3</sup> *Ibid*, 2005, p.138.

(...) camponeses miseráveis sentavam-se à beira da fogueira para ouvir enredos maravilhosos sobre reis, rainhas, palácios e tesouros. E por breves momentos apossavam-se dos papéis principais – aqueles que jamais desempenhariam na vida real. Em sua catarse, derrotavam gigantes, desafiavam bruxas, descobriam a galinha dos ovos de ouro e conquistavam a felicidade eterna (ALENCAR, 2000:44).

Essas histórias também chegaram “aos ouvidos da corte, onde foram repetidas por menestréis para deleite das damas de fino trato e dos cavaleiros galanteadores” (2000:44). Recitadores, cantores e contadores de histórias profissionais, tinham como lugares privilegiados tanto a corte, o quarto das damas, quanto a praça da cidade, a borda dos poços, as encruzilhadas da igreja. Pela boca de todos esses profissionais da voz

pronunciava-se uma palavra necessária à manutenção do laço social, sustentando e nutrindo o imaginário, divulgando e confirmando os mitos, revestida nisso de uma autoridade particular, embora não claramente distinta daquela que assume o discurso do juiz, do pregador, do sábio (ZUMTHOR, 2001:67).

É com a disseminação da escrita e o lento desmoronamento das estruturas feudais, que o prestígio dos detentores da voz pública é arruinado. A mutação profunda, ligada ao desenvolvimento da imprensa e à generalização da escrita nas administrações públicas, racionalizou e sistematizou o uso da memória fazendo-os “cair numa espécie de subproletariado cultural” (ZUMTHOR, 2001:63). Pouco a pouco,

a distância que o homem então parece tomar para consigo, seu afastamento do próprio corpo, sua vergonha dos contatos diretos, dos espetáculos não preparados, das manipulações a mão nua, relega as artes da voz, as artes da presença — entre elas a arte de contar histórias — à zona das ‘culturas populares’ (2001:28).

Dessa forma, a oposição do popular/oral ao erudito/escrita, que até os séculos XV e XVI não fazia sentido, começa a se delinear, cristalizando-se no decorrer do século XVIII, um momento de nacionalismo e ampliação da educação nos países europeus e, em seguida, nas colônias espanholas e portuguesas da América.

Nesse contexto de “busca do que une os homens, não todos os homens, mas os de uma região determinada” (LEITE, 1969:163), o povo entra no debate moderno e passa a interessar à hegemonia burguesa na medida em que legitima a construção de um governo secular e democrático. No entanto, vale ressaltar que, tratando-se de um período dominado pela ideia de ciência, as manifestações culturais que passam a ser identificadas — única e exclusivamente — com esse estrato da sociedade, incomodam como portadoras “daquilo que a razão quer abolir: a superstição, a ignorância e a turbulência” (CANCLINI, 1998:208).

No cerne dessa contradição estão as raízes sociais do romantismo, movimento que “oscila entre a nostalgia do passado [tradição] e o anseio de um futuro diverso [modernidade]” (LEITE, 1969:163). Esse movimento, que valoriza as peculiaridades das línguas nacionais e das tradições de cada país foi responsável “pela fabricação de um popular ingênuo, anônimo, espelho da alma nacional” (VILHENA, 1997:24) e pela ideia de que é o conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identifica como nação, como povo. Um dom, herdado de nossos antepassados, cujo prestígio simbólico nos impediria de discuti-lo. Na visão dos escritores e intelectuais românticos, sua preservação, restauração e difusão seriam as únicas operações possíveis (CANCLINI, 1998). Para tanto, dedicaram-se ao registro dos costumes populares que eram, inclusive, abarcados em suas criações literárias.

Entre os pesquisadores românticos europeus estão os alemães Jacob e Wilhelm Grimm que, “empenhados em determinar a autêntica língua alemã (em meio aos numerosos dialetos falados nas várias regiões germânicas)”, realizaram durante o século XVIII, a coleta e registro de narrativas diretamente da boca dos camponeses (COELHO, 2003:23). Essas histórias são mundialmente conhecidas como “Contos de Grimm”, ou simplesmente, “Contos de fadas” .<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Rapunzel, Branca de Neve e os Sete Anões, Chapeuzinho Vermelho, A Gata Borralheira estão entre as histórias coletadas e publicadas avulsamente pelos Irmãos Grimm entre 1812 e 1822. Contudo, outras versões de alguns destes contos já tinham sido publicadas em 1697, sob o título *Contos da Mãe Gansa*, pelo poeta e advogado francês Charles Perrault (Coelho, 2003).

## A captura dos contos brasileiros: uma prática moderna

No Brasil, o primeiro movimento na história das edições do conto oral popular ocorreu entre os anos de 1881-1920. Seguindo a trilha dos dois irmãos alemães, pesquisadores brasileiros, que conviveram com a chegada das primeiras máquinas impressoras, dedicaram-se à coleta e divulgação das nossas narrativas populares<sup>5</sup>.

Entre os precursores desse trabalho está Silvio Romero<sup>6</sup>, que publicou em 1885 uma das primeiras coletâneas do país realizadas a partir da audição de contadores de histórias: *Contos populares do Brasil*<sup>7</sup>. Contudo, influenciado pelo pensamento hegemônico da época — o positivismo —, Romero (1954) defendia que as manifestações populares não podiam ser reduzidas à simples coleta ou a um recurso para criação individual, estética. Tais manifestações comporiam, sobretudo, o material científico que possibilitaria atingir as especificidades de ser brasileiro<sup>8</sup>.

Apesar de ter precedido os pesquisadores denominados folcloristas, Romero é considerado “pai” do estudo folclórico no Brasil, que significou uma tentativa de “situar o conhecimento do popular dentro do ‘espírito científico’ que anima o conhecimento moderno” (CANCLINI,1998:209).

Os estudos realizados entre 1921-1960 pelos folcloristas, muitas vezes por iniciativa particular – como seus antecessores –, e por antropólogos, “já vinculados à instituição pública da pesquisa e aos primeiros anos da Universidade brasileira”, compõe o segundo movimento de publicação das nossas narrativas orais (ALMEIDA & QUEIROZ, 2004:123).

As histórias que coletavam saíam da boca de narradores e narradoras que como Luisa Freire, a Bibi, ama da casa dos pais de Câmara Cascudo — um dos principais folcloristas brasileiros —, encantavam com a história contada “em roda na porta de casa, no alpendre, noitinha, fazendo sono (...) [enquanto] todo mundo [ficava] sentado no chão, ouvindo e sonhando” (CASCUDO, 1972:43). A velha Bibi,

---

<sup>5</sup> Sobre a influência dos Irmãos Grimm no estudo do folclore brasileiro, ver Brandão (1995).

<sup>6</sup> “Antes dele, o general Couto de Magalhães publicara, em 1876, *O selvagem*, um estudo sobre o índio brasileiro (...). O livro inclui uma coleção de 25 ‘Lendas Tupis’, publicadas em nheengatu e português (...)” (Almeida & Queiroz, 2004:12).

<sup>7</sup> Fizeram também parte do primeiro ciclo de coleta e publicação de narrativas orais brasileiras os seguintes autores: Figueiredo Pimentel (1894/1963), Viriato Padilha (1897/1955), Juvenal Tavares (1897/1990), Alexina de Magalhães Pinto (1907), Lindolfo Gomes (1918/1965), entre outros.

<sup>8</sup> Em seus trabalhos, assim como nos estudos de outros autores da sua época, “ciência era freqüentemente uma palavra prestigiosa, capaz de garantir a verdade do que afirmavam” (LEITE, 1969:180).

octogenária, (...) nascida e criada na faixa litorânea do Rio Grande do Norte, de onde nunca saiu, descendente de lavradores, sem saber ler e escrever, nem mesmo ‘assinar o nome’ (...) representa [segundo Cascudo] fiel e legitimamente a tradição oral na autenticidade do fidelismo mnemônico (1972:39).

A descrição dessa “Sherazade humilde e analfabeta” (1972:39) me remete a um dos episódios do Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato, intitulado Histórias de Tia Nastácia.

Pedrinho, na varanda, lia um jornal. De repente parou e disse a Emília, que andava rondando por ali:

— Vá perguntar à vovó que quer dizer folclore.

— Vá? Dobre sua língua. Eu só faço coisa quando me pedem por favor.

Pedrinho, que estava com preguiça de levantar-se, cedeu à exigência da ex-boneca.

— Emília do coração — disse ele — faça-me o maravilhoso favor de ir perguntar à vovó que coisa significa a palavra folclore, sim, tetéia?

Emília foi e voltou com a resposta.

— Dona Benta disse que folk quer dizer gente, povo; e lore quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais para filhos — os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc. e tal. Por que pergunta isso Pedrinho?

O menino calou-se. Estava pensativo, com os olhos lá longe. Depois disse:

— Uma idéia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para o outro, ela deve saber. Estou com um plano de espremer Tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela.

Emília arregalou os olhos.

— Não está má idéia, não, Pedrinho! Às vezes a gente tem uma coisa muito interessante em casa e nem percebe.

— As negras velhas — disse Pedrinho — são sempre muito sabidas. Mãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas, uma de nome Esméria, que foi escrava de meu avô. Todas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. Quem sabe se tia Nastácia não é uma segunda tia Esméria?

Foi assim que nasceram as Histórias de Tia Nastácia<sup>9</sup> (LOBATO, 1975:101).

---

<sup>9</sup> Entre as Histórias de Tia Nastácia estão algumas narrativas que foram, posteriormente, coletadas e publicadas por Câmara Cascudo em Contos Tradicionais do Brasil (1999): “A moura-torta”, “A madrastra”, “João e Maria”, entre outras.

Espremer os contadores de histórias que, como a velha Bibi, tia Es-méria ou tia Nastácia, são portadores de um dos materiais folclóricos mais amplos e expressivos, o documento (o leite) mais puro e digno de registro (CASCUDO, 1972) — o conto popular —, era o desafio dos pesquisadores que se denominavam folcloristas.

Identificando o saber tradicional preservado pela transmissão oral entre os artesãos e camponeses, o termo folklóre — criado na Inglaterra em meados de 1846 — substituía outros que eram utilizados pelos intelectuais românticos com o mesmo objetivo — ‘antigüidades populares’, ‘literatura popular’ (VILHENA, 1997:24). Justamente em meados do século XIX, quando esse termo foi criado, a modernização capitalista encontrava-se a todo vapor, e um novo projeto — Iluminista — passava a dar sustentação às pesquisas desenvolvidas nas diversas áreas do conhecimento. Tal projeto sustentava que

o domínio científico da natureza permitia liberdade da escassez, da necessidade e da arbitrariedade das calamidades naturais. O desenvolvimento de formas racionais de pensamento prometia a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição, liberação do uso arbitrário do poder, bem como do lado sombrio da nossa própria existência humana. [Acreditava-se que] somente por meio desse projeto poderiam as qualidades universais, eternas e imutáveis de toda humanidade ser reveladas (HARVEY, 1999:23).

Pensamento diretamente relacionado com a crença na ciência, nas formas racionais de organização social e de produção que teriam a ordem, a disciplina, a obediência e a submissão como principais elementos; e o progresso, enquanto avanço tecnológico, como objetivo. Esse processo de desencantamento do mundo, baseado em valores de universalidade e racionalidade, confirma-se com ampliação das formas de circulação do capital e pelos avanços tecnológicos, mais especificamente, no que diz respeito aos meios de comunicação e de transporte. Isso porque a construção de estradas de ferro e a rapidez, a segurança e o conforto dos barcos a vapor atenuavam a distância entre os países europeus e principalmente entre os continentes. As inovações ocorridas nas comunicações, como o aperfeiçoamento do telégrafo, também foram essenciais para que essas distâncias diminuíssem, estimulando a troca de mercado-

rias e informações, o deslocamento de pessoas e, conseqüentemente, o aumento da competitividade entre os países.

A organização da sociedade, nesse contexto, também sofria mudanças profundas, sendo a mais relevante para esta reflexão, o crescimento das cidades em detrimento do campo. Walter Benjamin, em seu trabalho “Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo” (1995), explicita as mudanças ocorridas na postura dos indivíduos perante novas formas de se relacionarem, já que a modernidade colocava um novo elemento que caracterizaria os relacionamentos nas grandes cidades: a impessoalidade.

Visto que as transformações que ocorreram na organização social, nos modos de produção e, conseqüentemente, nas formas de circulação do capital nesse período eram permeadas pelo fugidio, pelo transitório e pelo impessoal, que espaço teria a tradição nesse contexto? O espaço da sobrevivência. Esse era o único lugar que, segundo os folcloristas, as manifestações tradicionais poderiam ocupar na modernidade. Essa “percepção dos objetos e costumes populares como restos de uma estrutura social que se apaga é a justificação lógica [da] análise descontextualizada” realizada por estes pesquisadores. (CANCLINI, 1998:210).

É nesse sentido que, apesar da “busca de rigor metodológico, com ênfase no registro de informação sobre o contador e na fidelidade ao dialeto da narração oral no registro escrito<sup>10</sup>” (ALMEIDA & QUEIROZ, 2004:123), nos trabalhos dedicados à coleta dos contos tradicionais

a identificação dos contadores se dá, em geral, de modo assistemático, ainda que esteja colocada, desde o início do século XX, como exigência da pesquisa científica. Mesmo que sua individualidade não esteja de todo apagada pela função de ‘informante’ ou ‘portador de folclore’, o contador é identificado, na maioria dos casos, por variáveis que permitam aprender um dialeto, um socioleto, um ritual e não por seu talento pessoal, sua capacidade poética de criação e de interpretação narrativa (...). A criação individual dos contadores parece sem importância. Nas teorizações, fala-se sempre em criação coletiva, anônima, tradição, reprodução (2004:136).

A propósito, afirma Cândido (1979:48-9) que

---

<sup>10</sup> Vale ressaltar que tal fidelidade com relação à fala dos contadores de histórias foi facilitada pelo desenvolvimento e utilização, por parte dos pesquisadores, de equipamentos de gravação magnética.

(...) os contos populares, as modas de viola, as adivinhas (...) não podem ser entendidas mediante a aplicação pura e simples dos métodos (...) que supõem na obra uma relativa autonomia, pois, mesmo quando transcritos, não são textos decifráveis diretamente. Não podem ser desligados do contexto, — isto é, da pessoa que as interpreta, do ato de interpretar e, sobretudo, da situação de vida e de convivência, em função das quais foram elaboradas e são executadas.

O interesse dos pesquisadores durante grande parte do século XX estava mais voltado ao que era enunciado pelo narrador, ou seja, os chamados contos tradicionais, do que à enunciação em si — a cena performática — que envolve emissores e receptores — os ouvintes.

Essa fascinação pelos produtos, o descaso pelos processos e agentes sociais que os geram, pelos usos que os modificam, leva a valorizar [nos bens culturais] mais sua repetição que sua transformação (CANCLINI, 1989:211).

Apesar do terceiro movimento da história das edições dos contos brasileiros (1961-2000) ter sido marcado pela atuação de pesquisadores universitários, profissionais vinculados aos Programas de Pós-Graduação na área de Ciências Humanas e Letras, pelo uso do videofilme e desenvolvimento de teorias que dão mais atenção à prática narrativa<sup>11</sup>, sua concepção com relação ao lugar do contador de histórias, não se diferencia muito da explicitada pelos folcloristas e seus antecessores. Ou seja, contar histórias continuou sendo considerado um hábito próprio de antigos povos e dos meios rurais.

[A narração oral] parece restringir-se (...) aos confins da civilização, lá onde não chegaram ainda o fascínio da eletricidade, o encanto da comunicação visual, espaço em que o aquecimento nas noites frias ainda se faz ao redor de uma fogueira e o embarque no sabor da imaginação é ainda uma aventura coletiva irradiando, paralela ao calor do fogo, uma onda de calor humano acendendo fantasias. Ali o conto popular está vivo, reformulando-se a cada nova exposição. (MARIA, 1992:7)

---

<sup>11</sup> Nesse campo de atuação Almeida & Queiroz (2004:135) destacam o trabalho do pernambucano Roberto Benjamin *A fala e o gesto: ensaios de folkcomunicação sobre narrativas populares* (1996), que utiliza o vídeo “não só como instrumento de registro que permite o estudo de outros sistemas semióticos para além da linguagem verbal (...), mas também como meio de comunicação entre pesquisador e contadores e como recurso tecnológico para a avaliação da performance pelo público e pelo contador.”

Esse pensamento expressa as contradições inerentes ao processo constitutivo da modernidade: culto/popular; moderno/tradicional; escrita/oralidade; hegemônico/subalterno; transformação/permanência. Para os pioneiros na coleta dos contos orais, para os folcloristas e também para diversos autores que, durante o século XX, desenvolveram seus estudos sobre esse tema, o ofício de contador de histórias sustenta-se na tradição, na zona rural, na falta de conhecimento letrado e de tecnologia. Todas as certezas impostas por esse contexto de grandes transformações na sociedade indicavam que essa arte, esse ofício estava fadado ao esquecimento.

### **A boca abre, a boca fecha e os contos continuam falando**

Ao contrário da aposta moderna a partir da década de 1980 e com maior intensidade nos últimos anos da década de 1990, foi possível verificar um crescimento considerável e contínuo na prática profissional de contar histórias nas grandes cidades<sup>12</sup>. São inúmeros os grupos de narradores orais que atuam em capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Goiânia, Recife, Florianópolis, Fortaleza, sendo cada vez mais requisitados e reconhecidos. Tal fato vem recebendo destaque em diversos artigos publicados em jornais, revistas e *sites* na internet, não sendo difícil encontrar em livrarias, espaços culturais e até em setores de extensão de universidades, cursos que buscam formar novos narradores orais. Encontros, simpósios, jornadas, maratonas e festivais que tematizam a arte de contar histórias são realizados, periodicamente, em vários países do continente americano e europeu, como: Brasil (capitais e cidades do interior de vários estados), Cuba, Argentina, Colômbia, Venezuela, Bolívia, México, Peru, Uruguai, Portugal, Espanha, Estados Unidos da América e Canadá<sup>13</sup>.

Os novos contadores de histórias rompem com o paradigma do narrador tradicional: homens e mulheres idosos, iletrados, que aprendem a narrar e formam seus repertórios a partir das narrativas passadas de

---

<sup>12</sup> Considero profissional aquele que vive da sua arte e que, questionado sobre a sua profissão, responde: "sou contador de histórias".

<sup>13</sup> Fonte: [www.rodadehistorias.com.br/eventos](http://www.rodadehistorias.com.br/eventos). Referência aos eventos realizados durante o ano de 2007.

boca em boca por gerações — paulatinamente, a cada dia, a cada vez que ouvem histórias. Quando se apropriam dessas narrativas os contadores denominados tradicionais exercem sua atividade gratuita e espontaneamente no aconchego da casa ou na sociabilidade vivenciada nas pequenas comunidades.

Ao mesmo tempo que admiram e têm como referência a prática, a intimidade entre contador/ouvintes e a espontaneidade da comunicação oral tradicional, os novos contadores almejam serem (re)conhecidos como artistas. Na busca desse reconhecimento, eles se dedicam à criação de espetáculos bastante sofisticados. Tais espetáculos, que comumente envolvem outras linguagens artísticas — como a música, por exemplo — são destinados, em geral, a espaços urbanos de grande visibilidade. Entretanto, Patrini (2005:155) evidencia que

um espetáculo pode ser íntimo e artístico ao mesmo tempo. Da mesma forma que os espaços, a sofisticação do lugar não nos oferece garantias quanto à qualidade do espetáculo.

Na realidade, atualmente existem tantas maneiras de narrar e processos de aprendizado desse ofício quanto contadores de histórias<sup>14</sup>.

Ser contador hoje é querer dar vida ao conto, com suas palavras, com suas experiências, com sua sensibilidade moderna e com uma nova ‘parole conteuse’. Ser contador é buscar originalidade para encontrar a sua identidade. Apesar da instabilidade, do desconhecido e da fragilidade que envolvem seu universo, o novo contador torna-se mais ou menos homem de espetáculo; busca a harmonia e procura, ao lado de uma palavra quase extinta, sua fonte de inspiração e de recriação. Uma vez longe da tradição, ele parte em busca de fontes de seu tempo, solitário e sem guia (2005:125).

Com relação à formação, há contadores que entraram em contato com a prática narrativa durante a infância e não participaram dos cursos

---

<sup>14</sup> Ver *O voo dos pássaros* (CATENACCI, 2008), pesquisa que articula conceitos desenvolvidos por pesquisadores dedicados à temática da oralidade e do universo dos contos, à fala de narradores convidados a participar do “II Encontro Internacional de Contadores de Histórias” e do vídeo-documentário “Histórias”. Tal estudo também é composto por depoimentos dos novos contadores e de narradores tradicionais registrados em pesquisas relacionadas ao tema.

ministrados por seus pares; outros que, apesar da experiência vivida na juventude, decidiram aperfeiçoar seu modo de narrar por meio de uma formação cênica; há aqueles que, ao contrário, descobriram a “contação” com os novos contadores e os que já tinham uma formação cênica, quando descobriram o ofício de narrador.

Sobre o repertório, quem se dedica ao ofício de narrar na contemporaneidade, serve-se de fontes variadas: são contos tradicionais que chegaram aos ouvidos pela boca de outrem; apropriações desses contos por meio das publicações realizadas por pesquisadores que se dedicaram à coleta e registro desses contos; adaptações de histórias autorais impressas nas páginas dos livros; além de narrativas criadas pelo próprio contador. Talvez, por ser o meio mais acessível ao contador contemporâneo, os textos impressos representem a principal fonte na busca das histórias que ganham nova vida ao serem transmitidas pela voz.

Como contadores orais, percebemos a necessidade de abastecer constantemente nossos repertórios de narrativas. A ‘mina de ouro’, a fonte destas narrativas está na literatura dita infantil (...) (BRENMAN, 2003:123).

No que diz respeito à *performance*, existem contadores que não utilizam objetos; outros que só utilizam objetos; que usam objeto, voz e gestos; que só trabalham em grupo; que às vezes trabalham em grupo; que combinam a narração com a linguagem musical, etc. Há aquele que senta na cadeira e conta quase sem nenhum gesto e o que dispensa a cadeira e se mantém em pé diante do seu público. Eles exercem seu ofício em espaços igualmente diversificados: vão do quintal de uma livraria ao palco de um grande teatro, passam pelas escolas, bibliotecas, parques, praças públicas. O mesmo contador pode, inclusive, variar a sua *performances* dependendo da situação, do espaço, da relação com o público ou por uma demanda pessoal/profissional em relação a novas experiências estéticas.

Embora sua profissão encontre-se ainda em gestação na atualidade, os contadores contemporâneos possuem uma certa autonomia artística. Digo “certa autonomia artística” pois, na medida em que os novos contadores se propõem a viver da prática de contar histórias, a formação do

seu repertório, seu espaço de atuação e os elementos estéticos da sua *performance* estão sujeitos a solicitações por parte daqueles que contratam os seus serviços.

De fato a prática narrativa “sofreu fortemente as influências de uma sociedade que se organiza segundo as bases técnicas de uma industrialização sofisticada e de um olhar social cuja solidão e individualismo são o tema principal” (PATRINI, 2005:96). Mas, apesar do presságio moderno, essa arte não se folclorizou, ou seja, não se apresenta na contemporaneidade como uma relíquia “jogada em um não-lugar, onde só lhe resta morrer de morte natural” (ZUMTHOR, 2005:86). Transformou-se, mas continua a despertar prazer entre aqueles que se apropriam dela como emissores e ouvintes, encontrando um lugar nos dias atuais.

## Referências Bibliográficas

ALENCAR, Marcelo. “*Quem quiser que conte outra*”. Revista Educação. São Paulo, abril de 2000, pp. 42-57, 2000.

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. *Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, FALE/UFMG, 2004.

BENJAMIN, Roberto (Coord.). *Contos populares brasileiros: Pernambuco*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRANDÃO, Adelino. *A presença dos irmãos Grimm na literatura infantil e no folclore brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1995.

BRENMAN, Ilan. *Através da vidraça da escola. Uma reflexão sobre a importância da leitura em voz alta de obras literárias na educação*. São Paulo, (dissertação de mestrado), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2003

CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas; estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.

CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

CASCUDO, Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1999.

\_\_\_\_\_. *Seleta*. Rio de Janeiro: Livraia José Olympio/Instituto Nacional do Livro, 1972.

CATENACCI, Vivian Silva. *O vôo dos pássaros: uma reflexão sobre o lugar do contador de histórias na contemporaneidade*. São Paulo, (dissertação de mestrado em Antropologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. "Cultura popular - Entre a tradição e a transformação". In: São Paulo em perspectiva. Volume 15, nº 2, pp. 28-35, São Paulo: Fundação Seade, Abr-Jun, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. *O Conto de Fadas: símbolos e arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003.

GOMES, Lindolfo. *Contos populares*. São Paulo: Melhoramentos, [1ª edição 1918], 1965.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969.

LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense, 1975.

MAGALHÃES, Couto de. *O selvagem*. Belo Horizonte:USP/Itatiaia, 1975.

MARIA, Luiza de. *O que é conto*. 4 ed., São Paulo: Brasiliense, 1992.

MATOS, Gislayne; SORSY, Inno. *O ofício do contador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2005

PADILHA, Viriato. *Histórias do arco da velha*. Rio de Janeiro: Quaresma, [1ª edição1897], 1995.

PATRINI, Maria de Lourdes. *A renovação do conto – Emergência de uma prática oral*. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTEL, Figueiredo. *Contos da carochinha*. Belo Horizonte: Garnier, [1ª edição 1894], 1963.

PINTO, Alexina de Magalhães. *Nossas histórias: contribuição do folclore brasileiro para a bibliotheca infantil*. Paris: Imp. Eyméoud, 1907.

ROMERO, Silvio. *Folclore brasileiro – Contos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954

TAVARES, Juvenal. *Serões da mãe preta*. Belém: Fund. Cultural do Pará Tancredo Neves, [1ª edição1897], 1990

VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

ZUMTHOR, Paul. *Escritura e nomadismo*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Sonia Queiroz. Cotia:Ateliê Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. *A letra e a voz*. Trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

## **Outras Fontes**

ENCONTRO INTERNACIONAL DE CONTADORES DE HISTÓRIAS – BOCA DO CÉU, 2. [Programa do evento]. São Paulo:Sesc Pinheiros, 2006.

## **Fonte áudio-visual**

HISTÓRIAS. Direção: Paulo Siqueira. Produção: Benita Prieto. Rio de Janeiro: Ópera Prima Produções Artísticas, 2005.

## **Site consultado**

[www.rodadehistorias.com.br/eventos.](http://www.rodadehistorias.com.br/eventos.)

# Sobre os Autores

## Bárbara Luna de Araújo

Mestre em Antropologia pelo Programa em Pós-Graduação em Antropologia da UFPE. Integrante do Conselho Gestor do Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros – NASEB/ UFPE. É professora da FACIG – Faculdade de Igarassu. Principais publicações:

- Ariano Suassuna: um contador de histórias na era eletrônica. In: BARBOSA, Eduardo Romero L. & NOGUEIRA, M<sup>a</sup> Aparecida L. (orgs). *Cartografias Culturais do Imaginário e da Complexidade*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.
- Assombrações do Recife Novo: Tradição e Modernidade. In: *Anais do I Simpósio Internacional de Ciências das Religiões*. João Pessoa: Pindorama Records, 2007. (meio digital).

## Claudia Izique

Graduada em Ciências Sociais pela PUC-SP. Foi editora de Política do Jornal Gazeta Mercantil, repórter especial do Correio Braziliense e editora de Política Científica e Tecnológica da revista Pesquisa FAPESP. Principais publicações:

- Co-autora do livro *Cidades Nota 10 - vida inteligente na administração pública brasileira*. São Paulo: Editora de Cultura, 2008.
- Biografias de Getúlio Vargas, Leonel Brizola e Mário Andreazza, publicada no livro *Políticos ao Entardecer*, São Paulo: Editora de Cultura, 2007.

## Edgard de Assis Carvalho

Graduação em Ciências Sociais, USP; Doutor em Antropologia Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro; Pós-Doutor pelo École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris. Livre docente, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, UNESP-Araraquara; Professor Titular de Antropologia, PUC/SP; Coordenador atual do COMPLEXUS, Núcleo de Estudos da Complexidade, PUC/SP; Professor Visitante recorrente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Professor Permanente do Doutorado em Saúde Coletiva da Fiocruz - Instituto Aggeu Magalhães, Recife. Principais publicações:

- *Enigmas da Cultura*, São Paulo: Cortez, 2003.
- *Virado do Avesso*, São Paulo: Selecta Editorial, 2005.

## George Michael Alves de Lima

Graduando em Ciências Sociais Licenciatura-UFPE; Integrante do Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros-NASEB/UFPE. Principais publicações:

- *Um pé no mundo, outro no céu*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007
- Organização da obra - *Xepa Literária*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

## Jarbas Araújo

Sociólogo aposentado da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Artista Plástico; Educador, Coordenador do Projeto Escola Viva (MinC/FUNARTE).

## Joanice Santos Conceição

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Bahia; Mestre em Ciências Sociais e Doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduação de Ciências Sociais (área de concentração: Antropologia) pela PUC/SP. É integrante do Núcleo de Estudos: Relações Raciais, Memória, Identidade e Imaginário. Principais Publicações:

- Rituais mortuários: espaço de construção identitária. *Revista Espaço Acadêmico*, N. 94, Ano VIII – 2009.
- Irmandade da Boa Morte: festa e cotidiano - espaço de uma identidade. *Revista Científico*, VI V, nº. X, p. 1-215. 2004.

## Maria Aparecida Lopes Nogueira

Professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE): Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) e do Departamento de Ciências Sociais (DCS).

Antropóloga, com Mestrado em Antropologia (UFPE); Doutorado e Pós-Doutorado em Ciências Sociais (área de concentração: Antropologia): PUC/SP.

Coordenadora do Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros (NASEB/UFPE); Pesquisadora e Vice-Líder do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o Imaginário; Professora Permanente do Doutorado em Saúde Coletiva da Fiocruz - Instituto Aggeu Magalhães, Recife. Principais publicações:

- *Almanaque: toda a oficina da vida*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2008.
- *O Cabreiro Tresmalhado – Ariano Suassuna e a Universalidade da Cultura*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

## Maria da Conceição Xavier de Almeida

Antropóloga Graduada em Sociologia e Política (UFRN). Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora e Orientadora de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFRN. Coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade–GRECOM/UFRN. Membro da Association pour la pensée complexe (Paris). Membro do Conselho Internacional da Universidade Mundo Real Edgar Morin (Hermosillo, México). Membro do Conselho Científico da Catedra para la Transdisciplinaridad (Valladolid– Espanha). Principais publicações:

- *Polifônicas Idéias – por uma ciência aberta*. Org. em parceria com A. Almeida e M. M. Knobbe. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- *Ensaio de Complexidade*. Org. em parceria com E. de A. Carvalho, e G. de Castro. Porto Alegre: Sulina, 1997.

## Maria das Graças Vanderlei da Costa

Mestre em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE. Professora do Curso Superior em Design Gráfico, IFPE- Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia de Pernambuco. Integrante do Conselho Gestor do Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros – NASEB/UFPE. Principais publicações:

- Ninhos de Envolvimento. In: *Anais do XV Ciclo de Estudos sobre o Im-*

ginário, Recife, 2008.

- A Dádiva e os Caretas de Triunfo: Prestações e Contraprestações na Festa Carnavalesca. In: *Anais VII Reunião de Antropologia Mercosul VII RAM*, 2007, Porto Alegre.

## **Maria do Socorro F. V. Figueiredo**

Graduada em Fonoaudiologia, Mestre em Antropologia, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE. Integrante do Grupo de Estudos sobre Contadores de Histórias - AKAPALÔ do Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros – NASEB/UFPE. Principais publicações:

- Expropriados de Tempo e Espaço: Itacuruba, identidade em suspenso. In: *Anais do XV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário*, Recife, 2008.
- Reassentamento de Itacuruba: contadores de histórias e narrativas gestando a cidade. In: *Anais da I Reunião Equatorial de Antropologia - X Reunião de Antropólogos Norte-Nordeste*. Aracaju, 2007.

## **Rejane Guedes Pedroza**

Nutricionista, graduada em 1987 pela UFRN; Mestranda em Ciências Sociais (PPGCS/UFRN); trabalha como nutricionista na Secretaria Municipal de Saúde da Cidade de Natal/RN. Principais trabalhos publicados:

- Compre 3 e pague 2... Tudo no cartão, 10 vezes sem entrada... Produto de primeira qualidade, design exclusivo!... Aproveite, compre logo... Só hoje. 4ª ed., *Revista Inter-Legere*, Janeiro a Junho de 2009.
- Cuidando do Cuidado de Si na Assistência Nutricional trabalho completo publicado nos anais do *III CIPA - (Congresso Internacional de Pesquisa*

*(Auto)Biográfica*, setembro/2008.

## Sandra Simone Moraes de Araújo

Bacharel em Serviço Social, Mestre em Antropologia, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE e Integrante do Conselho Gestor do Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros – NASEB/UFPE. Principais Publicações.

- A Cidade e os Cegos – exclusão e inclusão no século XXI. In: *Anais do XV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário*, Recife, 2008.
- Os Cegos e os Enigmas da Cidade. In: *I Simpósio Internacional de Ciências das Religiões*. Anais do Simpósio – [www.pdf4free.com](http://www.pdf4free.com) João Pessoa, 2007.

## Vivian Silva Catenacci

Bacharel em Ciências Sociais e Mestre em Antropologia pela PUC/SP. Atua desde 1998 como contadora de histórias e, atualmente, compõe o núcleo artístico dos grupos *Girasonhos e Mulheres Tecelãs*. Principais Publicações:

- Cultura Popular: entre a tradição e a transformação. *Revista São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 2, pp. 28-35, 2001.
- Era uma vez: A Arte de contar Histórias. In: *Anais do I Simpósio Nacional: Ciência, Arte e Educação na Pós-modernidade*, Instituto de Biociências, UNESP, Botucatu, v. 1, p. 49-52, 2001.

# Participantes

## **GRUPOS PARTICIPANTES DO CONCURSO PARA CRIAÇÃO DA MARCA AKAPALÔ e da CAPA DO LIVRO “O Bom Pensamento: contadores, intérpretes e narradores”**

### **MARCA AKAPALÔ:**

#### **Grupo 4D Design**

Mariana Cristina Fontes Oliveira  
Simone da Silva Tenório  
Quézia Gomes de Melo

#### **Prodesign**

Gustavo Felipe Correia de Farias  
George Manoel Pedrosa de Oliveira  
Isabela Cristina Guilherme de Araújo  
José Glaucio Carvalho de Menezes Junior  
Roberto Pedrosa de Souza

#### **Grupo D-Graf**

#### **(GRUPO GANHADOR DA MARCA)**

Diego de Luna Fraga  
Davi Gomes de Sales  
Raisa Almeida Feitosa  
Marília Narjara Lôbo Silva  
Natan Lemos Vasconcelos Kawashima

**CAPA DO LIVRO:** \_\_\_\_\_

**Grupo Neograf**

**(GRUPO GANHADOR DA CAPA DO LIVRO)**

Gabriel da Costa Lima Wanderley

Letonio da Silva Martins

Carlos Eduardo Bernardo Lopes

José Valdo de Azevêdo Lima

Thyago Robert Gomes Marinho

Poliana Watuze dos Santos

**Grupo anyDesign**

Ana Kelly Souza Menezes

Guilherme Rodrigues de Melo

Maria Helena Araújo de Lima

Rayana Hanna Verissimo Pereira

Taryn Newt Polieste Cabral

## **O Bom Pensamento: contadores, intérpretes e narradores**

INFORMAÇÕES GRÁFICAS  
TIPOGRAFIA | Calibri

**Editora**  
**Universitária**  **UFPE**

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 - Várzea  
Recife | PE CEP: 50.740-530 Fax: (0xx81) 2126.8395  
Fones: (0xx81) 2126.8397 | 2126.8930  
[www.ufpe.br/edufpe](http://www.ufpe.br/edufpe) - [edufpe@nlink.com.br](mailto:edufpe@nlink.com.br) - [editora@ufpe.br](mailto:editora@ufpe.br)



O bom pensamento é constituído pelos ensinamentos da natureza e da cultura. Segundo Mestre Raimundo, contador de histórias, morador da cidade do Crato no estado do Ceará, "as histórias são como a terra na qual se plantam as músicas. A pessoa pode não ter estudo, mas tem que ter um pensamento bom, porque é pelo pensamento que a gente verifica, presta atenção a tudo, sabe do tempo, do inverno, dos astros".

Embora cada texto traga consigo as marcas de mansidão e dor que embalam as múltiplas trajetórias dos autores que compõem este livro, todos foram guiados pelo bom pensamento, que possibilita visualizar uma imagem não-perdida: uma roda aquecida pela presença de todos ao redor de uma fogueira abrasadora, onde discutem que a existência é efêmera e reconhecem estupefatos as semelhanças entre seus textos. Afinal, eles - os textos - conversam entre si; como se juntos, formassem uma espécie de mandala repleta de desvios, flutuações, encruzilhadas e labirintos que reafirmam - simultaneamente - o sonho de uma única Via.

